

DO ESPÍRITO DA COISA: UM CÁLCULO DE GRAÇA

Karin de Paula Slemenson

Orientador: Prof. Dr. Luís Claudio Mendonça Figueiredo

**Doutorado em Psicologia Clínica
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

São Paulo – 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DO ESPÍRITO DA COISA: UM CÁLCULO DE GRAÇA

Karin de Paula Slemenson

**Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob
orientação do Prof. Dr. Luís Claudio Mendonça Figueiredo.**

PONTFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PSICOLOGIA CLÍNICA

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

A presente tese aborda as operações envolvidas no percurso de uma psicanálise pelo viés da agudeza e dos efeitos do *Witz*, entendido, aqui, como traço espirituoso. Nesta perspectiva, o *Witz* engendra uma possibilidade de saber-fazer com o sem sentido, sem pretender recusar sua condição de inapreensível. O percurso de uma análise é proposto, aqui, como aquele que implica a passagem de uma experiência dramática, vivida no cotidiano, à sua dimensão trágica, desnudada no contexto da análise. Tal passagem consiste num agravo da experiência vivida que teria trazido alguém para uma análise. Não sendo a psicanálise uma prática funesta, considera-se um novo desdobramento da experiência, que compreenderia encontrar um traço espirituoso no lugar que, antes, para o analisante, parecia de morte. Esta seria, então, uma condição tanto do/para o percurso, como do final de uma análise, o que exigiria do analisando não só frequentar o sem sentido de suas experiências, mas, também, a partir daí, dar o ar da graça e dizer ao que veio, inscrevendo, assim, uma participação singular na comunidade humana. Sacar o espírito d'A Coisa dependeria de um cálculo de graça realizado por aquele que se fizer aposta-dor e suportar os agravos que a experiência psicanalítica propicia.

ABSTRACT

This thesis proposes an understanding of the operations that are involved in a psychoanalytic trajectory by means of the sharpness and the effects produced by the *Witz*, understood, here, as 'witty and spirituous trace'. In this perspective, the *Witz* generates a possibility of knowing-to-do with the *nonsense*, without intending to refuse its condition of being impossible to grasp. The trajectory of a psychoanalytic process is proposed here as the one that demands the passage from a dramatic experience, lived in everyday life, to its tragic condition, which is unveiled in the context of the analysis. Such a passage means the aggravation of the lived experience that had brought someone to an analytical experience. Once psychoanalysis is not a sinister practice, the thesis considers a new unfolding of the psychoanalytical experience which would mean finding a trace of grace in the place that, for the one in analysis, was formerly of death. That would be thus a condition for and derived from the analytical trajectory, as well as for the end of a psychoanalysis – which would request the one in analysis to co-exist with the *nonsense* and, from this point on, to build his/her voice, therefore inscribing his/her singular participation in human community. Triggering the spirit of The Thing depends on a 'calculus of grace' to be made by the one who positions him/herself as being ready to bet his/her anguish and to afford the aggravations that are part of the psychoanalytic experience.

AGRADECIMENTOS

Estar bem acompanhada foi, sem dúvida, a condição para o percurso de realização do trabalho que é aqui apresentado. Agradeço a companhia de Luís Cláudio, Silvana, Gary, Tomás, Teodoro, Franklin, Heleninha, Hércules, Tiago, Caio, André, Joana, Carolina, Mariana, Rafael, Gustavo, Camila, Jandira, Cida, Janete, Helena, Ligia, Wilson, Márcio, Patrícia, Anna Paula, Walkyria, Altemio, Jairo, Regina F., Christianne, Paulo, Suzy, Regina A., Tiago C., Dani, Sônia, Helen, Anna Claudia, Isaura, Tânia, Antônio, Daniel e Ricardo.

Tendo podido ser uma entre outros, gostaria ainda de mencionar o muito que tenho a agradecer a José Maria e a Mariana, precursores, de diversas maneiras, do meu interesse pela vida.

Para Tomás e Teodoro

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Da montagem da equação.....	14
Da conversão à “conversinha”	16
<i>Witz</i>: a palavra espirituosa.....	19
<i>Witz</i>: jogando com palavras, apostando nos efeitos.....	25
Da despesa.....	31
Do orçamento.....	34
Do[a] capital da graça: ainda sobre o drama especular.....	43
Do <i>crupier</i>: a sustentação de um jogo trágico.....	62
Da instabilidade financeira do apostador (aposta-dor?).....	79
Do crédito: do embargo à voz.....	89
Dar o ar da graça: o dom de dizer.....	97
Bem-vindo à alegria no deserto do Real.....	108
Da aplicação dos recursos: do sonho ao <i>Witz</i>, um saber fazer com isso	115
Da dívida: os efeitos da psicanálise da/na vida cotidiana.....	118
Do saldo: abismar-se não é siderar-se	130
Pós-escrito.....	136
Bibliografia	140

INTRODUÇÃO

Em 1996, um pequeno grupo de psicanalistas se reuniu em torno da proposta de interrogar e problematizar a articulação existente entre a Psicanálise e o social. Esta tarefa incluiu a oferta de psicanálise para uma população habitualmente excluída do acesso a esta experiência, direta ou indiretamente, pelo fator econômico. Tal oferta gerou uma demanda por tratamento e estabeleceu uma clínica que deflagrou novas possibilidades de ampliação da experiência psicanalítica.

Foi a partir daquele contexto clínico e institucional que surgiu a questão, desenvolvida como dissertação de mestrado, sobre como é incluído e manejado o dinheiro numa psicanálise. De certa forma, ficou configurado no referido trabalho que, embora a pergunta tenha surgido num contexto onde justamente falta o dinheiro, ela, de fato, produz uma interrogação mais ampla, qual seja, sobre o que vem sendo o dinheiro para a Psicanálise em quaisquer outras circunstâncias monetárias.

A dissertação sobre o tema, intitulada “Sem ou Cem? Sobre a inclusão e o manejo do dinheiro numa psicanálise”, foi desenvolvida em três perspectivas, todas as três intimamente relacionadas: a perspectiva institucional, a perspectiva metapsicológica e a política.

Da perspectiva institucional, foram trazidas para a discussão, além do Fórum de Psicanálise, a qual resultou da reunião de psicanalistas referida acima, o Grupo Bastilha (França) e a Clínica Social Anna Katrim Kemper, do Rio de Janeiro.

Embora constituam experiências diversificadas, elas permitiram, também de formas distintas, marcar a pertinência e a complexidade envolvidas na proposta de ampliação do acesso à psicanálise como uma via que implica a responsabilidade social da Psicanálise. Assim, foi suscitada a pergunta: o que a Psicanálise teria a contribuir no atual estágio da civilização e, sobretudo, num país como o Brasil, sem se

descaracterizar, isto é, sem se tornar assistencialismo ou *furor sanandis*? Tal indagação permeou todo o trabalho.

Da perspectiva metapsicológica, foi feita a apresentação de um campo onde o dinheiro pode não ser o que parece. Subvertendo as leis do mercado, o dinheiro, trazido para o campo da economia psíquica articulada pela palavra, revelou-se instrumento fundamental de e para experiência psicanalítica. Tal transposição de campos implicou grande complexidade, uma vez que, não sendo excludentes, tais campos exigiram suas particularidades e articulações mútuas. Para a discussão, além de uma abordagem mítica da origem do dinheiro na cultura e da própria circulação do dinheiro na arena social, através de um filme cuja protagonista é uma nota de 20 dólares, foram introduzidos fragmentos clínicos que permitiram situar o dinheiro na prática ligada ao Fórum de Psicanálise. Com isso, ficou colocada a especificidade da circulação do dinheiro numa psicanálise como consequência da articulação do elemento dinheiro na economia psíquica da palavra. Nesta angulação, a circunstância de falta de dinheiro, recorrente entre aqueles que se dirigiam ao Fórum de Psicanálise, adquiriu uma nova dimensão.

Da perspectiva que denominei política, a relação do psicanalista com a Psicanálise foi considerada elemento decisivo para o enfrentamento da questão da ampliação da possibilidade da experiência psicanalítica. Tal relação implicaria, então, um custo a ser assumido pelo analista em prol dos progressos e mesmo da sobrevivência da Psicanálise. Neste contexto, seria reconhecível, por exemplo, na prática desenvolvida pelos psicanalistas ligados ao Fórum de Psicanálise, um compromisso com a própria transmissão da Psicanálise. Assim, fosse sem ou com o dinheiro envolvido num tratamento psicanalítico, o que estaria sendo visado seria a transmissão da “peste”.

Então, por uma via de acesso à questão, sustenta-se a necessidade lógica da perguntar: quanto custa uma –não todas- psicanálise? Sem ou Cem?

É possível acompanhar na dissertação de mestrado [Sem ou Cem?], a qual venho me referindo, alguns fragmentos clínicos, nos quais a inclusão e o manejo do dinheiro tiveram destaque. Em cada uma das três ocorrências da clínica apresentadas, o valor monetário e suas alterações foram atribuídos aos tratamentos como intervenção para a promoção do trabalho psíquico; e seus escalonamentos para apresentação no

trabalho visaram mostrar a pluralidade de relações possíveis diante da proposta clínica apresentada, bem como a liberdade tática que uma abordagem do dinheiro pode receber. No entanto, é possível interrogar como esses valores foram calculados. A questão é: como isso se fez (e se faz na clínica)? Por que, na particularidade de cada caso, o valor é um e não outro? Teria tal cálculo algo a ver, com sua [do valor] condição significativa e de linguagem, conforme indicado na dissertação, que, uma vez nomeado, viabilizaria o efeito da contaminação, da transmissão da “peste”?

Diante desta questão, dois pontos pareceram merecedores de explicitação no contexto da clínica psicanalítica: 1) a possibilidade de nomeação de valores, que me propus a desenvolver a partir da discussão sobre a palavra e sua validade, que já não pode mais ser pensada exclusivamente em referência às leis morais ou do mercado de inserção profissional; e, conseqüentemente, 2) as condições de nomeação e suas possibilidades de produção de efeitos, para as quais busquei reconhecer no contexto da Psicanálise, através da lógica do *Witz*, o paradigma de uma operação dessa produção (de efeitos). Cabe ainda perguntar se tais investigações, de fato, levarão a alguma compreensão mais apurada da questão da validade e dos decorrentes valores implicados na transmissão envolvida na e para uma psicanálise. Estas são as indagações que pautam a presente tese.

A abordagem paradigmática do *Witz* como operação de produção de efeitos abre a possibilidade de encaminhamento de uma discussão que diz respeito não só ao discernimento dos elementos significativos para a possibilidade de validade e nomeação dos valores numa sessão de análise – para um determinado sujeito, em um determinado momento de sua análise–, mas também à perspectiva da formalização dos diferentes momentos do percurso de uma psicanálise e, ainda, à perspectiva de formalização da própria concepção de fim de análise.

No que se refere ao percurso de uma análise, levanto a possibilidade de que exista a sustentação da passagem do drama especular vivido pelo neurótico a uma experiência trágica, que se daria pela própria entrada em análise por meio de operações equivalentes a um *Witz*. Nesta experiência inaugurada e sustentada pelo dispositivo da psicanálise, seria colocada em perspectiva, ao contrário do que encontramos na conclusão do trágico, não a morte, mas uma nova relação com a morte, e, em consequência, com a própria vida, também por uma e numa operação da ordem do *Witz*.

Por esta via, estariam alocadas as condições de possibilidade de simbolização da morte, o que não é pouca coisa, mas, entretanto, não é tudo, pois ao tornar possível fazer-se *Witz* com a morte, não fica destituída a exigência de inclusão de que a morte não faz *Witz*.

A remissão aos argumentos da dissertação de mestrado presta-se, aqui, para colocá-los a serviço da exploração de seus desdobramentos em novas questões, que constituem o objeto da tese.

Neste contexto, o argumento daquele trabalho referido ao valor monetário de uma sessão de análise transforma-se em metáfora do que deve estar em questão, do ponto de vista lógico, no cálculo e na nomeação de um jogo com as palavras – o jogo de uma psicanálise –, em prol da movimentação de uma angústia suficiente para mobilizar trabalho, ao mesmo tempo em que não fossem ultrapassados os limites a partir dos quais a inibição elaborativa e a paralisia se imporiam, já que ao considerar-se que a morte não faz *Witz*, não será o caso de negligenciar que, quanto a isso, a angústia não se engana.

Na maior parte das vezes, o termo *Witz* será mantido em alemão, pois considero que sua habitual tradução para o português como chiste, tal como proposta pela Standard Edition, mantém a expressão atrelada, de maneira redutora, à idéia de piada, enquanto seus traços de desconcerto e até de aterramento, presentes no termo freudiano, encontram-se amenizados ou até desconsiderados, o que não seria justo, nem interessante, para a discussão sobre a clínica psicanalítica. *Witz*, portanto, não é necessariamente chiste ou piada, embora inclua estas formas.

Como formulou Friedrich Schlegel (1997), em um de seus fragmentos:

Respeitam pouco o chiste, porque suas manifestações não são suficientemente longas e amplas, e a sensibilidade deles é apenas uma matemática obscuramente representada; e porque riem dele, o que seria contra o respeito se o chiste tivesse verdadeira dignidade. O chiste é como alguém que, por regra, deveria representar e, em vez disso, simplesmente age.

Algumas considerações sobre a abordagem de diversos autores das diferentes tradições da Psicanálise são evocadas no texto, corroborando o reconhecimento e o encaminhamento da angústia no contexto do “jogo clínico”. A teoria dos jogos é igualmente de valia aqui.

Para o percurso, não só o *Witz* torna-se conceito necessário, como também o estabelecimento das noções de cálculo, aposta, estilo, agravo, de se deixar enganar e a da própria idéia de graça em questão.

Ocorrências da clínica são introduzidas ao longo do texto, de forma recorrente e breve, pois não será segredo que o que está recalcado no desenvolvimento da argumentação apresentada são as próprias inquietações da clínica que causaram a empreitada.

Num limite tenso e tênue, o presente texto – no qual a palavra é tomada num contexto que dá oportunidade de sustentação de seus efeitos, precisamente o contexto da clínica psicanalítica – busca situar o reencontro com um traço de espírito, aqui proposto como a possibilidade de dar-se o ar da graça, o de cada um poder dizer ao que veio num deserto de Real no mundo, em uma forma de presença singular e válida para si, junto à comunidade humana.

Talvez não seja desmedido reconhecer a ambição deste trabalho de apresentar-se como sendo, mais do que sobre o *Witz*, um *Witz*.

DA MONTAGEM DA EQUAÇÃO

Já há alguns anos, venho investindo num envolvimento crescente com a Psicanálise. Nesta experiência, as práticas clínica e de transmissão da teoria, na atividade de ensino e na vivência institucional, continuam convocando a reflexão sobre o tratamento psicanalítico, especificamente o das neuroses.

Além e aquém das especificidades, nada mais próprio ao escopo da Psicanálise do que a equação do tratamento das neuroses. De fato, como praticante, realizo uma clínica que, embora não tenha se estabelecido pela existência de uma placa na porta de meu gabinete onde esteja escrito “escuta-se neuróticos”, caracteriza-se por análises que implicam a neurose, em sua grande maioria. Sem pretender responder ao enigma da precedência entre o “ovo e a galinha”, julgo pertinente situar meu interesse por esta clínica (a das neuroses). Por exemplo, na universidade, trabalho com alunos de segundo ano de Psicologia e tenho como proposta trazer para estes estudantes a invenção freudiana, o que enfatiza o campo de problemática das neuroses. Meu interesse pela teoria e pela clínica das neuroses tem como efeito uma prática, e esta prática me conduz a circunscrever o campo das neuroses como o campo no qual pretendo empreender nova incursão.

Ao referir-me à neurose, estou considerando não o conjunto de sintomas, mas, sim, uma estrutura clínica em particular. O ponto a marcar aqui é que o uso do termo neurose para designar uma estrutura permite questionar a distinção entre neurose e normalidade. Nesta perspectiva, estruturalmente, não há nenhuma diferenciação entre o sujeito reconhecido como normal e o neurótico. Ou seja, não existe nenhuma posição quanto a um critério de “saúde mental” que possa ser denominado como normal. A estrutura normal, no sentido em que se encontra na maioria das estatísticas da população, equipara-se à neurose, e a “saúde mental” constitui um ideal ilusório que nunca será alcançado, porque o sujeito está essencialmente “escindido”. Conseqüentemente, a meta do tratamento psicanalítico não é a erradicação da neurose, mas, sim, a modificação da posição do Sujeito frente a ela.

Vale lembrar que o elemento normativo não só é um elemento presente na neurose, como necessário para sua própria constituição, através da cultura, da linguagem, e é aquilo que rende à neurose sua condição desejante. Em posição concordante com Lacan, é possível afirmar que a estrutura de uma neurose é essencialmente uma pergunta. A neurose seria, então, uma pergunta que o ser formula ao Sujeito. As duas formas de neurose que caracterizariam a histeria e a neurose obsessiva se distinguiriam pelo conteúdo desta pergunta. A pergunta do histérico – “sou homem ou sou mulher?” – se relacionaria com o próprio sexo, sobre sua identidade sexual e a própria bissexualidade e falta de objeto da pulsão. Por sua vez, a pergunta do obsessivo – “ser ou não ser?” – teria a ver com a contingência da própria existência, sobre a morte e a existência. Ambas são perguntas que encontram o caminho do desejo e seus desvios como resposta. A condição de neurose diz respeito, então, não a uma classificação nosológica, mas a uma maneira de acompanhar, pela relação que cada um mantém com o jogo da linguagem, deflagrado numa psicanálise, sua posição quanto ao desejo e ao gozo do ser.

Nos primórdios da Psicanálise, havia a neurose e a *talking cure*. É daí que pretendo partir e interrogar: qual a relação do neurótico com sua palavra? Como a palavra falada engata o corpo da histórica histérica em sua conversão? Ou o do obsessivo em sua busca de imobilidade/imortalidade? Que efeito a fala produz para o neurótico?

DA CONVERSÃO À “CONVERSINHA”

*Verba volant, scripta manent?*¹ Ao contrário da crença popular de que as palavras voam, a Psicanálise nos faz admitir que as palavras permanecem, se inscrevem na carne, no corpo. No final do século XIX, situado na contramão das propostas de intervenção físico-químicas praticadas pela classe médica, o tratamento da histeria por via psíquica, embora produzisse efeitos, era considerado como sendo de menos valor. Mas Freud sustentava:

*Um recurso dessa índole o é sobre toda a palavra, e as palavras são, em efeito, o instrumento essencial do tratamento anímico. E logo achará difícil conceber que perturbações patológicas do corpo e da alma podem ser eliminadas mediante <<meras>> palavras do médico. Pensará que está alentando crer em encantos, e não andarás tão equivocado; as palavras de nossa fala cotidiana não são outra coisa que uns encantos desvanecidos. Mas será preciso empreender um largo rodeio para tornar compreensível o modo em que a ciência consegue devolver à palavra tina parte, ao menos, do seu primitivo poder encantador.*²

A palavra/fala se converte em um dos mais importantes termos da obra de Lacan desde o princípio da década de 50. Em seu célebre “Discurso de Roma”, Lacan denunciou o modo com que a teoria psicanalítica contemporânea vinha negligenciando o papel da palavra em Psicanálise. Curiosamente, a Psicanálise continuava sendo, como o é até os dias de hoje, uma *talking cure*. Qualquer psicanalista, seja

¹ “As palavras voam, a escrita permanece.”

² No original: “Un recurso de esa índole es sobre todo la palabra, y las palabras son, en efecto, el instrumento esencial del tratamiento anímico. El lego hallará difícil concebir que unas perturbaciones patológicas del cuerpo y del alma puedan eliminarse mediante «meras» palabras del médico. Pensará que se lo está alentando a creer en ensalmos. Y no andarás tan equivocado; las palabras de nuestro hablar cotidiano no son otra cosa que unos ensalmos desvaídos. Pero será preciso emprender un largo rodeo para hacer comprensible el modo en que la ciencia consigue devolver a la palabra tina parte, siquiera, de su prístino poder ensalmador.” (Freud, 1890)

este filiado a qualquer das tradições existentes da Psicanálise, propõe para aquele que a ele se dirige: fale. Esta é uma aposta que considera, no mínimo, que a palavra falada se mantém como meio de acesso ao sofrimento humano e implica considerar que esta, a palavra, esteja encarnada e articulada numa fala.

Falar supõe que alguém erga a voz diante do corpo de um Outro num espaço suficientemente restrito para que ele ouça e para que ele possa, de preferência, responder-lhe. A partir disso, a fala implica um buraco de silêncio em que cada locutor espera em vão a palavra justa que corresponderia a seu desejo. Por esta razão, a fala sub-tende o desejo e a castração, pois um outro corpo é necessário para assegurar o corte do qual o sujeito se desprende e se recobra. (M. Andrés, 1993)³

Ora, é na linguagem que já ouvimos, *e.g.* naquilo que necessariamente provém do Outro, que cabe a cada sujeito encontrar apoio e lugar, a fim de aí reunir seu próprio ser e seu próprio corpo.

Falar supõe dispor de um repertório de palavras, comuns aos seres falantes – a linguagem sobre a qual a fala repousa e se funda. O falar constitui um ato singular num tempo dado, em que a fala se desdobra até o embargo. Falar supõe uma captação do Outro e a espera de encontrar nele um retorno que viria completar sua falta-a-ser.

Mais precisamente, na abordagem que pretendo encaminhar aqui, partilho da concepção de que seja no emprego da linguagem que se desenvolve o ato analítico. E, ainda, que o ato analítico seja o elemento do qual surge o Sujeito cujo “inconsciente é estruturado como uma linguagem”. A este enunciado de Lacan (1953), no qual é reconhecível a própria constituição do registro Simbólico através da linguagem com sua lógica binária, soma-se a idéia de que “a estrutura é o Real que abre caminho na linguagem” (Lacan, 1973), introduzindo, assim, um terceiro elemento a esta lógica, a saber, o objeto causa de desejo. Por objeto causa do desejo (objeto a), podemos entender o próprio elemento que falta à pulsão em sua fonte (corpo) e que causa seu movimento (da pulsão) em direção aos objetos (alvo) vários e quaisquer para a realização de sua meta (satisfação erótica). O que vem a representar o objeto a, como o que falta, através do forjamento do falo através das cadeias de equivalência simbólica (seio, fezes, falo, bebê, dom, dinheiro, etc.), será fundamentalmente um recurso de designação de uma falta mais radical e primordial,

³ Verbete em Kaufmann(1993)

do nível do próprio corpo (Real), do qual o objeto pequeno a é resto.

Nesta perspectiva, palavra e linguagem estão articuladas. A linguagem admite o registro Simbólico, o qual implica a palavra falada em sua dimensão significante, ou seja, dimensão que remete a palavra à outra palavra, tendo sido perdido de vista o referente; e o registro Imaginário, segundo o qual a palavra é tomada em sua dimensão de significado e de significação, implicando a palavra em sua relação com o referente, ou seja, com a imagem da Coisa (*Das Ding*) ou do próprio corpo. O que resta dessa tomada pela palavra falada é a própria Coisa, aquilo que do corpo permanece no registro do Real, ou seja, fora do sentido, atrelado ao registro da necessidade, do instintivo. A idéia é que o que se refere à estrutura contempla a dimensão de inscrição na carne da operação da palavra/linguagem. Nesse sentido, as palavras proferidas não voam, ao contrário, permanecem...não excluem o corpo, ao contrário, nele as palavras ditas se inscrevem e, dessa forma, engendram-no como o que se constitui como causa do desejo.

A experiência humana é registrada, assim, no corpo (R), na imagem (I) e na linguagem (S). Então, proposições como “o inconsciente estruturado como linguagem”(1953) e “ a estrutura é o Real que abre espaço na linguagem” (1973) colocam em evidência a pertinência de considerar a palavra como o meio, o instrumento de uma *talking cure* que se edificou como Psicanálise, ou seja, integrando uma prática que pretende tratar dos avatares das almas encarnadas de forma análoga à de como corpo e alma estão ligados...

WITZ: A PALAVRA ESPIRITUOSA

*No sonho tem um umbigo muito confuso.
Um umbigo de uma agudeza e é perfeitamente agudo: em Witz.
Sua essência mais radical está expressa em um não-sentido.*

Jacques Lacan

O caráter ambíguo e enigmático da palavra falada é, então, do maior interesse para a discussão que se pretende encaminhar aqui, uma vez que, através dos sentidos que produz, tal caráter nos envia ao sem sentido. Aprendemos com Freud que ao acordarmos, ao abirmos os olhos, a experiência precedente, corporal, é tomada por palavras.

Tão pronto como a interpretação pesquisa o circuito do trabalho onírico, segue os caminhos que levam desde os pensamentos latente até os elementos do sonho, descobre o modo em que se tirou partido das ambigüidades das palavras e põe em manifesto as palavras-pontes entre os diversos círculos de matérias, transmite a impressão de algo ora chistoso (Witzig), ora esquizofrênico, e assim nos faz esquecer que todas as operações com palavras não são em um sonho senão outros tantos preparativos para a regressão à coisa {esforço da coisa concreta}.
(Freud,1917)

De fato, “A Interpretação dos sonhos” de Freud constituiu um marco para a Psicanálise e é inegável que cada vez que se busca iniciar uma nova argumentação no campo psicanalítico este texto continua sendo profícuo e inovador. Desde o primeiro capítulo do livro, Freud nos conduz à idéia de que um sonho é um enigma. A partir dessa condução, estabelece-se um trabalho de decifração que exige juízo lúdico, capaz

de articular algo que permanecia sem sentido na produção de um novo sentido . Subjacente a tal operação de sentido, está o seu caráter produtivo, pois seus efeitos de trabalho psíquico são exatamente o que será explorado na composição de uma nova lógica para a prática psicanalítica. Mas, ao mesmo tempo, está também subjacente o caráter efêmero da operação de sentido, pois logo se configurará a existência de um umbigo do sonho.

Então, a própria possibilidade de gerar novos sentidos produz efeitos. Ela coloca em movimento algo que se encontrava simbolizado, de forma enigmática, também nos sintomas. É a este algo que podemos chamar de Inconsciente. Aprendemos com Freud que os sonhos, os sintomas, os lapsos, os atos falhos e o *Witz* constituem as formações do Inconsciente. É possível reconhecer que para cada uma dessas formações do Inconsciente, o que está em jogo se produziu através do uso da palavra e de uma linguagem, ainda que compareçam no corpo, como é o caso do sintoma histérico.

Nesta composição, é possível afirmar que a idéia de inconsciente em discussão não é qualquer uma, mas a do Inconsciente freudiano, inaugurado na *Traumdeutung* de Freud, aquele que se forma a partir de uma certa tomada da palavra e do jogo que estas imprimem. Este é o instrumento proposto. É possível afirmar que tal idéia de inconsciente implica muito mais um dispositivo que coloca em marcha uma possibilidade de intervenção clínica do que um fato de natureza ou um fator biológico, ainda que, a partir da experiência gerada pelo dispositivo, algo possa ser dito sobre tais aspectos. É sobre este Inconsciente, creio, que se desenrola uma psicanálise. É a Isso que se pretende dar voz numa psicanálise, numa aposta de que Isso seja o móvel do sentido sintomático, e também o móvel da potência criativa de sentidos novos, sem deixar, contudo, de ser o sem sentido, e de ser incluído como tal.

Para considerar uma idéia de percurso que leve do Isso à constituição de sentido, cabe reconhecer que a fonte da pulsão está arraigada no corpo e que o desejo é o próprio movimento da pulsão em busca de um objeto (alvo), que encontra possibilidades languageiras de se fazer representar e realizar-se parcialmente, sob condição de inter-dito, própria das formações de compromisso ou do Inconsciente. O que está em jogo nas formações do Inconsciente, através da condição falante do ser humano, é a própria possibilidade de vir a assumir a condição do movimento desejante para a produção de um sentido próprio a cada um, e, por isso, singular, que encontra lugar na linguagem e no mundo.

Dessa perspectiva, na produção do sentido a ser decifrado ou produzido, a palavra falada entra em ação pelos mecanismos da condensação e do deslocamento. Mecanismos que encontram recursos na condição lingüística.

Na citação feita anteriormente, acompanhamos Freud (1917) sublinhar o caráter nada ingênuo das transmissões chistosas (ora esquizofrênicas) que tiram partido da ambigüidade da palavra, na transformação do material latente em elementos manifestos na produção do sonho. Assim como no sonho, por meio da condensação e do deslocamento, os *Witz* encenam um jogo produtivo com as palavras.

As transmissões chistosas ganharam destaque na obra de Freud intitulada *O chiste e sua relação com o inconsciente*, no original *Der Witz*, publicada em 1905. O texto se divide em três partes: uma analítica, a seguinte sintética e a última, teórica. Segundo Freud, o *Witz*, que requer a existência de pelo menos três lugares – o emissor, o destinatário e o receptor –, quando atinge seu objetivo, ajuda a suportar os desejos recalçados, fornecendo um novo modo de expressão socialmente aceitável. Em termos econômicos, de fato, o critério do “dispêndio psíquico” é exatamente o riso, que, com a autorização de sentido dada pela conjugação de três elementos, confessa aí uma verdade habitualmente a calar.

É importante agregar ainda que, como experiência, o *Witz* (relação triádica) se diferencia do cômico (relação dual/ emissor-receptor) e do humor, implicando um desconcerto do espírito, cuja graça é, por vezes, mais irônica do que derrisória.

Importa notar que, se aparentemente o *Witz*, tão associado à piada, como palavra espirituosa, pode despertar suspeitas de falta de seriedade para os desavisados, ele pode não ser apenas isso. Ou seja, é interessante considerar que o que pode estar em jogo seja o próprio “rasgo”, o “traço” de espírito.

Freud fala de um prazer obtido no próprio jogo com as palavras e na liberação do *nonsense*. Assim como ocorre com qualquer modalidade de jogo, em que cada partida observa as regras da modalidade do jogo, mas é, em si mesma, única e singular, a formação do *Witz* não se estabelece de forma universal, mas

particular. O *Witz*, a cada transmissão, poderá fracassar ou ser bem-sucedido. Trata-se de um dispositivo verbal em marcha. Como no caso da produção de uma psicanálise, o que está em pauta é um artifício, um dispositivo que deve ser implementado e manejado a cada caso, no âmbito do particular.

Daniel Kupermann, para quem “a metapsicologia do humor se oferece como paradigma para o entendimento do processo de criação sublimatória na psicanálise”⁴, chama a atenção para a distinção entre os chistes de efeitos apaziguadores da potência do espírito e aqueles que justamente são promotores de potência criadora, sendo capazes de efetivarem-se numa transmissão:

*Demonstramos como o ímpeto irresistível à sua transmissão provocado pelo Witz – é praticamente impossível deixar de passar adiante uma boa piada – denota a participação, nos procedimentos chistosos e humorísticos, de um afeto que solicita ser partilhado de modo a poder ser experimentado em sua plena potência: o entusiasmo, verdadeira paixão revolucionária, concebido por Kant (1798) em sua análise do impacto da Revolução Francesa sobre as subjetividades modernas. É o trabalho do entusiasmo – que não se confunde com o contágio característico das massas homogeneizantes – que caracteriza a política dos chistes e do humor, e que indica a possibilidade, no horizonte da teorização psicanalítica, de uma forma de laço social na qual os sujeitos não precisem abolir a sua singularidade em nome das identificações exigidas para a promoção da unidade cultural.*⁵

É importante situar que, dentre as formações do Inconsciente, os *Witz* resultam ser aqueles que guardam uma lógica e uma estrutura que mais se aproximam do dispositivo psicanalítico, já que é condição para ambos. A saber: 1) a lógica significante, ou nos termos de Freud, uma técnica verbal; e 2) a existência do terceiro elemento, ou seja, uma estrutura triádica, para se passar algo, seja o signo do Sujeito de Desejo, seja o rasgo de espírito no *Witz*.

⁴ Kupermann (2003).

⁵ Idem.

Há indícios favoráveis para considerar que haja outra condição para a constituição do *Witz*: o modo de seu estabelecimento no tempo.

Uma outra peculiaridade dos chistes, pouco ou nada relacionada com o que até aqui já consideramos, é reconhecida por todas as autoridades sobre o assunto. A ‘brevidade é o corpo e a alma do chiste, sua própria essência’, diz Jean Paul (1804, parte II, parágrafo 42), modificando simplesmente o que o velho tagarela Polonius diz no Hamlet (II, 2), de Shakespeare: ‘Therefore, since brevity is the soul of wit ’/ And tediousness the limbs and outward flourisher ’/I will be brief!’”⁶ (Freud,1905)

O elemento temporal, que aparece de diversas formas no texto freudiano (brevidade, momento oportuno, entre outras), permite estabelecer, então, uma nova aproximação entre o processo de um *Witz* e o de uma psicanálise. Isto porque é possível considerar o manejo do tempo na transmissão do *Witz* e da Psicanálise como elemento fundamental, sobretudo se for retido que o próprio manejo da transferência comporta um manejo de tempo.

Talvez aqui possa ser levada em conta uma particularidade do *Witz* em relação às demais formações do Inconsciente: é possível afirmar, com Freud, que o Inconsciente e o próprio sonho se dão de forma alheia ao tempo (fora do tempo); já o *Witz* o exige. Curiosamente, é distintiva do trabalho psicanalítico a reintrodução exatamente do elemento tempo, já que o que comparece sob transferência também resiste ao tempo, vindo a sofrer sua ação[do tempo] como efeito de interpretação, ou do ato analítico.

O sucesso da intervenção do analista, interpretação ou ato, se conta pelo efeito que produz, e esse efeito certamente se faz pela possibilidade de produzir um sentido novo, que, é claro, não esgota o sem sentido, embora o coloque sob nova condição. Um sentido novo implica considerar a diferença entre o sentido do qual se gozava antes e um outro que venha a se colocar. Esta possibilidade de haver diferença engendra o tempo. Abre-se a possibilidade de novos sentidos e, de certa maneira, uma nova forma de suportar o sem

⁶ “Já que a brevidade é a alma do engenho/ e o tédio seu corpo e externo ornato/ serei breve!”

sentido.

Esta possibilidade do novo, da novidade, se encaminha pela palavra. É na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer: da condensação ou da metáfora. Entretanto, trata-se de uma substituição que permite o reconhecimento da verdade em questão. Para levar às últimas conseqüências esta possibilidade, cumpre perguntar qual a verdade que está em jogo na relação do sujeito com a palavra, com a cadeia significante. Parece-me haver aí a possibilidade de tocar a própria força criadora da palavra, do caos que precedeu e que co-ex-(x)iste ao verbo.

Num *Witz*, assim como numa psicanálise, o que interessa é passar um efeito, e isso requer um cálculo, pois se for considerado que está incluído revisitar o caos, pela condução da palavra, é legítimo perguntar qual é a graça, de que graça se trata, quando está incluído muitas vezes o abismar-se diante da intensidade e da ardência daquilo que nem nome tem. Como nos lembra Guimarães Rosa, “o diabo não precisa existir para haver”⁷.

⁷ Guimarães Rosa (1985).

WITZ: JOGANDO COM PALAVRAS, APOSTANDO NOS EFEITOS

Se a Psicanálise pode ser reconhecida como *talking cure*, o ofício do analista consiste em operar com a fala, e o analista o faz através de um dispositivo, um artifício, que conta com as propriedades que a fala é capaz de articular. Trata-se, poderíamos dizer, do estabelecimento de um jogo, cujos participantes, analista e analisando, arriscam suas palavras.

A metáfora do jogo na Psicanálise foi inaugurada há muito . Em referência ao que se pretende encaminhar aqui, vale mencionar que Freud utilizou-se desta metáfora para sua abordagem dos *Witze* (jogos de palavras), e também para referir-se à transmissão da técnica da Psicanálise (jogo de xadrez):

Quem pretende aprender pelos livros o nobre jogo de xadrez, sempre advertirá que só as aberturas e os finais consentem uma exposição sistemática e exaustiva, enquanto os movimentos que seguem a abertura exibem uma infinita variedade de possibilidades. Unicamente um afincado estudo de partidas em que foram acompanhados grandes mestres pode encher as lagoas de ensinamento. E parecidas limitações estão sujeitas às regras que alguém pode dar para o exercício do tratamento psicoanalítico. (Freud, 1913)

A idéia de jogo na obra de Lacan é também recorrente, tendo destaque os jogos de *bridge* e o de par ou ímpar, para a abordagem, respectivamente, da direção do tratamento analítico e das relações, além da intersubjetividade, estabelecidas no contexto da transferência analítica.

Não é possível raciocinar com o que o analisado leva a pessoa do analista a suportar de suas

*fantasias da maneira como um jogador ideal faz suposições sobre as intenções de seu adversário. Sem dúvida, há também uma estratégia ali, mas não nos enganemos com a metáfora do espelho, por mais que ela convenha à superfície uma que o analista apresenta ao paciente. Cara fechada e boca cosida não têm aqui a mesma finalidade que no bridge. Com isso, antes, o analista convoca a ajuda do que nesse jogo é chamado de morto, mas para fazer surgir o quarto jogador que do analisado será parceiro, e cuja mão, através de seus lances, o analista se esforçará por fazê-lo adivinhar: é esse o vínculo, digamos, de abnegação, imposto ao analista pelo cacife da partida na análise.*⁸

Melanie Klein concedeu estatuto clínico ao jogo do *Fort-Da* freudiano, e Winnicott reconheceu no jogo/brincar uma via à criatividade, o que, em sua doutrina, implica perspectiva de saúde.

O que quer que se diga sobre o brincar de crianças aplica-se também aos adultos; apenas, a descrição torna-se mais difícil quando o material do paciente aparece principalmente em termos verbais. Sugiro que devemos achar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso de nosso trabalho com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor. (Winnicott, 1975)

Segundo a teoria dos jogos, o termo jogo combina, em si, as idéias de limite, liberdade e invenção. Todo jogo é um sistema de regras que define o que é e o que não é do jogo, ou seja, o permitido e o proibido. Tais convenções são simultaneamente arbitrárias, imperativas e inapeláveis. Não podem ser violadas sob nenhum pretexto, pois, se assim for, o jogo acaba imediatamente e é destruído por este fato. A única coisa

⁸ No original: “No se podría razonar a partir de lo que el analizado hace soportar de sus fantasías a la persona del analista, como a partir de lo que un jugador ideal suputa de las intenciones de su adversario. Sin duda hay también estrategia, pero que nadie se engañe con la metáfora del espejo en virtud de que conviene a la superficie lisa que presenta al paciente el analista. Rostro cerrado y labios cosidos, no tienen aquí la misma finalidad que en el bridge. Mas bien con esto el analista se adjudica la ayuda de lo que en ese juego se llama el muerto, pero es para hacer surgir al cuarto que va a ser aquí la pareja del analizado, y cuyo juego el analista va a esforzarse, por medio de sus bazas, en hacerle adivinar la mano: tal es el vínculo, digamos de abnegación, que impone al analista la prenda de la partida en el análisis.” (Lacan,1955)

que faz impor a regra é a vontade de jogar, ou seja, a condição de a respeitar. É o jogo que subsiste entre os diversos elementos que permitem o funcionamento de um mecanismo. O jogo significa, portanto, liberdade que deve permanecer no seio do próprio rigor, conjugando escolha e lei, para que a última adquira ou conserve a sua eficiência.

Segundo Huizinga (1975), podemos definir o jogo da seguinte maneira:

O jogo é uma ação ou uma atividade voluntária, realizada dentro de determinados limites fixados de tempo e de lugar, de acordo com uma regra livremente aceita, mas completamente imperiosa, provida de um fim em si mesma, acompanhada por um sentimento de tensão e de uma consciência de ser algo diferente da vida corrente.

Para Caillois (1990), tudo o que é mistério e simulacro está próximo ao jogo. Para este autor, o jogo aparece como uma noção particularmente complexa que associa um estado de fato, uma cartada favorável ou desfavorável, onde o acaso é soberano e onde cabe ao jogador tirar melhor partido de seus recursos desiguais, como vantagem de talento ou de técnica sobre o adversário. Estes só serão frutificados por um cálculo sagaz, isto é, na medida em que o jogador se dispuser a apostar mais no que lhe escapa do que naquilo que controla.

No dispositivo psicanalítico, o jogo proposto tem a associação livre como regra fundamental. O que dá sentido à regra fundamental é que o analisante esteja disposto a falar para o analista, de maneira análoga ao que Caillois atribui ao jogo, ou seja, falar não o que controla de sua condição, mas o que dela lhe escapa, o que lhe exige trabalho de produção de sentido para aquilo que se lhe apresenta sem sentido, e que se produz pelo ato de enunciação, de dizer algo sobre isso. É precisamente neste ponto que podemos ver surgir os rastros de uma nova dimensão do singular e do temporal, e mais, a dimensão do sujeito deste ato de dizer (enunciação) algo disso, pulsante na fala, que se distingue do sujeito do dito (enunciado), do comunicado de forma controlada. A esta dimensão, aberta pelos rastros deixados ao falar, podemos chamar sujeito do inconsciente, sujeito do desejo. Tal concepção corrobora a idéia de

Inconsciente organizado, cifrado, estruturado como linguagem.

Diante da proposta de trabalho com o inconsciente produzido pela fala, é imprescindível considerar que a linguagem possa ser admitida como o campo de problematização do jogo psicanalítico. Neste campo, o da linguagem – que organizou o analisante como ser falante, ou, por que não dizer, como humano, considerando que a condição falante, junto com a possibilidade do riso constituem os efeitos mais radicais da subversão que a cultura produziu na ordem da natureza e do corpo humano, que passam a ser marcados pela eminência de estar sob um sentido –, é nesse campo que é designado o que se convencionou chamar, na teoria lacaniana, de Outro. O Outro constitui o lugar onde o sentido é visado, externo ao sujeito, e onde se dispõe a cadeia de significantes, na qual o sujeito vai se situar. O Outro determina o que pode e o que não pode ser dito, isto é, o Outro sanciona o dizer.

Do lado do analista, há uma aposta: a de que um sujeito de desejo possa emergir pelo efeito de sentido articulado pela fala no jogo da associação livre. Esta aposta gera uma outra, do lado do analisante: a de que exista um sujeito suposto saber sobre seu desejo, atribuído ao analista, pré-requisito para o início do jogo analítico.

Mas, quais os recursos que a linguagem propicia para as operações de produção de sentido fazerem trabalhar o que se dá fora do sentido? Aprendemos com Freud que o trabalho psíquico se dá pelos mecanismos de condensação e deslocamento. Em última instância, estes são mecanismos “linguageiros”. O funcionamento de tais mecanismos na atividade psíquica articulada pela fala só pode ser admitido a despeito da abordagem ideológica da fala, ou seja, a despeito do conjunto de significados que denota; e em prol da propriedade retórica de que a fala goza, ou seja, do conjunto de significantes de conotação.

Esta observação implica considerar que o jogo que faz possível produzir o rastro do sujeito do inconsciente pela aplicação da regra da associação livre seja fundamentalmente reconhecido como propriedade da própria fala que articula a linguagem numa relação particular. A fala abordada/escutada em sua dimensão significante pode ser seguida em seu abandono do referente e em sua ligação com outro significante. Neste sentido, a palavra remete sempre à outra palavra e não ao objeto da fala. Isto

equivale a dizer que o objeto da fala seria o que faz falar sem nunca ser abarcado em sua totalidade. Não há como recobrir o objeto por um sentido e, portanto, o objeto resta sempre lá, a ser falado, fora do sentido.

Por outro lado, o sentido que se estabeleceu pela direção dada à própria fala é também sua expressão. Desta perspectiva é que se pode dizer, com Lacan, que “o desejo é sua interpretação”, ou seja, o próprio movimento do desejo, pulsional, ao se fazer representar, estabelece seu sentido, sentido este que nunca o encerra, uma vez que o objeto da pulsão é sempre parcial, ou, dito de outra forma, uma vez que o objeto do desejo é sempre um “brilho na ponta do nariz de um outro”, como aludiu Freud.

A interpretação é, neste contexto, recurso consagrado à implantação do campo do jogo analítico, onde o desejo pode ser formulado, por meio da fala da associação livre sob uma escuta flutuante.

No que se refere àqueles que insistem em perseguir a interpretação como o que deve positivar, o que está por trás da fala manifesta – ou como inscrições reveladoras no plano das representações que reúnam o ser, como num último episódio de uma telenovela mexicana – , a concepção proposta aqui é declaradamente partidária da posição de que por detrás da fala manifesta não se encontrarão idéias, como “eu sou *gay* ou costureira”, que tenham o estatuto de serem a verdade de um ser, mas, sim, o “umbigo do sonho”, ou seja, um “buraco”, tomado como a verdade da condição humana. Nossa única possibilidade de aproximação a esse “umbigo”, a esse “buraco”, é a escuta de algo pulsante na própria fala e que lhe imprime sentido ou direção. É esta direção que carece reconhecimento, pois, é deste buraco que advém a dimensão de sujeito do inconsciente/desejo na fala. Note-se que aquilo que subverte a dimensão ideológica da fala é a escuta dada a ela. Com Freud: a contrapartida da associação livre, regra fundamental da Psicanálise, é a atenção flutuante do analista. É a partir da sustentação deste campo que o jogo analítico poderá se dar, assim como poderão se dar as operações “lingueiras”.

De certa forma, para o jogo psicanalítico, trata-se de ouvir a fala da mesma perspectiva com que Freud ensinou a ouvir os sonhos, mas também, porque não dizer, como se ouve um *Witz*, ou seja, com o intuito de que se produza um efeito de sentido, celebrando a interpretação como recurso de reconhecimento da

existência de um sujeito de desejo, buscado além e aquém do referente da fala. Para haver *Witz* se faz necessária uma certa visitação do embargo da palavra, do caos pulsional existente entre um sentido e outro, ou ainda, da própria Coisa (o umbigo).

Afinal, o que uma análise introduz para o analisando não seria uma outra forma de relação com sua própria palavra, no ato de sua fala, e com os sentidos e os sem sentidos desta autoria? Se a Psicanálise é um dispositivo e como tal, um artifício, não seria justamente esta nova relação com a própria fala aquilo que se leva do jogo analítico – a cada sessão e depois do fim – para a vida, para o cotidiano humano?

Em *Televisão*, Lacan afirma que um *Witz* é um lapso calculado. E o que isto quer dizer? Justamente que há uma passagem do lapso ao *Witz*, e que esta se dá pela existência de um terceiro, além dos dois elementos presentes no lapso, os quais poderíamos designar o sujeito do dito e o sujeito do dizer. A este terceiro elemento poderíamos chamar analista, atribuindo à escuta diferenciada deste uma função, qual seja, a de sustentar o sancionamento – precisamente nesta distinção entre a intenção e o ato da fala – do sentido do desejo.

DA DESPESA

*E há a estória do mendigo
que acreditava ter se tornado imortal...
Não tinha onde cair morto
anedota popular*

Numa análise, quantas palavras são gastas, quanto tempo é gasto, quanto dinheiro é gasto! Quantas despesas! Mas, o que produzem estes investimentos?

Se tomada a palavra articulada na fala, na fala de um sujeito, é possível considerar que a palavra realiza um sentido. Por exemplo, o sentido do próprio corpo, o sentido dos investimentos libidinais. A produção de sentido envolve certa satisfação libidinal, erótica, portanto. A esta satisfação corresponde uma economia, ou seja, variações de tensão, investimento de quantidades de energia numa ou noutra direção, constituindo uma verdadeira economia da palavra. De fato, esta é uma expressão utilizada por Freud no trabalho já citado anteriormente, *Der Witz*, onde ele acrescenta:

Temos então, aqui, uma vez mais defrontado o princípio da economia que encontramos primeiro ao discutir a técnica dos chistes verbais. Mas enquanto nesse primeiro caso parecíamos encontrar a economia no uso de tão poucas palavras quanto possível ou de palavras tão parecidas quanto possível, suspeitamos agora de uma economia no sentido, muito mais compreensivo, da despesa psíquica em geral; devemos considerar como possível que uma compreensão mais detalhada do conceito ainda muito obscuro de ‘despesa psíquica’ possa nos levar mais perto da natureza essencial dos chistes.

No livro sobre os *Witze*, Freud considera que a técnica do *Witz* permite acompanhar uma forma de satisfação encontrada no jogo verbal, algumas vezes depreendida dos próprios sons emitidos através das palavras. Freud remete os recursos dessa produção de satisfação libidinal verbal, sonora, às brincadeiras infantis, por ocasião da aquisição da fala. A possibilidade de pensar uma economia da palavra, referida às satisfações libidinais, corrobora as oportunidades de intervenção encontradas, com certa frequência, na clínica psicanalítica, para a produção de novos sentidos, novas formas de satisfação, nova condição da economia psíquica de um sujeito. Mais uma vez, Freud nos brinda com sua abordagem do *Witz*, numa perspectiva similar:

Há também palavras em alemão que, dependendo de estarem “plenas” ou “vazias”, podem ser tomadas em sentido diferente e, de fato, em mais de um sentido. Pois, podem haver duas variações de uma mesma raiz, uma das quais seja uma palavra de sentido pleno e a outra uma sílaba final ou sufixo esvaziado, sendo ambas pronunciadas exatamente da mesma maneira. A identidade fônica entre uma palavra plena e uma sílaba esvaziada pode ser também puro acaso. Em ambos os casos, a técnica do chiste se aproveita das condições prevaletentes no material lingüístico. (Freud, 1905)

A idéia da existência de uma acepção plena e uma vazia da palavra falada foi também objeto da atenção de Lacan, que, por sua vez, inspirado na distinção feita por Heidegger entre *Rede* (discurso) e *Gerede* (fala), elaborou sua própria concepção de palavra plena e palavra vazia. Nesta acepção, a de Lacan, a palavra plena articulava a dimensão simbólica da linguagem e, portanto, tocava a verdade enigmática do desejo; enquanto que a palavra vazia articulava sua dimensão imaginária, ou seja, a palavra do “eu” ao semelhante. Para Lacan, a palavra nunca pode ser toda, no sentido de não poder expressar toda a verdade do desejo, em virtude de uma incompatibilidade fundamental entre palavra/fala e desejo. Sendo assim, a palavra plena articulava esta verdade sem recobri-la. Como já foi indicado, na e para a realização de um sentido, algo permanece fora do sentido, sem sentido.

Os recursos da palavra, tal como articulados por Freud em sua obra sobre o *Witz* nos permite considerar e acompanhar uma economia do desejo que está articulada à economia da fala, da palavra, o que significa serem tais recursos extremamente relevantes para a produção das operações realizadas na e para uma psicanálise. Considerando tal perspectiva juntamente com as relações estabelecidas anteriormente⁹ entre economia do desejo e economia monetária, seria possível, neste campo de reflexão, estabelecer parâmetros para o cálculo da resposta à pergunta “quanto custa uma psicanálise”?

E ainda, seria possível considerar a hipótese de que o *Witz* seja uma equação a ser colocada a serviço da realização deste cálculo, visado como produção de um ato analítico, através da nomeação dos valores em jogo numa análise, cujo efeito é o de promover o trabalho psíquico em prol da produção de um novo sentido e de uma nova relação com o sem sentido contido nisso, que talvez chegue a termo quando se dá a possibilidade de uma forma de presença no mundo que viabilize ao analisando dar o ar da graça e dizer ao que veio, apesar de a-sujeitado à sua própria condição?

⁹ Cf. “Sem ou Cem? ...”, mais especificamente, o capítulo intitulado “Referencial teórico-ético”.

DO ORÇAMENTO

Patient (in his first session): Do you take notes?

*Analyst: - I take notes, checks,
credit cards, IOU's...*

De um painel da American Psychoanalytic Association, informando sobre assuntos relativos a honorários

Ainda sobre o *Witz*, Freud utiliza a distinção entre o *Witz* ingênuo e o tendencioso, os quais têm como forças motrizes a agressividade, a obscenidade, o cinismo ou o ceticismo. A produção do *Witz* está na dependência da efetivação de um invólucro que viabilize a suspensão temporária de certa inibição do ouvinte, bem como de seu juízo crítico. Os recursos são a palavra, o tempo e a existência de três participantes do jogo: o que conta, o que ouve e o objeto do que é contado. Para Freud, um *Witz* pode assumir um caráter tendencioso, mesmo que tenha surgido de forma ingênua. Esta é uma idéia que parece importante para compreender o caráter chistoso que pode ser assumido na expressão de um sonho, por exemplo, mas também, e por que não, de uma fala em análise.

Para alguns, menos avisados pela Psicanálise, esta idéia pode chegar a beirar o desrespeito, já que podem pensar que o drama humano que se expressa numa sessão de psicanálise diz de dor e sofrimento e, então, que tal associação com o *Witz* banalizaria a densidade existencial do drama.

O que venho tentando sustentar é justamente a seriedade envolvida num modo de intervenção, frente a este mesmo sofrimento humano, propiciada pela via de uma prática que encontra na palavra falada seu meio de ação e na formulação do *Witz*, a equação das operações produzidas por este recurso.

Como já mencionado, *Witz* em alemão quer dizer não só piada, mas principalmente espírito, em todo o estranhamento que este pode causar.

O Witz, o que quer dizer? Se [o termo] foi traduzido por “trait d'esprit,” foi dito um “mot d'esprit” (...). Passo em seguida às razões pelas quais prefiro o “ trait d'esprit.” O Witz, entretanto, também quer dizer o espírito (...). O espírito, para dizer tudo, tem sido frequentemente uma contribuição que se nos apresenta em extrema ambigüidade , pois, ao fim das contas, um chiste (trait d'esprit) é objeto, em muitas ocasiões, de alguma depreciação, é ligeireza, falta de seriedade, fantasia, capricho. Enquanto que [em relação] ao esprit, alguém se detém, e olha até duas vezes antes de falar da mesma maneira do esprit. Apesar de todo, o engenho (esprit), no sentido de um homem engenhoso (spirituel), não tem uma reputação excessivamente boa. Entretanto, é ao redor disso que gira o centro da gravidade da noção do “esprit”, e convém deixar-lhe todas suas ambigüidades, até compreender lá o espírito (esprit) no sentido amplo, esse espírito que evidentemente demasiado a miúdo serve de pavilhão para mercadorias duvidosas, o espírito do espiritualismo.¹⁰

Jogo verbal por excelência, segundo Alain Didier-Weill (1995), o *Witz* é a reprodução “miniatura” do processo de castração simbólica, no sentido em que abre para o sujeito o caminho para seu desejo. Se uma análise segue o percurso que toma o drama humano numa perspectiva trágica, não seria possível considerar que haja ainda uma passagem do trágico ao *Witz*, propriamente assumido como modo de relação possível com a Coisa? Pelo *Witz*, ao *Witz*? Esta é uma discussão empreendida mais adiante neste trabalho.

¹⁰ No original: “El Witz, ¿que quiere decir? Se lo ha traducido por trait d'esprit, se ha dicho el mot d'esprit (13). Paso en seguida sobre las razones por las que prefiero el trait d'esprit. El Witz, sin embargo, también quiere decir el esprit (14). El esprit, para decirlo todo, ha sido en seguida el aporte que se nos presenta en una extrema ambigüedad, pues al fin de cuentas un chiste (trait d'esprit) es el objeto, en ocasiones, de alguna depreciación, es ligereza, falta de seriedad fantasía, capricho. En cuanto al esprit uno se detiene, uno mira allí dos veces antes de hablar de la misma manera del esprit. A pesar de todo, el ingenio (esprit), en el sentido de un hombre ingenioso (spirituel), no tiene una excesivamente buena reputación. Sin embargo, es alrededor de eso que gira el centro de gravedad de la noción del esprit, y conviene dejarle todas sus ambigüidades, hasta comprender allí el espíritu (esprit) en el sentido amplio, ese espíritu que evidentemente demasiado a menudo sirve de pabellón para mercancías dudosas, el espíritu del espiritualismo.”(Lacan 1957-1958)

Por outro lado, o sofrimento neurótico, ou até a miséria neurótica, tem clinicamente demonstrado o grande uso (gozoso) de uma certa densidade imaginária que exacerba o sentido desse sofrimento. Mas se há gozo neste uso, como pagar para perdê-lo? E se, em última instância, o sofrimento humano é produto de um excesso de sentido colocado onde resta algo que permanecerá fora do sentido, a saber, a morte, como achar graça nisso? E ainda, quanto custa o acesso a “Isso”?

A neurose encena um drama existencial que rende gozo, mas também sofrimento, e a experiência analítica esculpe nesse drama sua dimensão trágica, colocando o neurótico em contato com a finitude de seu destino, configurando para ele uma circunstância na qual é convocado, e até apressado, a interrogar sua posição de sujeito (de desejo) em relação à sua condição gozoza.

A tragédia edipiana de Sófocles, consagrada ao legado da Psicanálise pelo texto freudiano, conta a estória do rapaz que cumpriu seu destino, aquele anunciado pelo oráculo, temido por seus genitores e por ele ignorado. Mas, entre as palavras proferidas pelo oráculo e a apresentação do enigma proposto pela esfinge não haveria um percurso no qual Édipo poderia se incluir como sujeito?

Édipo brincou com o enigma da esfinge para dar sua resposta? Haveria outra resposta válida? Ou ainda: Édipo estava lá onde se encontrava?

A proposição era: decifra-me ou devoro-te. Tal proposição, que pode soar estranhamente familiar ou familiarmente estranha, não seria aquela que a vida nos coloca em certo momento e que leva alguns à análise e que nós, analistas, endereçamos ao inconsciente?

Se o inconsciente é destino, o é antes por aquilo que não cessa de não se inscrever (pulsão de morte), do que por aquilo que lá encontrou forma de se fazer representar. Considerar uma perspectiva de relação com o inconsciente que seja da ordem do enigma é uma forma de admissão do que não se inscreve como parte dele e, portanto, da relação, o que não é garantia de nada, já que isto permite tanto a idiotice como a criação. Não é garantia, mas é recurso. O que do inconsciente não pode efetivar-se como inscrição restará sempre como ignorância e, ao mesmo tempo, como algo que pode forçar a produção do saber um pouco mais adiante. Se a ignorância comparece na experiência humana como uma das três paixões do ser (ao

lado do amor e do ódio) e, nesta vertente, pode ser sustentada a um alto custo pela condição neurótica, numa outra perspectiva, a de elemento próprio ao enigma, ela pode ser revelada, exatamente, como condição para que algo possa advir em nova face.

Talvez seja na resposta dada ao enigma, estabelecido como tal pelo que fica fora de sentido, que haja a possibilidade de reconhecer a criação de um sentido próprio ao sujeito de desejo. Esta resposta seria então em ato. Importa notar que ato, aqui, não tem a dimensão de atuação, mas de ato de linguagem que estabelece direção, sentido e apropriação da experiência. Trata-se de uma circunstância que, fadada ao equívoco, articula erro e acerto, verdade e mentira, num jogo que rende sentido.

O que se pretende encaminhar aqui, portanto, é que se tome a possibilidade de estabelecer sentido, como condição de conversão de algo do *nonsense* em *Witz*, viabilizando ato de criação frente ao enigmático, ao indizível. Trata-se de uma mudança de paradigma em relação à lógica da neurose, pois nesta, busca-se resolver a questão enigmática, seja a do corpo na histeria ou a da existência na neurose obsessiva, por seu preenchimento segundo um sentido infantil, alucinatório, primário, gozoso e repetitivo. Já na perspectiva chistosa abandona-se tal possibilidade, passando-se a uma operação que não apenas inclui o “fora de sentido” como tal, como o coloca para trabalhar. Nesta perspectiva, seria possível considerar o primário e infantil, e, porque não dizer, o pulsional, como recurso à criação.

Entretanto, se o enigma colocado pelo que permanece fora-de-sentido pode deslocar-se do funcionamento da neurose (ignorância como paixão) para o do *Witz* (ignorância como criação), é porque os aspectos trágico e mortal da condição humana tornaram-se suportáveis. Dito de outra forma, enquanto o neurótico estiver enredado em fazer biquinho, por acreditar haver uma festa no céu para a qual só ele não foi convidado, porque bicho de boca grande não entra, não há como brincar com esta idéia, não haverá graça possível. Mais trágico do que o dado de que todos os outros não estão se divertindo numa festa, é o que isto deflagra: não há festa no céu. Não há uma resposta única e perfeita a ser dada à esfinge; o que há é a própria resposta que é dada, ou seja, aquela que cabe a cada um suportar. É a partir daí que pode ser considerado usar o vestido de festa, cheirando a naftalina, sob qualquer sentido que se disponha a sustentar. Dito de outra forma: a castração merece ser considerada em sua dimensão imaginária, real e simbólica (respectivamente: não há festa, sua boca é esta, e o vestido, você pode usar).

De fato, seria possível situar uma mudança significativa do próprio funcionamento neurótico engendrado num drama quando se produz, como num *Witz*, a revelação de nosso destino trágico e humano como mortais. Mas também há a possibilidade de situar uma outra mudança, não menos significativa, embora chistosa, no percurso que leva da deflagração dessa face trágica de nosso destino trágico à perspectiva de manter com este uma relação suportável e até desfrutável, pelo sancionamento próprio do *Witz*, que nos demonstra que a morte e a vida se conjugam, ironicamente, com certa graça.

A perspectiva trágica, por mais que inclua o brilho de uma atuação heróica, é também funesta e nos deixa diante do corpo nu. Mas, o que acontece depois de sabermos que “sim, o rei está nu !” ? Ou, como nos propõe o poeta¹¹, situarmos “o amor depois do amor” ?

A aposta é:

neurose/drama ==> [*Witz*] ==>castração/ trágico (análise)==> [*Witz*] ==> gozo possível/*Witz*

Aprendemos com Freud, em sua metáfora do jogo de xadrez, que começo e fim de jogo estão articulados desde a primeira jogada, e em cada uma das jogadas, até o final da partida. É possível considerar, na perspectiva de uma partida analítica que vislumbra levar o enigma do drama ao *Witz*, que a presença do *Witz* possa ser incluída da mesma maneira, ou seja, desde o início.

De fato, trata-se do efeito de um ato, de um ato analítico, que, desde o drama neurótico estabelecido como queixa numa análise e tomado como demanda em análise pelo analista, foi a condição que colocou em causa o que se encontrava encenado através da fala. Então temos:

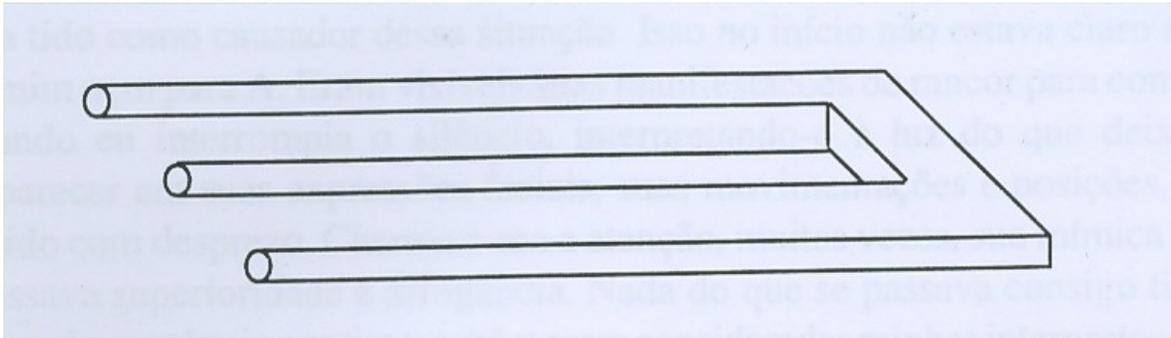
Neurose/drama==>ato analítico==> [*Witz*] ==>castração/trágico==>ato analítico==> [*Witz*] ==>gozo possível/*Witz*

Luciano M. Godoy (1995), em artigo intitulado “Figura F: um chiste visual?”, concebe o *Witz* como “tubos de ensaio” de vivências psicóticas, cujas intenções EP↔ D, implicam o desejo inconsciente,

¹¹ Referência a Fito Paez em *El amor despues Del amor*.

predominando EP em sua técnica e D na elaboração da compreensão.

FIGURA F



A expressão $EP \Leftrightarrow D$ refere-se a Bion, em seus trabalhos dos anos 50, que “inspirado” no matemático Poincaré (fato selecionado), interpreta Melanie Klein, estabelecendo uma relação que, embora não conste em sua grade, é de grande relevância em seu pensamento e se refere à inter-relação entre a posição esquizo-paranóide (EP) e a depressiva (D). Nestes termos, a expressão resumiria os princípios da economia psíquica.

Citando Bion, Eigen (1985) afirma que nossa maneira de funcionar naturalmente pode ser expressa com a interação $EP \Leftrightarrow D$ através de F^{12} em “O”. Ou seja, fé em “O”. Se, para Bion, a relação $EP \Leftrightarrow D$ expressa uma classe de morte e retorno como invariantes dos processos psíquicos, e as transformações em “O” implicam o espectro da incerteza e da singularidade que constitui o campo analítico, reencontramos enfatizada, no pensamento deste autor, a idéia de que há algo inerente à clínica que implica visitação do caos. Situada neste trabalho na operação do *Witz*, tal visitação compreende desconstrução e suspensão de sentido, suportada por uma aposta de que haverá um sentido a advir, propiciando precipitação, e posteriormente, a instalação de um movimento.

Ainda em relação ao observado por Godoy sobre a figura F, reproduzida acima, é possível acrescentar que, se olharmos com certa atenção, notaremos que a menor linha da imagem é a que produz e sustenta

¹² Fé em “O”.

seu efeito de movimento, deixando entrever aquilo que ora é e que ora não é discernível.

Assim, se brincarmos com a figura F, notaremos também na experiência, um certo jogo, equiparável ao *Fort-Da* freudiano, constituído pela oscilação entre a realização de um forma, a perda da mesma e sua recuperação. O movimento oscilatório $EP \Leftrightarrow D$, assim como o movimento entre a elaboração do *Witz* e sua compreensão, talvez possa implicar o *Witz* como um jogo de sentido/não sentido, vida/morte, que permite a experiência de novas formas de visitar o sem sentido, sobrevivendo ao perigo diante do enigma da própria existência, o que, cabe lembrar, é da ordem do trágico.

No próprio texto sobre o *Witz*, Freud (1905) recomenda não confundir os processos psíquicos envolvidos na construção do *Witz* (a elaboração do *Witz*) com os processos psíquicos envolvidos em sua interpretação (que engendra o *Witz*). Haveria, então, dois tempos a serem examinados no processo do *Witz*. Sem, dúvida, o que mais interessa, aqui, é o primeiro tempo.

Já Winnicott, em *O brincar e a realidade*, aborda um movimento também oscilatório descrito como vivência radical de continuidade e de descontinuidade da relação do bebê com sua mãe, como experiência que promove a possibilidade de tolerância à descontinuidade e a possibilidade de empregá-la para crescer. Vale lembrar que, como apresentado em parte anterior deste texto, este autor situa o humor, junto com o brincar infantil, como critério de saúde.

Freud contemplou a dimensão de ruptura e limitação da possibilidade de estabelecimento de sentido com sua hipótese de pulsão de morte em *Além do princípio do prazer*, o que introduz à possibilidade de incluir, em sua abordagem da economia do *Witz*, de 1905, um além (ou aquém) do ganho de prazer envolvido no *Witz*. Assim, na teorização freudiana do *Witz*, temos a articulação de ruptura, de limite da possibilidade de configurar sentido, o que sempre engendra a insistência do fora do sentido, com a condição de gerar e obter prazer num sentido de veras fugidio, mas possível. Ainda que o prazer envolvido talvez não seja o ponto sublinhado para o desenvolvimento da presente tese, há, nesta formulação, o que mais importa aqui: o estabelecimento do recurso possível.

Nesta mesma perspectiva, seria interessante considerar a idéia de que o ato analítico articulado ao *Witz*

seja operador de um corte no gozo, definido como o sentido fechado que insiste em se repetir no drama individual do neurótico, numa tentativa sempre cara de dar conta do sem sentido. O *Witz* trabalha, ao contrário, dando oportunidade de gozo limitado que gera sobras, justamente por nos remeter ao que não pode ser simbolizado pelo psiquismo, isto é, ao resto do enigma que jamais poderá ser resolvido. O *Witz* de certa forma reedita este enigma e, por isso, estabelece uma relação muito próxima com a situação analítica. O *Witz* seria, então, magistral para tocar algo que não pode ser dito ou positivado.

Tal como indicado nos diversos aportes da Psicanálise arrolados até este ponto da argumentação, se considerarmos possível situar, no discernimento de dois termos, as condições estabelecidas pela própria barra/limitação existente no deslizamento da cadeia significante sobre o significado, reencontraríamos, através da teoria lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem, a oportunidade de reconhecer a própria dialética do desejo também na passagem do *nonsense* ao sentido produzido através do *Witz*. E sublinhemos: conte-se também a “passagem” como um dos termos, ou seja, 1) o *nonsense*, 2) a passagem, e 3) o sentido produzido.

Vale acompanhar, por um momento, Lacan em *Subversão do sujeito e a dialética do desejo* :

Para que não seja vã nossa caçada, a nós, analistas, convém reduzir tudo à função de corte no discurso, sendo o mais forte aquele que serve de barra entre significante e o significado. Ali se surpreende o sujeito que nos interessa, pois, ao se vincular à significação, ei-lo no mesmo barco que o pré consciente. Pelo que chegaríamos ao paradoxo de conceber que o discurso na sessão analítica só tem valor por tropeçar ou até interromper: como se a própria sessão se instituisse como ruptura num discurso falso, digamos, naquilo que o discurso realiza ao se esvaziar como fala, ao não ser mais do que moeda de efígie desgastada de que Mallarmé, passada de mão em mão “em silêncio”. Este corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real.

Poderíamos considerar também que, do ponto de vista da referência ética do analista, o *Witz* implica

praticar linguagem de êxito (Bion,1970) e não a linguagem de ação (*acting out*), que levaria a um impasse analítico. Acredito que esta posição esteja de acordo com a idéia de ato analítico, situado como ato de linguagem, numa perspectiva alinhada à teoria lacaniana.

Para Lacan (1958), a clínica psicanalítica não é do analista, mas do ato analítico. Já em 1945, em “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”, Lacan enuncia, sob uma idéia que articula lógica e temporalidade, que o ato analítico não é livre, mas comandado por uma lógica, na qual o fim já estaria, em termos de estrutura, antecipado no início, e na qual, entre os dois pontos, há um intervalo, uma hiância. Na clínica da construção significativa, há um intervalo em que o ato do analista vem a operar com o que ele tem de mais radical, “o puro corte”. Não é mais a clínica da identificação aos significantes do analista, mas a clínica do objeto a (objeto [inominável] que causa o desejo) – uma clínica do real. Tais idéias foram bem mais desenvolvidas em 1967, no seminário *O ato analítico*. Esse ponto será retomado mais adiante.

DO[A] CAPITAL DA GRAÇA: AINDA SOBRE O DRAMA ESPECULAR

Segundo Freud (1927), o *Witz* seria a contribuição do inconsciente ao cômico, enquanto o humor seria a contribuição ao cômico do supereu. Mas o que é o cômico? Cômico é aquilo que nos faz rir, ou, ao menos, sorrir. Economicamente, o riso pode ser o resultado de uma brusca descarga depois de uma forte tensão. O elemento gerador de tensão mais antigo é a angústia; por esta via, o riso mais elementar traduz, passando pela angústia, o prazer da segurança reencontrada.

Acompanhemos alguns autores sobre o assunto. Para Kant, “o riso procede de uma expectativa tensa que repentinamente se transforma em nada”; para H. Spencer, “o riso é o indício de um esforço que rapidamente se resolve em nada”; para Bergson, “o cômico é fazer um esforço para nada”... “o cômico é uma ação que funciona no vazio”; e, por fim, para Kierkegaard, “o cômico é um desvio da razão.”

O riso que caracteriza o cômico, embora contemple um movimento circular que aparentemente retorna ao mesmo ponto, permite suspeitar que, além de seu traço de inutilidade, a graça que repousa sobre o nada viabilize um percurso no qual algo se realiza, e merece ser considerado, seja pela tensão que movimenta, seja pelo ponto onde o estado das coisas chega.

Uma mulher de quase 50 anos vem situando, em sua análise, seu grande pavor frente às situações que percebe não estarem sobre seu controle. Filha de um militar “rígido” e de uma mãe “frágil”, destacou-se em relação à única irmã por sua competência na vida prática como mãe, esposa e filha, o que, embora lhe coubesse muito bem, nunca lhe pareceu ser o que teria escolhido para si. Por muito tempo

encontrou na literatura clássica, principalmente a russa, oportunidade para envolver-se com cenas intensas e de embates de tonalidades trágicas.

Num certo momento de sua análise, relata, assustada, que havia “perdido” uma palavra... Já não era a primeira vez que tentara escrever uma palavra e não pudera. Desta vez, a palavra era “acionar”, e, antes, havia sido “profissão”. Na prova que estava fazendo na faculdade, disfarçou a grafia de “profissão” deixando um “s” meio ambíguo, entre “ss” e “ç”. É claro que o professor notou, suspeita. Interrogada sobre essas palavras pela analista, vem a notar que de fato não eram quaisquer palavras, cujas grafias lhe faltavam em seu texto...Então, aquela que até há pouco se encontrava como vítima de alguns lapsos chega entusiasmada para uma sessão dizendo: “Estava torcendo para chegar a hora de vir aqui logo para falar que eu esqueci como escrever ‘fugaz’! Veja que interessante. Imediatamente isso me fez pensar sobre minha relação com as coisas que faço e...”

Acrescentou que numa prova não teria problema nenhum em, na dúvida, escrever “rápido” [no lugar de fugaz]...

É interessante como aquilo que parecia ameaçador pode ser reencontrado como elemento instigante, revelador de algo próprio e portador de certa graça!

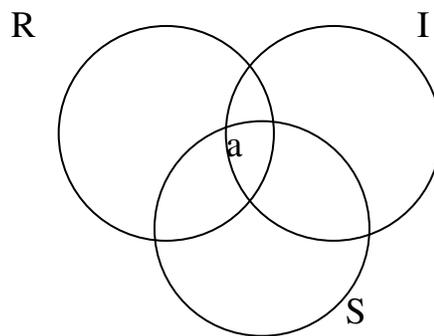
Quais são as operações que podem estar em jogo na possibilidade de passar por uma experiência de

angústia intensa e, ao final, talvez graças a um traço de inutilidade, reencontrar a si mesmo como tendo sobrevivido, e mais: sobreviver com alguns recursos que não estavam contabilizados? Poder fazer a conta: isto era anel e isto são dedos!

Foi sublinhado, em outro texto¹³, o caráter também de inutilidade que marca o próprio movimento do desejo, ou seja, estava presente já naquele escrito a idéia de que o desejo seria para nada ou para manter-se desejante. É interessante considerar que o objeto de desejo se faz não por sua presença, mas por sua ausência, donde esta ausência constitui a própria causa do movimento pulsional, desejante. O objeto do desejo seria sempre um objeto que, tendo sido desligado da ordem da necessidade pela interdição à Coisa - *Das Ding* – materna, foi, em seguida, perdido, tornando-se aquilo que se visa reencontrar na posição de objeto.

Mas, o que muda se o que de fato é reencontrado for algo diferente do objeto. É antes o sujeito que se realizou nesta busca pelo objeto perdido? Posta esta indagação, talvez possamos nos servir da diferenciação proposta por Lacan entre os objetos do desejo ou da pulsão e o que ele denominou objeto causa do desejo, sob o conceito de objeto a.

Se tomarmos os três registros da experiência humana propostos por Lacan, o Real, o Simbólico e o Imaginário, encontraremos, no ponto de intersecção formado entre eles, um lugar onde se situa o que ele denominou objeto a, objeto causa do desejo.



Haveria, então, uma diferença entre localizarmos um elemento que causa o desejo – ou seja, que coloca em marcha o movimento pulsional (objeto a) – e localizarmos um objeto para o qual o desejo se dirige, ou seja, aqueles objetos que tentam responder ao movimento inaugurado pela ordem pulsional, $i(a)$.

¹³ Slemenson, 2000 e 2001.

Podemos considerar que na concepção de objeto causa do desejo, o que restou do *Das Ding* interdito é reconhecido como aquilo que promove o movimento em direção aos objetos de desejo, que, por sua vez, são portadores do registro da experiência interdita com o *Das Ding* materno. Neste contexto, o objeto causa do desejo é condição para que o elenco dos objetos de desejo venha a constituir o campo para a realização de um sujeito de desejo.

Dos objetos situados pelo desejo ou pela pulsão, Freud destacou o seio, as fezes, o falo, sendo este último aquele que articula, por excelência, o jogo da presença e da ausência. Lacan, por sua vez, enfatizou como objetos da pulsão a voz, o olhar e o nada.

Tomar o nada como objeto implica considerá-lo como uma circunstância de ausência que pode ser contada na hiância da existência desejante, que joga contra a possibilidade aniquiladora do comparecimento de uma alteridade onipotente que invada o campo do sujeito de desejo a ponto de destruir neste qualquer movimento de desejo. Nesta perspectiva em que caberia haver falta – ou ausência como causa – para haver desejo, falta a falta e, por isso mesmo, haveria pura angústia.

Esta colocação de certa forma se distancia da teorização de Freud sobre a angústia, mas podemos acompanhar, na elaboração freudiana, alguns elementos que rumam nessa direção, a saber, a função de recurso que a representação constitui para o ser humano. Se a pulsão é uma força cuja energia é a libido e primariamente se expressa pela via do afeto, é na possibilidade de representação que a dimensão quantitativa do afeto livre de tensão psíquica encontra um ponto de ancoragem possível, constituindo um recurso a mais da própria pulsão, em relação à ordem da necessidade e do instinto.

Freud escreve que se a criança está em presença da Coisa, *Das Ding*, como ele chama, não pode haver nenhuma representação. Desde o *Projeto para uma psicologia científica*, Freud considera a idéia de *Das Ding* como a de algo inominável, impossível de ser representado. A operação pela qual a criança se separa do corpo da mãe coloca-a em posição de separar-se da Coisa - *Das Ding* - materna, e é nessa ausência da Coisa materna que surge a representação, que tem como finalidade, nas palavras de Freud, “restaurar o estado desejado da Coisa”. Mas é preciso marcar, nestas condições, aquelas em que há representação, isto é, aquelas em que o *Das Ding* está interdito e o que a mãe pode restituir ao filho

serão os objetos de dom materno. De fato, é aqui que podemos reconhecer a interdição do incesto, ou seja, podemos reconhecê-la na interdição de retorno ao corpo materno, ao *Das Ding* materno. Neste contexto, a falha na aplicação deste limite, um limite que é a condição para a inscrição do interdito que institui a lei, seria consequência da onipotência da mãe, e não simplesmente da onipotência do filho.

É possível dizer, então, que essa separação, essa ausência na presença da mãe é necessária para constituir exatamente a representação, e fazer com que ocorra a distinção entre necessidade (instinto) e desejo (Pulsão), ou então ainda, a circunscrição do que foi designado como objeto a, causa do desejo. Porque em presença da Coisa - *Das Ding* - não pode haver fala, desejo / pulsão e tampouco, conseqüentemente, um sujeito diferente da mãe.

Com Lacan, poderíamos colocar a idéia de onipotência materna em termos de uma presença que é só presença. Diante desse excesso de presença, surge a impotência total, ou seja, a angústia. Se há presença demais, faltará possibilidade de se constituir a representação, ou seja, faltará a possibilidade de constituição de algo na ordem simbólica, porque, para que se constitua a ordem simbólica, é condição que haja o *Fort-Da*, o jogo da presença-ausência. É nesta ordem, a ordem simbólica, que do corpo se faz enigma, produção (sonho, sintoma, fala, lapso, etc), e que a existência ganha algum sentido. Podemos contar como central na metáfora do jogo com o carretel mais do que um exercício de onipotência do bebê, a exploração da circunstância do *Fort-Da* que implica a presença/permanência do que foi embora, foi para um outro lugar. O que se joga, então, é com a possibilidade de alteridade do bebê. Esta ausência que é presença em outro lugar, e não o desaparecimento total do outro, estabelece a seara para que o bebê responda de maneira própria à presença do outro.

Ao mesmo tempo, então, se pudermos reconhecer a importância do que está empenhado na experiência do tempo *Fort* do jogo (ir embora), uma equação mais radical terá se imposto: a da própria morte, já que diante da ausência da mãe, dada sua função especular, está colocada uma questão sobre sua [do brincaço] própria existência.

Acompanhemos Moustapha Safouan (1993) sobre o assunto:

Descreve-se freqüentemente essa brincadeira [Fort-Da] dizendo que a criança simboliza a ausência da mãe. Sem ser inexata, essa fórmula tem o inconveniente de sugerir que a criança, antes da brincadeira, conhecia já a ausência de sua mãe como tal; e que o passo que franqueia na brincadeira consiste apenas em que essa ausência encontra seu símbolo no vocábulo Fort (do mesmo modo que a mãe se acha simbolizada no objeto jogado (...) [No Fort] não se trata de uma estruturação significativa da ausência, mas da abertura prévia desse campo [buraco] da ausência onde “ser” se dissocia de “ser percebido” e se torna sinônimo de “ser pensado” (...) assiste-se aí à introdução da morte na vida.

Em certa medida, essas idéias poderiam ser relacionadas ao que escreve Jean Allouch, em *Letra a letra*, a saber, “[aos] diversos modos de relação com a alteridade, maneiras às vezes variadas e variáveis, pelas quais uma certa alteridade não cessa de ser aquilo com que o sujeito tem a ver, isso a que ele responde no seu sintoma (neurose), às vezes isso que ele responde na sua existência (psicose) ou na sua carne (doenças ditas “orgânicas”).”

Como já mencionado, o jogo *Fort-Da* freudiano foi inspiração para Melanie Klein e também para Winnicott, que enfatizaram, de maneiras distintas, o jogar, o brincar, como meio de tratamento psicanalítico, e é possível considerar que tais medidas dialoguem diretamente com suas concepções de objeto, que aqui se pretende articular com a condição de angústia.

Melanie Klein viabilizou a retomada do campo da realidade psíquica para mostrar a que ponto o universo infantil, povoado pela angústia e pelo terror, não é exclusividade da psicose. A idéia de pulsão parcial, que já aparece na obra de Freud e está também bastante presente na obra de Lacan, que chega a considerar o caráter parcial como a condição exclusiva da pulsão, foi significativamente enfatizada por Melanie Klein. Através das concepções de Karl Abraham, que revisou os conceitos freudianos para tentar descrever as relações arcaicas da criança com seu meio, a elaboração kleiniana redundou em uma concepção particular de objeto parcial, mais precisamente designados de objeto bom e objeto mau.

No elenco kleiniano de objetos a serem considerados para a abordagem da realidade psíquica, há a idéia de objeto ideal. Este se distingue da idéia de objeto total e surge ligado à concepção de objeto mau e primordial, por seu caráter inassimilável. Algo da ordem do *Das Ding* freudiano?

Neste esteio, é possível reconhecer sob as figuras kleinianas de objeto ideal e de idealização, precursores de uma forma de defesa primária e necessária para organização da realidade psíquica do bebê, que instaura a bipartição dos objetos como maus e bons, algo similar à idéia de um estado de angústia primária e de terror decorrente de uma forma de presença excessiva da mãe – anterior e impeditiva da instalação do jogo simbólico de presença-ausência?

Como mencionado anteriormente, Winnicott também enfatizou o jogo e o brincar em sua obra, dando uma contribuição importante para a concepção de objeto da pulsão/desejo. A idéia de objeto transicional marca a característica ativa do bebê na eleição de objetos que lhe permitem efetuar a transição necessária entre a primeira relação oral com a mãe e uma verdadeira relação de objeto. A viabilização desta posição eletiva do bebê dependeria, no entanto, de uma certa condição da presença da mãe na relação com o bebê, uma presença que emprestasse um lugar para manifestação, que está a caminho, da alteridade do bebê. A existência desse lugar a ser emprestado não dependeria da possibilidade de ausência na forma de presença da mãe? Esta seria, então, a condição necessária para o envolvimento do verdadeiro *self* do bebê em suas experiências de vida.

Mas, da perspectiva winnicottiana, podemos também circunscrever a idéia de que haveria nos primórdios da vida psíquica do bebê, em alguma medida variável, uma certa forma de presença da mãe que não se oferece para o bebê como empréstimo e que teria exigido do bebê uma resposta através de um falso *self*, a fim de resguardar seu verdadeiro *self* naquilo que não encontrou lugar para existir e desenvolver-se. Seria esta forma de presença comparável a uma presença excessiva da mãe? Seria possível localizar, neste ponto, mesmo nos casos onde isto tenha se dado, pelo menos parcialmente, a existência de uma angústia primordial.

Consideremos, então, a angústia como um dos três estados possíveis da economia pulsional, junto com a inibição e o sintoma. Da inibição sabemos que há o impedimento da possibilidade de se operar o

movimento da tensão mobilizada, caso que Lacan (1962) tratou como “um sintoma no museu”. No sintoma, que pode, ou não, estar ligado a uma inibição, temos uma atividade intensa para manter um objeto em posição de prover satisfação pulsional substitutiva, podendo o nada constituir um dos objetos da pulsão, como no desejo de insatisfação na histeria, ou ainda, o nada que alimenta a anorexia. Finalmente, na angústia, com a circunstância onde falta a falta, o único do desejo que há em perspectiva é a efetivação da realização do próprio desejo derradeiro, qual seja, o desejo de morte.

Talvez, nesta perspectiva, obter nada venha a ser o que melhor se possa contar, porque corrobora que continuamos no desvio que é a vida, podendo esquecer, ignorar a morte. Esquecer é mesmo uma operação “abençoada por Deus e bonita por natureza”: se os psicóticos pudessem esquecer, brincariam, sonhariam.

Já os neuróticos dramatizam, sonham, e até mesmo se especializam no recurso. Como variações do mesmo tema, há falas e sintomas, entre outras produções que substituem os objetos terroríficos esquecidos; substituição esta que, levada às últimas conseqüências, pode gerar um sentido no qual se acredita tratar-se de algo útil, que se efetiva, capaz até de dar conta do que a originou, a saber, um contra-senso. Fazem do nada tudo. A lógica seria ir dando de saída os anéis para ver se é possível ficar com os dedos, até o ponto onde se acredita piamente ter-se escapado de perder algo mais e que os dedos são para sempre. Sem contar a impossibilidade que se instala no discernimento do que é anel e do que é dedo. Muitas vezes toma-se exatamente um pelo outro.

A fidelidade à crença sintomática traria as garantias e também o enredo de um drama. Neste contexto, o que não pode acontecer são as surpresas. Mas tal fidelidade ao sentido sintomático garantido só seria possível se esse esquecimento tão específico que fundamenta esta montagem, e que chamamos recalque, não houvesse deixado um “bilhetinho” lembrando: “algo foi esquecido!” Finalmente Janet estava prenhe de razão: o problema [no sentido matemático do termo, isto é, de equacionamento/cálculo] são as reminiscências. Ou ainda, o drama no qual o neurótico se vê enredado.

A propósito da idéia de fidelidade, podemos acrescentar, com Daniel Sibony (1992), que seria preciso não haver inconsciente para isso fosse possível. Não seria esta a ferida narcísica produzida por Freud para

toda a humanidade, a de que já não é possível ser fiel a si próprio?

Diferentemente do eu (ego), que pretende sustentar uma identidade, ou seja, busca ser idêntico a si mesmo, a perspectiva de considerarmos o inconsciente exige o conceito de sujeito do inconsciente ou do desejo, como aquele que só pode realizar-se de forma não idêntica a si mesmo, ou seja, através da diferença. Talvez a mesma diferença que nos permite falar e, ainda, falar em uma análise e sofrer seus efeitos.

Nesse sentido, ao enredo do drama do neurótico concerniria uma ação inscrita no cotidiano das relações intersubjetivas, de eu/ego a eu/ego, nas quais, muitas vezes, assim como era comum na Idade Média, “mata-se o mensageiro quando a mensagem traz problemas”. Uma teia dramaticamente imaginarizada, plena de identificações, de muita especulação (especularização), que, por sorte ou azar, fura, e o drama amoroso solipcista acaba em lágrimas e, algumas vezes, no divã. Ainda sobre o drama amoroso, é preciso que se diga: em última instância, o neurótico ama o seu sintoma, sua própria imagem, seu próprio eu/ego.

De certa maneira, o que se coloca pela via tomada aqui como dramática é a tentativa de resolver a questão do desejo pela expectativa de encontrar “O objeto de desejo”, como se este pudesse ser encontrado e o desejo reduzido aos objetos estabelecidos ao eu/ego [i(a)]. Isto equivale à não disposição de colocar o desejo em causa (objeto a), que implicaria o que foi denominado aqui como sujeito do inconsciente ou do desejo.

Preso à formulação que constituiu seu ser, o que escapa ao neurótico é que quanto mais se aproxima da possibilidade fantasmática de encontrar “o suposto objeto de desejo”, mais próximo da ordem do *Das Ding* estará, e, portanto, mais perto do terror da ameaça da ultrapassagem do interdito (inter-dito). A pura presença de *Das Ding* seria aniquiladora da própria existência não só do sujeito, mas também do eu/ego, pois implicaria uma alteridade diante da qual nada mais pode ser dito, uma vez que falta a falta necessária para o jogo simbólico da fala, impondo-se assim um gozo radical e mortífero.

Então, quanto à possibilidade do encontro com o objeto derradeiro do desejo, podemos dizer que só a

angústia e a morte não se enganam. A morte não faz *Witz*. Quanto ao objeto a, em sua concepção de causa do desejo, operando justamente um furo nos registros (Real, Simbólico e Imaginário) da experiência humana, inclusive na experiência com os objetos do desejo, i(a), ele sustenta, pela possibilidade de representação e de articulação das representações numa fala singular, a condição de interdição à Coisa.

Se para Lacan o fantasma é justamente a relação que separa e articula o que vem a ser o sujeito barrado pela fala e um resto do *Das Ding*, como objeto a, podemos considerar que se viabiliza, pela possibilidade de fala, uma relação com a alteridade mais radical que compreenda uma angústia que pode vir a ser produtiva para o sujeito, uma vez que esta presença excessiva de *Das Ding* permanece barrada. O fantasma ou fantasia seria, então, um anteparo organizador da realidade psíquica do sujeito.

Haveria aí a possibilidade de admitir, usando uma expressão de François Leguil (1993), a condição de “um gozo amigo do desejo”. Para este autor, a cura psicanalítica buscaria três tipos de realização: *“uma realização pelo lado do significante, a que Freud chamou ‘levantamento do recalque’, da qual o sonho é a via régia; (...) também buscamos uma realização do lado do fantasma, não na passagem ao ato, mas no que chama de ‘travessia do fantasma’; o terceiro tipo de realização é aquela do lado do sujeito (...) fazê-lo ascender ao seguinte: ser castrado. O que Lacan chama a ‘assunção da castração’ é a própria destituição subjetiva”* .

Numa perspectiva que articula acesso ao ser e destituição num paradoxo próprio à Psicanálise, Leguil situa a distinção desta prática em relação ao tratamento psicoterápico, ao meu ver, de uma maneira particularmente interessante: a psicoterapia promete a cura e uma psicanálise promete um traumatismo. Mais precisamente, um autotraumatismo:

O ponto mais delicado do assunto é fazer com que este traumatismo não seja traumático, e a cura analítica consiste em preparar lenta e prudentemente o sujeito para isso. É necessário preparar o sujeito para que sua destituição seja de sua própria responsabilidade, e para isso é necessário irmos limpando, lentamente, o terreno do Outro. Como escreve Lacan no discurso

analítico: é necessário fazer cair, um por um, os significantes-mestres, de modo que os sujeitos creiam cada vez menos no Outro; que, no final das contas, ele não hesite demais em ver-se livre do Outro, servir-se dele, ou seja, perceber que este Outro também era um fantasma. A tarefa do analista é fazer com que o sujeito possa ir neste caminho, lentamente, por si próprio. Que ele vá, lentamente, com seus próprios passos, para este autotraumatismo. (Leguil, 1993)

De alguma maneira estas idéias dialogam com a perspectiva adotada por Ricardo Goldenberg, para quem “engajar o sujeito no seu determinismo inconsciente” é considerado em termos de “terrorismo psicanalítico”, ao que acrescenta: “A neurose é uma escolha ética. Um paciente deve abandonar seu analista convicto disto.” (Goldenberg, 2002).

Estas idéias, uma vez aplicadas à perspectiva de uma análise, indicam que, neste contexto, quando se visa colocar em causa a produção e o progresso de um sujeito de desejo (do inconsciente), deve-se incluir que está sendo cogitado colocar em causa também os modos de presença da angústia.

Ela passou por poucas e boas. Foram muitas as cenas difíceis de se “ouvir” entre seu pai e sua mãe. Sempre havia “encrencas”. Pôde “abstrair -se” disso, mas algo se impôs em seu corpo, que a surpreendeu com a reprodução silenciosa de uma célula defeituosa. Foi possível detê-la. Depois disso: levar a vida ao “Deus dará”... Mas acredita mesmo que o que tem foi tirado de alguém. Sua irmã surda, seu irmão “duro”... As “encrencas” das noites em que seu pai se encontrava na casa a acordava. Na manhã seguinte, só havia silêncio. Algumas vezes tem podido entusiasmar-se com a vida. Seu marido e filhos o fazem com frequência. Algumas vezes é possível segui-los... Mas, outras não... Vem considerando que caberia a ela o movimento. Incomoda-se um

pouco com o excesso do marido com a bebida nos fins de semana...Mas, pelo menos ele não procura "encrenca", dorme. Para seu próprio movimento se dar, cabe sempre uma dissimulação...Não quer ser pega pelo destino despreparada...

Num desses momentos de animação com a vida, prepara-se para sair quando recebe um telefonema de uma instituição de surdos e pela pressa de seu entusiasmo [sorrateiro], pensa em dispensar rapidamente o que supôs ser um pedido de contribuição monetária. Justamente tratava-se de um recado da irmã surda. Imediatamente é trazida para um estado conhecido de culpa, confusão e paralisação. A analista a interroga:

- Justamente quando se declara o recurso da irmã se sente culpada?

E então:

- Mas que recurso? Ela é surda e por isso não pode nem falar ao telefone...

- Sim, mas ao que tudo indica, se ela queria falar algo ela encontrou uma forma de fazê-lo...

- Sabe, minha mãe sempre me lembrava que tinha que ser "compreensiva", pois eu escutava e minha irmã não...

- Puxa, então além de escutar você ainda tinha que ser "compreensiva"?

Curiosamente, aquela angústia a levou ao riso, a um pequeno riso... Meio sorrateiro, meio "pedindo permissão"... A partir daí, a possibilidade da interrogação sobre o que é

déficit, e o que justamente é recurso... seus... dos irmãos... É... As coisas não se reduzem às aparências...

Seria esta a contribuição que o *Witz* traz do inconsciente ao cômico e à angústia? Que se faça um furo, uma ruptura, que se estabeleça uma descontinuidade, que abra espaço para a falta que engendra o desejo, numa via possível e para nada ao mesmo tempo? Seria o *Witz* uma boa oportunidade para a instalação de uma dialética produtiva entre angústia e desejo, uma vez que todos os objetos cuja manifestação suscita a angústia, bem como o cômico, não são objetos para o desejo? É antes o desejo que lhes é refém?

Nestas circunstâncias, há de se considerar que a possibilidade de participar da experiência do *Witz* implica alguma tolerância a um certo grau de angústia e, portanto, de desintegração.

No campo das abordagens das experiências desintegradoras, podemos localizar a idéia kleiniana que circunscreve o movimento que vai da posição depressiva (D) para a posição esquizo-paranóide (EP). Klein descreveu este movimento como sendo uma defesa paranóide contra a ansiedade depressiva, valendo-se dos mecanismos de defesa primitivos e onipotentes e, portanto, patológicos.

Para Bion, tal movimento inclui algo essencial para o pensamento criativo, o que desloca o recurso do campo exclusivamente patológico. Bion estabeleceu uma teoria sobre o pensar na qual a conjunção dos conteúdos psíquicos forma uma rede que serve de continente. No processo criativo, o pensar envolve a dissolução do continente, o que, para este autor, implica o que chamou uma pequena catástrofe psíquica, um despedaçamento. Trata-se do movimento em direção à posição esquizo-paranóide (EP); já a reformação de um novo estado de idéias seria remanescente da posição depressiva (D). Dessa maneira, o pensamento criativo implicaria não só o circuito que vai de D para EP (D ==>EP), como também o de EP para D (EP ==> D).

É interessante notar que a pertinência das idéias de objeto ideal e de idealização situadas na teoria kleiniana para a presente discussão – e articulados, nas páginas anteriores, à idéia de angústia ligada a formas excessivas de presença –, pois que concerniriam exatamente à preconização dos modos

esquizoparanóides de relação com o objeto. Seria possível considerar que, talvez, e em certa medida, o movimento $EP \Leftrightarrow D$ proposto por Bion – e sublinhemos nesta relação a mão dupla das setas – tenha a ver com os recursos simbólicos estabelecidos pelo o jogo presença-ausência dos objetos? Ou mesmo que tal movimento fale da possibilidade de contar objeto [ora] bom e objeto [ora] mau, na medida que contar o objeto bom é contar com uma ausência existente do (no) objeto mau (ideal) e vice-versa?.

Os movimentos $EP \Leftrightarrow D$ seriam também reconhecíveis na experiência da *talking cure*. Para localizá-lo nas operações da fala, é preciso afirmar que o circuito $EP \Rightarrow D$ seja próprio ao processo metafórico, enquanto aquele que vai de $D \Rightarrow EP$ compreenda o deslizamento metonímico do sentido da fala.

É possível considerar que o processo de elaboração, de trabalho psíquico, ou mesmo de produção de um sujeito do inconsciente, concebido como efeito da fala promovida numa análise, se dê por um inter-jogo dialético de modos sincrônicos (metonímia) e diacrônicos (metáfora) articulados na fala do analisante ao analista.

Lacan, por sua vez, inspirado em Platão (Sócrates) e em Hegel, considera que a experiência psicanalítica é uma experiência dialética. Lacan argumenta, através de uma análise do caso Dora¹⁴, publicado por Freud, como o tratamento psicanalítico progride por meio de uma série de inversões dialéticas, sem síntese de superação (*Aufhebung*), a partir das quais o desejo e a verdade que o movimentam são convocados para o trabalho.

É interessante também incluir que a condição para que a operação dialética, colocada em termos de $EP \Leftrightarrow D$, se efetive é necessária a existência de uma escuta diferenciada da fala, ou seja, a presença de um analista. Um analista que ponha em marcha o dispositivo analítico. Para Bion, tratar-se-ia, do lado do analista, de haver a já mencionada linguagem de êxito, aquela que deriva da possibilidade do analista de tolerar a dúvida, os mistérios, as meias-verdades e, por que não dizer, a angústia alheia envolvida na sessão analítica; angústia que requer um cálculo de alteridade possível e suportável na economia psíquica de cada sujeito em análise. Dito pelo avesso, tratar-se-ia de um cálculo de presença-ausência, ou ainda, de um cálculo de angústia articulado a um cálculo de graça.

¹⁴ Lacan (1951)

Para alguns, isso se faz possível se houver condições para uma escuta sem memória e sem desejo; para outros, pela presença do desejo *X* ou de analista.

Talvez aqui pudéssemos situar a idéia de *rêverie* proposta por Bion como expressão de uma forma de ausência necessária na presença do analista. Mas também é pertinente a expressão que Juan-David Násio (1999) propõe, a partir de sua leitura de Lacan: “silêncio em si”. Segundo este autor, cabe ao analista fazer “silêncio em si” para operar sua função. Luís Claudio Figueiredo (2000) localiza a idéia “presença reservada” do analista no seio da própria ética ligada à Psicanálise. Este autor chama a atenção para o aspecto intermitente da presença do analista na própria concepção de atenção flutuante proposta por Freud, que compreende um espaço de atenção/desatenção. Trata-se da oferta de espaço, tempo e suporte para que algo próprio ao analisante se produza.

É curioso que assim como na produção de um *Witz*, o cálculo de angústia envolvido na operação analítica exige a implantação de um lugar terceiro: um alhures, onde seja possível deixar-se enganar por um sentido que possa trazer algo novo, ou por que não dizer, que tenha alguma graça. É na condição de deixar-se enganar que a idéia de jogo, de brincar, pode ser levada a sério. Notem que, deixar-se enganar é algo diferente de se enganar e também que não é exatamente o oposto de não se enganar. Então, na função de analista não cabe se enganar, pois, efetivamente, a angústia não se engana. Para o jogo analítico, o cálculo do analista implica deixar-se enganar, pois esta seria a própria condição de vir a participar da economia psíquica do analisante, de constituir o campo transferencial no qual o sujeito do inconsciente poderá progredir.

Deixar-se enganar implica, então, sustentar o campo no qual a validade de um sentido [dramático] que vem vigorando pode ser reencontrada, questionada, revisada, em prol das condições que permitem um novo sentido advir. Podemos contar nesta circunstância: eu, tu e o jogo. Desse modo, “nem o eu” “nem o tu” detém o arbítrio da lei. Há uma instância terceira à qual se referir sobre isso: o jogo. É em relação a este que cada um dos participantes, mesmo ocupando posições diversas, se reporta.

Em referência ao recurso de instalação do terceiro termo na relação analista-analisante, nunca é demais

sublinhar que este seria um termo necessário para barrar a emergência de uma angústia aniquiladora, própria de um outro jogo, um jogo fatal jogado entre eu-tu, ou ainda, eu-ou-tu, no qual um restará do lado da vida e outro, do lado da morte. A relação analista-analisante, se constituída por um binômio eu-tu, intersubjetivo, pela própria circunstância transferencial, colocaria o analista em lugar de um outro imaginariamente apto a assumir um lugar fixado como ideal, portanto de árbitro, do qual pudesse falar ao analisante de sua [do analisante] própria verdade.

Em prol da mobilização de algo não menos pertencente à ordem da angústia, mas que, em última instância, é preciso que se diga, cabe ser reenviada pela função do analista ao analisante para que este venha a responder por isso, caberia ao analista operar ainda uma outra medida. A saber: a de ocupar o lugar daquele que responde pelo jogo e que, ao mesmo tempo, encontra-se submetido a este e, ainda, sem constituir-se como o tu do binômio eu-tu, para o analisando, pois como “o tu” do analisante, ocuparia um lugar impeditivo do movimento dialético da verdade implicada no desejo deste (do analisante), através de seus objetos relacionados ao eu/ego [i(a)]. É neste sentido, mantendo os lugares do jogo e do tu, mas sem ocupá-los, que o analista exerce sua função. Então, a condição é contar até três. Podemos sublinhar que na idéia de se deixar enganar, contamos três termos, enquanto que nas idéias de se enganar ou não se enganar, contamos apenas dois.

Na transmissão, a estrutura do *Witz* poderia ser tomada como um recurso interessante para situar um modo de presença do analista que não seja excessiva, ao contrário, que seja uma presença que abra espaço ao jogo de presença-ausência no qual a operação analítica se dá, e também como estrutura que permite não só o jogo, mas também sua transmissão.

Poderíamos considerar que seja através do dispositivo da psicanálise que o estado das coisas – com *Das Ding* – se modifique ainda um pouco mais...

Desde muito cedo tirava fios de seu cabelo. Acreditava que seu cabelo ralo e esbranquiçado incomodava mais às pessoas do que a ela mesma. Mesmo assim, havia pouco tinha se

decidido por uma prótese capilar. Mulher entusiasta da lei fez desta sua profissão. Veio falar de certa rigidez que a deixa sempre sozinha. Não que considerasse estar sozinha algo novo e não desejado, mas daquela vez alguma coisa a preocupava. Havia sempre uma amiga presente em sua vida. A amiga da vez...Não se lembra porque rompeu relações com cada uma delas, mas sabe que os rompimentos se impuseram de forma irrevogável e, portanto, foram mantidos. Há um ano deixou as aulas que dava na faculdade de Direito. Fora afastada, em licença médica. Toma muitos remédios, mas não se engana com isso e nem com os médicos...

Num primeiro período de sua análise, foi sendo lembrada por seu próprio calendário que seu pai faria anos em agosto. Também em agosto o pai se enforcara e seu rim [o dela] começara a dar problemas. Isto não a surpreendia. "Nada a surpreendia"... Sempre cuidou de um dos irmãos gêmeos. Desde que nasceram assumiu a menina, e sua irmã mais velha, o menino. Por isso mesmo não teria filhos. Hoje são jovens "imprestáveis". As pessoas são muito "burras".

Escrevia bem e, surpreendentemente, quase para ela também, escrevia em tom poético e amoroso. Sobre o amor, uma única desilusão fora suficiente. Estava disposta a nunca mais se enganar assim. E exatamente aí se enganava?... As amigas da vez, os gêmeos, agosto, a lei... . A história de vida dele a fascina. Foi um homem rigoroso... Viveu em campo de concentração, fugitivo, encontrou moradia no Brasil.

Lembra-se dele todos os dias. Arcou com as despesas que dele dependiam. A mãe, os irmãos... A vida é um "fardo", não culpa seu pai.

Bom, poderíamos pensar: caso se deixasse surpreender, talvez fosse surpresa demais... Mas a vida é feita de "miudezas" e "miudezas" foi sempre o que seu pai vendia num comércio que ainda existe.

Havia vida levada como um fardo, mas havia suas vindas ao consultório que a convidavam a aposta de que no pueril cotidiano as "miudezas" eram as oportunidades:

- E então vai haver o churrasco?
- Está tudo organizado [dito em muitos detalhes] ... Mas é claro que a previsão do tempo já disse que vai chover.
- É claro?
- É. Porque você se surpreende? Eu não.
- De certo modo então, só se não chovesse você se surpreenderia?
- Por que?
- Não sei, talvez porque você estivesse contando com o fato de que fosse chover?
- Você fala umas coisas...(Sorri, e logo acha uma saída, ou melhor, uma entrada. Age como se achasse todo aquele papo uma bobagem, mas decide investir e retoma a fala) Não, não me surpreenderia. Pode acontecer o acaso de eu marcar um churrasco e não chover. A gente já sabe que o cara que faz previsão meteorológica erra muito.

- É as previsões nem sempre são cumpridas...

Um furinho aqui, um furinho ali...Era o que ia minando aquela fortaleza. Não choveu no dia do churrasco. Piano, piano, cultivou seu cabelo, foi deixando de perder proteinúria, foi visitar a cidade natal do pai, mudou-se para o apartamento que há muito havia comprado e no qual só ia para “faxinar”... e em muitos momentos até achou graça da vida...

DO CRUPIER: A SUSTENTAÇÃO DE UM JOGO TRÁGICO

*É a nudez a palavra final?*¹⁵

A partir da experiência da análise, é colocado em perspectiva um percurso que deslocaria o neurótico de seu drama amoroso para uma vivência trágica. Neste percurso, deflagrar-se-ia o jogo de morte que sempre esteve em questão, embora viesse sendo tão evitado através do drama neurótico, voz das paixões (*pathos*) humanas, e no qual muitas vezes acreditou-se ver produzida uma boa solução pelas vias mais primárias do amor, que, ao mesmo tempo, o colocou diante de uma angústia insuportável.

Como montagem própria da relação dual, o drama especular é observável, do campo do visível, e diferenciável, então, do trágico. Como escreve Alfredo Naffah (1998), “... poderíamos designar [o trágico] como uma sabedoria ancorada no invisível, designando por este termo a conquista de um eixo de referência vital móvel, capaz de desdobrar-se em morte e renascimento contínuos (...) o sacrifício da individualidade do herói em direção às múltiplas formas produzidas pelo devir (...) a necessidade de acolher os afetos para poder ultrapassá-los na contínua dança das forças do destino: essa, a essência do trágico”. Ainda o mesmo autor, referindo-se à passagem ao divã numa análise, considera a possibilidade de aplicar um fundamento trágico a essa utilização [do divã]: operar-se-ia aí um deslocamento do mundo das formas para o mundo das forças.

No que diz respeito ao “mundo das forças”, Schlegel, em vários de seus fragmentos, faz notar que o *Witz* constitui uma força química, até mesmo de explosão, de explosão do espírito e de criação. Para aproveitarmos a proposição de Schlegel, que certamente não se reduz a uma alegoria, em se tratando do contexto de sua obra, no “mundo das forças” haveríamos de preferir explosões às implosões.

¹⁵ Referência (dialogada) a Clarisse Lispector: “... É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando./Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.”(Lispector, 1995:101).

Numa análise, o trágico poderia ser tomado como modo de relação que permite equacionar um certo trecho do percurso, aquele que concerne à operação que capitaliza a ênfase dada pelo drama em vigência na vida do neurótico com seus objetos do desejo, para o estabelecimento de uma relação com a condição de objeto na posição de objeto causa do desejo. Propiciada pela fala, esta operação separaria e articularia, então, sujeito do inconsciente, do desejo ou, ainda, sujeito barrado (\$) e objeto a (a). Certamente, esta não é uma via de apaziguamento da angústia, como o seria se fosse tomada uma via que pretendesse esgotar-se na articulação do eu/ego e seus objetos [i(a)], o que corresponderia à via psicoterapêutica e não psicanalítica.

Poderíamos pensar a passagem do drama ao trágico também como uma inversão dialética do eixo EP \leftrightarrow D? Ou ainda, com Lacan, a inversão dialética do desejo que se formulou pela condição intransitiva da demanda amorosa sustentada no dispositivo da análise? Não seria esta uma experiência equiparável ao *Witz*?

Por certo tempo, Lacan metaforizou, na figura de Antígona, de Sófocles, a forma mais radical do desejo, a idéia de desejo puro. Nesta perspectiva, o desejo puro, levado às últimas conseqüências, culminaria, assim como na referida tragédia grega, na morte. Mas, se fosse assim, a idéia de desejo puro colocaria como perspectiva de fim de análise uma fatalidade, através do cumprimento de tal destino tão funesto. Certamente Lacan teria levado tal perspectiva em conta ao recolocar a questão mais tarde, de forma diferente: o desejo do analista não é puro. Seria possível dizer de um desejo puramente *chistoso*?

Mais uma vez, a idéia de jogo pode ser profícua. Falar em jogo é falar em lei. De acordo com Huizinga (1975), o jogo é um modo de ação, uma forma de conduta diferente da habitual. Constitui uma atividade valiosa em si mesma, livre e voluntária, em oposição à tarefa obrigatória que se executa na perseguição de um fim transcendente.

“O jogo por mandato não é jogo, é qualquer outra coisa, uma réplica...”, afirma Huizinga. E segue com o exemplo do jogo de *cricket* da inigualável história de L. Carroll, *Alice no país das maravilhas*: jogo imposto por uma rainha déspota que constantemente manda cortar cabeças. Para Huizinga, trata-se de um

pseudo-jogo, e, mais que isso, um anti-jogo. É significativo que no aludido jogo de *cricket*, as regras lúdicas não são permanentes nem invioláveis, mas são arbitrariamente modificadas, à mercê dos caprichos da soberana. Há, aí, uma relação íntima entre jogo como atividade livre e a soberania das regras do jogo. Para a atividade lúdica a única soberana é a regra do jogo, a lei.

Na medida em que o jogador não persegue fins que ultrapassem os limites do puro jogar, do presente eternizado no jogo, do tempo lúdico qualitativamente diferente do tempo cotidiano, o jogador é um ser não alienado, não projetado fora do aqui e do agora. Assume plenamente o presente, deixa-se absorver totalmente pela ação lúdica, permite-se ser no fragmentado, concentrando todas suas forças na unidade potente e criadora.

O jogo não é a vida corrente ou a vida propriamente dita. Consiste, ao contrário, em sair dela: o jogo interrompe o processo cotidiano e se intercala nele como atividade provisional e temporária, como *intermezzo*, como “passa-tempo”, que, em determinado momento, deve cessar. O jogo é efêmero, aparece e desaparece, podendo repetir-se quantas vezes se desejar. No entanto, implica limites de espaço e tempo nos quais se estabelece um sentido para quem está no jogo.

Cada jogo funda uma ordem própria e absoluta que contrasta com a confusão e a imperfeição cotidianas. O bom jogador é quem se deixa absorver pela esfera lúdica e se entrega a esta com fervor e entusiasmo. Huizinga fala de abandono, embriaguez, humor, quando se refere ao estado de ânimo daquele que joga. Também diz que “para jogar a verdade, o homem, enquanto joga tem que se converter em criança”. Para aclarar esta idéia, acrescenta mais adiante que a criança que joga não é pueril. Seu jogo é absolutamente sério, invade todo seu ser e provoca nela os sentimentos mais intensos e radicais. Huizinga outorga importância à tensão lúdica: “[a] tensão determina a importância e o valor do jogo, e quando esta tensão cresce, faz com que o jogador esqueça que está jogando”¹⁶. A tensão é resultado da incerteza e do acaso emoldurados pela estrutura formal – a das regras, a da lei – do jogo.

“O jogo é uma luta por algo ou uma representação de algo”, define Huizinga¹⁷. O jogo como representação inclui um ingrediente inédito: o mistério, acentuado mediante o disfarce ou a máscara.

¹⁶ Huizinga (1975).

¹⁷ Idem.

Segundo a teoria dos jogos, o jogo está fora da disjunção sensatez - necessidade, e também do contraste entre verdade e falsidade, bondade e maldade. Ainda que o jogar seja uma atividade espiritual, esta atividade não é e não tem, por si, uma função moral.

Reencontramos, através da teoria dos jogos, o lugar do enigma na experiência humana. Enigma conjugado ao mistério envolvido numa atividade espiritual, na qual a ética não se cola à moral. Para esta discussão, vale uma remissão a F. Schlegel (1997), em outro de seus fragmentos:

Um bom enigma deveria ser chistoso, senão nada sobra tão logo se descubra a palavra; também não é sem atrativo se um achado chistoso seja tão enigmático a ponto de se querer decifrá-lo, mas seu sentido tem de ser completamente claro, tão logo encontrado.

Nos jogos, a atmosfera de mistério-enigma criada pelo disfarce ou máscara oculta a personalidade do jogador, provocando a incerteza nos demais jogadores e espectadores, quer dizer, uma sensação de insegurança e de temor (a tensão lúdica).

Talvez a conjugação “tensão lúdica” seja o que melhor represente o *Witz* nos diversos momentos de uma análise. Seja na tomada trágica do drama especular, seja como uma nova posição frente a um destino funesto anunciado pela tragédia. Como um *crupier*, o analista convoca cada um em análise: “faça sua aposta!” – mesmo sabendo que, no final, quem ganha é a banca.

Se o neurótico está sempre pronto a declinar da legitimidade existente na inscrição de seu desejo no mundo, o perverso não se cansa de reivindicar isso. Para este último, sempre há um bom e justo motivo para o desvio do sentido estabelecido pela cultura. Seria esta uma forma de tentar evitar o drama humano, ou melhor ainda, uma tentativa de financiar o drama para o outro e ganhar os juro?

Numa dessas tardes, recebo um telefonema de uma senhora

perguntando sobre a possibilidade de tratamento para seu filho. Sua terapeuta havia indicado meu nome. Estava muito aflita, pois seu filho havia "exagerado" e era preciso tomar providências... Pensou em lhe tirar o carro... Tal era o tom de gravidade!? Frente a isto, o rapaz estava disposto a vir a ter com um "profissional".

Pergunta quem deve ir à entrevista marcada... Ela? O marido? O filho? Teria sido mais "de acordo com o figurino" propor que o rapaz entrasse em contato comigo diretamente e marcássemos um horário, já que era ele o motorista em questão... Mas, por razões que a razão desconhece, a resposta da analista foi: "Venham todos".

Vieram. Havia sido roubada uma quantidade significativa de dólares do cofre da família e estavam convencidos que tinha sido o filho. Havia episódios anteriores... Um cheque e alguns Euros da carteira do pai, algumas notas de 50 e trocos de compras encomendadas pela mãe... Ele sempre negava até a última prova lhe ser apresentada. As provas eram obtidas por via de documentos bancários, gravações de escutas telefônicas, jogos de "dar corda para o outro se enforcar" ou "jogar verde para colher maduro"... Métodos policiais para confirmar o criminoso? Seria aí que o crime compensava?

Se o que se apresentava era um jogo, poderíamos dizer que se pretendia incluir a analista neste jogo. Curiosamente, a única inclinada a se angustiar com este jogo parecia ser

eu. Mas, afinal, quem estava apostando em quê ali? Certamente, a única maneira de apostar numa perspectiva psicanalítica seria furar este jogo já armado e devolver para os jogadores suas próprias angústias. Frente ao que era proposto, é importante nos lembrarmos que a responsabilidade de um psicanalista não passa por resolver a problemática apresentada, mas, pela sustentação do dispositivo ético para a - e na - aposta de que o Isso produza novos destinos.

O rapaz passou a freqüentar meu consultório duas vezes por semana. Apresentava-se sempre da forma mais apropriada: no horário, falava bastante... parecia vir para não ser incomodado. A partir daí, os pais haviam deixado a questão dos dólares desaparecidos de lado e não falavam mais daquilo com ele. A vida do rapaz, então, continuava: a namorada... que muitas vezes o aguardava na sala de espera durante suas sessões, como se ele desse uma "passadinha" pelo consultório no meio da tarde de namoro... O carro super equipado, que havia lhe custado pelo menos os Euros do pai, as notas de 50 da mãe, além da farta mesada que recebia, continuava de seu agrado... os fins de semana de surfe e a volta para SP "sem stress". O pai retomara o trabalho intenso e cotidiano, que o ocupava "24 horas por dia". Já a mãe tão exasperada que havia me procurado, tinha recuperado o controle dos gastos do dinheiro do marido, que parecia ser o que ela reivindicava, acima de tudo. Com a pior das más intenções, propus como pagamento

pelas sessões um valor que apostei perturbaria a todos. Considerei se este “todos” poderia me incluir também, o que colocaria em risco minha condição de fazer uma escuta analítica naquele contexto. Era um valor muito alto para minhas referências pessoais, mas me pareceu estratégico... uma aposta promissora em relação às condições de possibilidade de se produzir um furo naquela montagem, na qual, ironicamente, o dinheiro era elemento que mobilizava de maneira considerável uma lógica de funcionamento difícil de se perturbar, tal qual é próprio de uma lógica muito afinada com a da perversão.

Se em todo início de tratamento psicanalítico empenha-se um período para a instalação da transferência como condição do jogo analítico, é preciso considerar que esta instalação, embora seja efeito da oferta do analista, depende também, em grande parte, da lógica de funcionamento psíquico do candidato à análise, o que, como analista, nos coloca diante da eminência de uma outra aposta: a de um diagnóstico diferencial entre os funcionamentos neurótico, psicótico e perverso.

Lembremos que, da perspectiva da Psicanálise, a idéia de diagnóstico é bastante diferente da habitual. Podemos considerar que a idéia de diagnóstico seja oriunda da medicina. No campo da psiquiatria, como é próprio de sua pátria médica, bem como no campo da psicologia, o diagnóstico é feito para indicação de uma determinada intervenção posterior, seja psicoterapêutica ou medicamentosa, e consiste numa avaliação dos sintomas observados. Já no campo da Psicanálise, a investigação diagnóstica consiste numa aposta cotidiana de intervenção na cena intrapsíquica e tem, no contexto da transferência, a condição de seu dimensionamento. Isto porque, para a Psicanálise, as estruturas clínicas – neurose, psicose e perversão – não são categorias pelas quais se possa decidir a partir de uma fenomenologia sintomática manifesta e observável diretamente, como o são para a psiquiatria e a psicologia, mas sim, por dizerem respeito a determinadas organizações da economia psíquica de um sujeito, a qual só pode comparecer nas

condições da transferência. É só a partir da instalação do próprio dispositivo psicanalítico que esta dimensão econômica e intrapsíquica se faz notar. Então, ao mesmo tempo em que a transferência é condição para a aposta diagnóstica, é preciso considerar as condições de instalação da transferência numa aposta sobre os recursos de cada estrutura clínica em questão.

Este paradoxo, que é apontado para circunscrever o lugar e a condição do diagnóstico diferencial em Psicanálise, é algo a ser sustentado em cada análise e produz uma outra pergunta, a saber, a pergunta sobre a analisabilidade daquele que se apresenta para o analista. Sobre o tema, Juan David Nasio¹⁸, em entrevista concedida para a Revista *Percurso*, estabelece quatro condições básicas: 1) que se trate de alguém se queixe de seu sofrimento; 2) que se pergunte sobre este sofrimento e creia que possa haver uma resposta para esta pergunta; 3) que tenha atitude de buscar a resposta para isso; e 4) que se espere encontrar esta solução pela psicanálise.

Pois bem, o rapaz que dirige o carro, que talvez busque dirigir também o gozo de sua mãe, na reivindicação pela exclusividade do gasto do dinheiro do pai, que, por sua vez, no melhor estilo do *rock* dos Titãs, “não está nem aqui, não está nem ali, está em lugar nenhum”, não é dado a se angustiar. Então, nem chegamos à primeira das condições para análise.

Conta uma historieta que, certa vez, numa pequena comunidade judaica, depois de uma desavença entre dois de seus membros, um deles foi consultar o rabino. Chegando ao rabino, contou-lhe o ocorrido, ao que o rabino afirmou que ele tinha razão no que lhe contara. O segundo envolvido na desavença ficou sabendo o que o rabino afirmara para o primeiro e foi falar com ele também. O rabino lhe ouviu e disse: “Você tem razão”. A posição do rabino gerou muita polêmica na comunidade e, finalmente, um terceiro membro desta comunidade decidiu cobrar o esclarecimento do rabino.

¹⁸ Entrevista concedida à Revista *Percurso*, Ano XIV, n 26. primeiro semestre de 2001, SP.

Então, foi a ter com ele e disse: “Rabino, Jacob e Isac discutiram e cada um deles veio consultar o senhor. O Sr. disse para cada um que tinha razão. Isso não pode ser!”
Então o rabino disse: “É, você tem razão...”

E quem não tem?

E quem disse que seria o caso deste rapaz se angustiar... e muito mais se analisar?

É nas situações clínicas, como praticante da psicanálise, que reencontro, sempre atrasada em relação ao saber que tomo disso, o sentido que estabelece minhas próprias preferências e escolhas teóricas. É ao ser reenviada a certas idéias que vai sendo atualizado o sentido das apostas que faço ao tomar uma e não outra perspectiva, dentre as diversas estabelecidas no campo da teoria da clínica psicanalítica.

Diante da pergunta que me faço, “E quem disse que seria o caso deste rapaz se angustiar ... e muito mais se analisar?”, me surpreendo ao destacar a resposta à questão, do próprio fato de ter enunciado a pergunta. Ora, certamente, como o rabino denuncia na historieta, não é a razão [no sentido também matemático do termo] do analisando que merece ser questionada, mas a função analítica ao escutá-lo. A Psicanálise, que coloca a questão da angústia em pauta, não pretende se constituir como uma proposta humanista, missionária frente à natureza humana, mas sim, tomar o sujeito em sua particularidade da condição de falante. A aposta, segundo o sentido que se atualiza para mim como praticante ao escutá-lo, é uma pergunta sobre o Inconsciente estruturado como linguagem, que tampouco é um inconsciente admitido como natural. Ao contrário, trata-se de um inconsciente composto pela inscrição de uma série de significantes que cifram o próprio corpo simbolicamente. Este inconsciente, cifrado pela lógica significante, consistiria o campo da própria verdade sobre o desejo, verdade esta que estabelece, então, um saber. Um saber possível sobre a verdade do desejo que, por sua vez, é o próprio objeto da investigação psicanalítica, embora nunca seja totalmente acessível. Como praticantes da psicanálise, em nossa condição similar a de um *crupier*, que convoca cada um que a nós se dirige para que faça suas apostas, é que temos que considerar uma questão que podemos chamar de estilo para a função. E isto é, em si mesmo, uma aposta própria.

Na perspectiva adotada, a da pergunta sobre um sujeito efeito da fala que articula um inconsciente estruturado como linguagem, reencontramos mais uma dimensão da aposta em jogo, na qual a função de *crupier* é equiparável à própria função e ao desejo de analista, como desejo de obter a diferença, de produzir um saber possível sobre o desejo. Mesmo que a banca seja o não saber que se coloca sob nosso desígnio mortal e de ignorância constitutiva, se sustenta a existência de um Sujeito Suposto ao Saber. É importante sublinhar que, o que é suposto é o Sujeito, pois a idéia de um inconsciente estabelecido como um saber (que não se sabe) já é uma aposta assumida.

Neste sentido, a condição desejante, própria do humano, vocifera na cena de seu cotidiano em meio das já mencionadas três grandes paixões humanas que visam dar consistência à realização do ser: o amor, o ódio e a ignorância.

Retomemos a questão: “E quem disse que seria o caso deste rapaz se angustiar... e muito mais se analisar?”

Diz Lacan, em seu seminário “A angústia”, que a lógica perversa vigora no sentido de atualizar o fantasma [que é perverso] no neurótico e que esta é sua última defesa contra a angústia. E também que o perverso está disposto a tirar até a última parcela de gozo que possa vir disso. Para situarmos melhor estas idéias, vale lembrar que, para Lacan, a perversão constitui uma terceira estrutura clínica, junto com a neurose e a psicose. Isto é, a perversão é também um modo particular que o sujeito tem de se situar em relação à pulsão.

Se, para Freud, a idéia de que “a neurose é o negativo da perversão” é só uma expressão que indicaria que a perversão seria a expressão direta de uma natureza que está sob recalque no neurótico, para Lacan, há a idéia de que a perversão (a \diamond \$) está estruturada de modo inverso à neurose ($\$ \diamond a$), mas está igualmente estruturada. Ambos, neuróticos e perversos chegaram ao terceiro tempo do Édipo. Assim como acompanhamos na clínica a histericização do discurso do obsessivo, me parece factível, apostar num trânsito possível entre as estruturas da neurose e da perversão, sobretudo se considerarmos que a

imobilidade do discurso do capitalista proposto por Lacan (1970) convirja não necessariamente para o perverso, mas para o canalha.

Nos servindo da argumentação de Goldenberg (2002), podemos considerar que perversão, ou mesmo o cinismo e a “canalhice” não são a mesma coisa. E mesmo que, como nos alertou Lacan, ao canalha a psicanálise não caiba, caberá a pergunta de como, desde a posição de analista, este poderia arbitrar sobre tal exclusão antecipadamente à experiência, a não ser por efeito de seu [analista] próprio fantasma.

Mas o rapaz vinha às sessões e falava – pelos motivos que o moviam, sabe-se lá quais. Mas ele vinha e falava. Pelos motivos que o moviam, sabe-se lá quais. Muitas vezes me perguntei sobre isso. Chego à conclusão de que o único paciente é o analista. Isto porque, em certas circunstâncias, não basta apostar, é preciso ter paciência também. Talvez o primeiro reconhecimento a se fazer, nas circunstâncias de início de tratamento, e para o estabelecimento da transferência, é que aquele que fala será, em algum momento, como está dito pela sétima arte, “traído pelo desejo”, mesmo não sendo este seu propósito ao falar.

Logo, o telefone soou novamente... a mãe, porta-voz do dinheiro, quis confirmar a cifra envolvida no valor a ser pago pelas sessões. Chamou-me atenção que, embora parecesse ter uma opinião sobre o montante nomeado, não fez nenhuma menção de se declarar a respeito ou de pleitear outra cifra. Pareceu-me que estivesse mais disposta a marcar seu lugar neste contexto do pagamento: lugar de “autora do

gasto". Subseqüentemente a este telefonema, houve duas faltas do rapaz, seguidas de dois respectivos recados deixados pela mãe, nos quais esta enfatizava que o motivo das faltas dele era o agendamento que ela própria havia feito para ele com o dentista.

Algum tempo depois, os pais do rapaz vieram falar comigo. O rapaz preferiu não participar do encontro. A mãe procurou esclarecer o que acreditava que eu não houvesse entendido direito: seu filho era péssimo [ladrão, desonesto, mentiroso, etc...], e o marido um "banana" que lhe fazia os gostos... e que era ela quem tinha que cuidar [do dinheiro] para "ajeitar" as coisas ... Contou vários episódios para me convencer. Comentei que chamava minha atenção que, em relação que acabava de narrar, ela sempre soubesse o que ia suceder, antes de acontecer. Perguntei-lhe se isto lhe chamava a atenção, de alguma maneira. Disse-me, então, que era porque já o conhecia. Perguntei-lhe se ela via alguma possibilidade de ele ser diferente do que ela já conhecia dele em alguma coisa, em alguns momentos... Ela disse que não...ao que comentei: "Bom, então ele cumpre exatamente as expectativas que você tem dele...Talvez fosse o caso de relançar suas apostas..." Fez-se um breve silêncio e o pai tomou a palavra... parece que ele tinha um bom palpite para o jogo...

Ainda no final daquele encontro, a mãe retomou o fôlego para me questionar sobre a freqüência do filho às sessões.

Como eu não tinha idéia de qual seria esta freqüência, pois havia adotado como medida marcar a próxima sessão a cada vez que ele vinha, lhe respondi que não sabia. Muito preocupada, me interrogou como ela poderia, então, saber se ele estava vindo ou faltando, se ele pediria a quantia correta de dinheiro para pagar ou não, etc... Para “ não cutucar o leão com a vara curta” demais, já que antes ela havia me explicado, para o caso de eu ter considerado usar o divã (situado ao meu lado) com seu filho, que divã era um atraso de vida, etc..., dei-lhe a satisfação de alguma explicação: “Veja, não há o menor interesse que seu filho venha à sessão se isso não interessa a ele e, por outro lado, não há porque deixar de propor uma sessão se isso vier a interessá-lo.. é por isso que não tenho como dizer-lhe quantas sessões serão feitas até o final de cada mês”... mas não sem acrescentar: “Quanto ao dinheiro que você vai lhe entregar para o pagamento ... Bom, só vai restar apostar na palavra dele...Puxa, eu estou mais parecendo um *crupier!*” (risos...tensos, mas risos...)

A aposta é que cada um se responsabilize pelo que é seu e, neste caso, como dizem os portugueses, “estou a escutar” este rapaz, o que não é fácil, mas vem se demonstrando possível. Da mãe, ultimamente, só tenho notícias por ele (ainda).

Algumas vezes, então, mesmo o drama especular está por se desenrolar para que o destino trágico e humano se deflagre. Mas, como escreve Lacan, em “O estádio do espelho ...”: “... o limite extático do “Tu és isto” em que se revela, para ele [analizando], a cifra de seu destino mortal [trágico?]....esse momento em que começa a verdadeira viagem.”

O objetivo da cura psicanalítica é levar o analisando a reconhecer a verdade sobre seu desejo. É condição para o reconhecimento do próprio desejo que este seja articulado pela palavra. Não obstante, há um limite para esta articulação do desejo na palavra, o que demonstra o caráter irreduzível do inconsciente. Ainda que a verdade sobre o desejo esteja presente, em alguma medida, em toda palavra falada, a palavra nunca pode expressar toda a verdade sobre o desejo.

No contexto da Psicanálise, as distinções entre as ordens da necessidade, da demanda e do desejo constituem discernimento imprescindível. A necessidade é expressão do instinto puramente biológico, um apetite que surge do próprio organismo vivo e que se satisfaz, temporariamente, quando atendido.

A particularidade do sujeito humano é que ele nasce em estado prematuro e é, então, incapaz de satisfazer suas próprias necessidades. Sua competência lhe permite, no entanto, lançar um apelo a Outro humano por amparo. Este Outro, ao atender-lhe o apelo, logo o viabiliza como demanda. A demanda é, em última instância, uma demanda de amor a este Outro, esperando realizar com ele a unidade perfeita do ser. A demanda se estabelece pela fala. Falar é demandar, demandar amor ao Outro. É no próprio limite da fala, ou seja, no limite da articulação entre necessidade e demanda – na qual temos como desdobramento o limite do atendimento desta demanda amorosa e sua impossível vocação de buscar o recobrimento da ordem da necessidade – que vemos depreender-se o desejo.

Há, desde o início, uma marca trágica no desejo. Se considerarmos que a tragédia é sempre a história de uma simbolização e, ao mesmo tempo, que o que a move é justamente o impossível de simbolizar, haveria uma aproximação deveras significativa com a própria condição de desejo colocada em causa pelo dispositivo psicanalítico. Este impossível de simbolizar, impossível de ser recoberto pelo recurso linguageiro próprio do humano, circunscreve uma dimensão da experiência humana da qual nada sabemos: a morte.

Mas a morte não é uma questão de destino, de destino humano? Destino que nos é anunciado desde o início e para o qual, como nos informou Freud, não temos registro que se efetive?

A morte é constitutiva da ordem simbólica, uma vez que o símbolo, ao ocupar o lugar daquilo que simboliza, é equivalente à morte do que representa. Para Lacan, o espaço em que se consuma a tragédia foi denominado “espaço entre-duas-mortes”. A primeira morte é a morte física do corpo, uma morte que põe fim à vida humana, mas não aos ciclos de corrupção e regeneração. A segunda morte é a que impede a regeneração do corpo morto, no ponto em que são aniquilados os próprios ciclos de transformações da natureza.

Um dos desdobramentos da idéia de “espaço entre-duas-mortes” como o da consumação do trágico nos indica que este espaço é tributário dos limites da própria identidade: das razões de viver e, portanto, de morrer. A tragédia nos apresenta o humano e o interroga nas vias da solidão, através da figura do herói, que comparece situado numa zona em que a morte invade a vida.

Freud, como sabemos, problematizou com Sófocles (Édipo) a castração e de seu efeito produtor de desejo. Lacan, por sua vez, articulou à Psicanálise a idéia heideggeriana do ser-para-a-morte, marcando a incidência subjetiva da morte. Que deslocamento se opera nessa passagem da castração para a morte? Possivelmente um deslocamento que está inteiramente contido na teoria do desejo, que sobredetermina a morte singular pela identificação do desejo com o desejo de morte. Nesse movimento, o desejo não mais é limitado pelos impasses da castração, mas triunfa em seu reinado absoluto. A humanização efetuada pela castração é reiterada, e em parte negada, pela irredutibilidade do herói trágico, que recusa seu destino no exato momento em que parece aceitá-lo.

O desamparo radical torna-se triunfo do desejo. O desejo de morte transforma-se na morte negada. A fidelidade ao desejo, levada às últimas conseqüências, nada mais seria do que a expressão do desejo derradeiro: o desejo de morte. A negação da morte deixa de ser o triunfo da morte para ser o triunfo sobre a morte.

A experiência psicanalítica decerto é trágica, pois que é perpassada por um conflito irredutível. O sujeito falante não pode jamais superar sua própria castração; sua divisão e sua alienação fundamentam seu desejo numa perda irreversível. Mas o desejo puro é, afinal, aquele mesmo que desemboca no sacrifício e no assassinato de tudo o que é objeto do amor em sua ternura humana? Notem que o que se coloca não

mais seria, então, da ordem do luto de uma perda, mas sim, da ordem do sacrifício, do assassinato e do extermínio. E é esta a pergunta que a tragédia nos lança entre-duas-mortes.

Na dimensão trágica, tal como se verifica nos mitos, a relação da ação com o desejo que a habita se exerce na perspectiva de um triunfo da morte. Nessa lógica, não há lugar nenhum para uma renúncia que deixe o objeto de lado, ou que o deixe existir sem uma apropriação mortífera. Há, nessa perspectiva, a iminência de se afirmar sobre a ética da Psicanálise, sobretudo àquela que se pretende promotora de uma investigação sobre o desejo, em relação ao qual o sujeito não deve ceder: a Psicanálise não é uma escola da fatalidade.

Há, nisso, uma definição do desenrolar da análise. Existe um tempo da análise, que consiste em perseguir até o fim o agrilhoamento do desejo pelo significante, isto é, o destino, ou seja, ver como o significante determina o desejo. Mas, há de se pensar num outro tempo, um tempo no qual se possa encontrar uma maneira própria de pertinência à comunidade humana.

Para Lacan, uma análise pode levar o desejo a uma nova condição, condição esta que ele denominou desejo do analista:

O desejo do analista não é um desejo puro [eis aí o ponto essencial, aquele que, a meu ver, desata, desagrilhoa o desejo do analista desse tipo de vínculo único com o desejo]. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente ele pode viver .
(Lacan, 1964)

Se considerarmos que o desejo em ato que comparece encenado na tragédia possa estabelecer-se como ato de enunciação na constituição de uma nova forma de laço social, estaria lançada a perspectiva de que tenhamos nos servido do trágico do desejo para refazer uma aposta na vida, ao considerá-la finita, mas

possível, e até com uma certa graça.

A ironia é que a resposta possível talvez esteja na própria condição de se fazer a pergunta sobre o desejo.

Zizek (1992) relata uma historieta, à qual denomina um “Witz hegeliano”, que retoma, de maneira exemplar, a lógica da verdade surgindo do engano, isto é, da verdade que coincide com o caminho para ela mesma.

Assim segue a narrativa: num trem, estão sentados um polonês e um judeu. O polonês se remexe por algum tempo, irritadiço, com alguma coisa a afligi-lo e, finalmente, não consegue mais se conter, explode e pergunta ao judeu: ‘Diga-me, como é que vocês, judeus, conseguem tirar das pessoas até o último centavo, e, assim, acumular riqueza?’ O judeu lhe responde: ‘Bem, eu lhe direi, mas não em troca de nada; dê-me cinco zlotys.’ Depois de receber a moeda, ele começa: ‘Você tem que pegar um peixe morto, cortar-lhe a cabeça e despejar as vísceras num copo d’água. Quando a lua estiver cheia, tem que enterrar esse copo no cemitério...’ ‘E aí?’, pergunta o polonês avidamente, ‘se eu fizer tudo isso, vou enriquecer?’ ‘Não tão depressa’, respondeu o judeu, ‘isso ainda não é tudo. Mas se você quiser aprender o que vem depois, dê-me mais cinco zlotys!’ Depois de receber novamente uma moeda, o judeu continua a história, e logo torna a pedir dinheiro etc, até que finalmente o polonês se enfurece: ‘Você é mesquinho, está mesmo pensando que não reparei no que quer de mim? Não há segredo nenhum, você só quer é pegar todo o meu dinheiro!’ O judeu lhe responde tranqüilamente: ‘Pois então, você compreendeu como é que os judeus’.

Trata-se, então de nos situarmos: é a oferta de espaço, tempo e suporte para que algo próprio ao analisante se produza a partir da condição da *ignorantia docta* do analista, que se faz sobre o eixo presença-ausência, a cada sessão e ao longo de cada sessão, que sustenta a existência de um sujeito suposto ao saber.

O inconsciente considerado como um saber que não se sabe, tem, na repetição, a expressão mais cabal disso, e, no dispositivo da psicanálise, o maior aliado para produzir um saber sobre este saber; uma voz que dá voz à voz inconsciente.

DA INSTABILIDADE FINANCEIRA DO APOSTADOR (APOSTA-DOR?)

A sublimação eleva o objeto à dignidade da coisa.

Jacques Lacan

A possibilidade de haver graça foi expressa, nas páginas antecedentes, como “uma certa graça”. No encaminhamento dado, uma certa graça só pode ser concebida como sendo da ordem da surpresa, do imprevisto. Aquela graça que resulta da conjugação de estranhamento com familiaridade e que, desta forma, convoca à experiência humana uma beleza possível no logro da certeza, da garantia de sentido e da própria aspiração pela eternidade.

Se, como também já apontado, o *Witz* foi proposto como paradigma da própria condição daquele que assumiu seu destino trágico em uma análise, foi justamente por contar com este mesmo elemento surpresa que está contido na fórmula que produz o *Witz*. Isto é algo que ainda se pretende levar a termo neste trabalho.

Mas, antes, ainda cabe levar um pouco mais adiante o aspecto irreduzível da angústia, não só como o elemento que pulsa no *Witz*, na fala, na vida e que pega o herói trágico “de calças curtas”, mas também como aquilo que, ao mesmo tempo, nos pega de surpresa e nos faz passar pela experiência chistosa que conjuga estranhamento, reconhecimento e novidade, a cada vez que, por exemplo, ouvimos uma piada ainda que o façamos pela centésima vez.

Nesta perspectiva, foi feita a articulação entre angústia, *Das Ding* (A Coisa) e o objeto pequeno a (resto d'A Coisa). Foi, então, apontada a função do fantasma fundamental como anteparo entre a apresentação do *Das Ding* materno e a possibilidade do filho representar algo desta experiência, ou seja, de poder

tomar distância desta Coisa materna, diante da qual nada poderia ser dito, o que lhe significará a condição de advir como sujeito e a produção do objeto pequeno a, como novo estado do *Das Ding*, agora articulado ao seu recurso linguageiro.

O *Witz* é um recurso linguageiro específico. É possível perguntarmos em que momento da estória de nossa relação com a linguagem passa-se a ter condição de operar “chistosamente”. E até mesmo, em que momentos alguns perdem esta possibilidade de vista, ou nem mesmo a constituem, abraçando, assim, a causa do sintoma neurótico ou da loucura psicótica, ou ainda do cinismo perverso.

A relação que cada um mantém com a palavra que fala é o que se coloca em jogo aqui. Na fala, a linguagem está ao mesmo tempo a serviço do “adormecimento” de um sentido e de sua própria denúncia. O sentido evitado está ali mesmo, simultâneo à sua dissimulação. Esta é a própria definição da formação de compromisso, de conciliação entre as diferentes tendências presentes em cada fala. Se o sentido evitado não pode comparecer, nem mesmo como entrevisto, como o é no caso do *Witz*, não haveria graça possível.

Nesta circunstância, o elemento que causa surpresa comparece como o elemento mais perigoso e mais indesejado de toda a experiência, e este elemento passa a ser combatido pelos diferentes recursos de defesa com que cada um conta. A surpresa é substituída, nestas experiências, por uma idéia de profecia catastrófica, fazendo do futuro, antecipadamente, um contexto preenchido. Poderíamos chamá-la de profecia auto-cumprida? Não seria este um dos efeitos do que chamamos fantasma fundamental, pela via da atuação ou da passagem ao ato?

Tomar o caminho que levaria do drama ao *Witz*, como direção do tratamento da perspectiva psicanalítica, é apenas parte do que se apresenta aqui. A apresentação didática para o desenvolvimento desta idéia de percurso não pode deixar escapar o fato de que a temporalidade envolvida na experiência analítica conjuga, das mais diversas maneiras, as formulações destacadas através das figuras do drama especular: o trágico da existência e a palavra espirituosa do *Witz*.

De fato, como num jogo de xadrez, o início e o fim da partida já se encontram ali articulados, desde a primeira jogada e em cada uma das jogadas subsequentes. Da mesma maneira, numa análise, podemos reconhecer como, muitas vezes, o trabalho do *Witz* é o que deflagra a condição trágica do drama encenado pelas palavras do analisante. Por sua vez, é justamente a encenação especular, imaginarizada, do drama o que viabiliza o comparecimento do elemento surpresa que faz o *Witz* e, com isto, sua admissão, desta vez, no contexto lúdico, de jogo. Não por isso menos efetiva ou vigorosa, tal inclusão lúdica pode constituir um dispositivo para o exercício de uma nova forma de relação do falante com a angústia envolvida em seu trabalho de analisante. Lembremos que a psicanálise é, justamente, um dispositivo, um artifício disposto para o trabalho psíquico.

Assim, é possível acrescentar que talvez o caráter de jogo opere como condição para o analisante suportar, sustentar e frequentar o terreno trágico da experiência de análise. De certa forma, é preciso que se diga aos partidários da idéia de que a psicanálise é “demorada demais” para nossos dias: quem suportaria esta experiência [de análise] se fosse mais rápida? O apressamento gerado pela própria abertura do inconsciente, efeito da experiência de análise, já é, por vezes, demasiado. Seria o caso de pensarmos que este apressamento seja um elemento a ser manejado pelo analista na direção do tratamento, em prol das condições de suportabilidade do grau de angústia (afeto/afetação) envolvido, e com o qual o analisante é capaz de operar. Talvez esta seja uma das maneiras de compreendermos a idéia de transferência como um dispositivo de tempo... a ser manejado.

E na clínica...

Como expressão de sua condição falante, logo encontrou a ignorância do que dizia e o reconhecimento de que aquilo que ignorava pertencia-lhe...

Dura prova do inconsciente. Muito fácil admiti-lo teoricamente, mas muito “duro”, quando Isso passa pelo divã e pela carne... Em sua análise, a mãe fala sobre sua preocupação com a filha, a quem chama de nenê... Nenê tem

quatro anos e passa o dia com a avó, enquanto ela, o marido e o pai trabalham... Moram todos juntos... Compraram e reformaram um apartamento para onde se mudaram, mas a nenê não se habituou. Voltaram para a casa dos pais dela, onde já haviam morado durante a preparação do apartamento que não se viabilizou para eles.

Fica pensando quando a filha bater asas...Ela deverá estar de acordo...Considera que se não for assim vai ser insuportável... Estão cogitando fazer nova tentativa de que nenê vá a escola... Há um ano ela chegou a freqüentar escola por uma semana, mas não quis ficar... Nenê anda se masturbando muito e o pediatra receitou vermífugo... Ela achou meio estranho, mas resolveu tomar uma dose (a anual) também... Está tudo basicamente sobre controle, até que a analista lhe diz:

- Mas você não acha meio perigoso?

Então, pergunta:

- O que?

- Bom, se a nenê for para a escola, é possível que ela aprenda a escrever e até a ler, a se relacionar com outras crianças...Você não considera isso muito perigoso? ...

Nesse momento, gargalha...

- A nenê tem um nome?

- Tem. É Jane.

Viver pode ser perigoso demais quando as surpresas contundentes, presentes nas miudezas do cotidiano, têm que ser caladas. Como disse um psicanalista baiano que conheço: “Não dá para desfrutar um ovo”. Se

vivemos lá, nas miudezas, o custo de não estar onde nos encontramos não seia por demais alto?

Um rapaz me procura para análise ao voltar do exterior, onde esteve morando por ocasião de um curso de pós-graduação. Logo que chegou, foi morar com um casal de amigos a quem chama de "roommates"... Num dado momento, e depois de algumas ocorrências domésticas entre os três, o casal resolveu procurar um apartamento só para eles. O rapaz, então, aceitou o convite dos pais para morar na casa deles, já que o irmão acabara de se casar e havia um quarto disponível...

Chega à sessão e comenta que, antes de voltar para o Brasil, o tema de sua análise daquele momento girava, justamente, em torno de seu retorno para perto dos pais. Comenta que a primeira vez que saiu da casa dos pais era muito jovem...

Menciono:

- Foi quando você foi morar com seus avós...
- É, com meus avós paternos. Era uma provocação, pois minha mãe não suportava meus avós paternos...
- Então, ir para a casa de seus avós paternos era uma maneira de dar continuidade à relação que tinha com sua mãe...
- É, de certa forma significava continuar em casa... Bom, depois eu fui para a casa dos meus avós maternos. Eu pensava morar sozinho, mas meu avô disse que preferia que eu morasse com ele a eu ir morar sozinho...

- O seu avô preferiu algo para você fazer?
- Na verdade, minha mãe pediu isso a ele e ele a mim...Minha mãe passou a ir lá mais...Na verdade, eu morava lá e levava minha roupa para lavar na casa da minha mãe... É, não precisa nem considerar isso simbolicamente...Eu estava concretamente ainda na casa deles... Depois eu fui para fora, para fazer o MBA...
- Você havia dito que considerava este MBA principalmente um sonho que seu pai tinha e não realizou...
- É...
- Você falava sobre volta para casa de seus pais...Alguma vez você saiu da casa de seus pais? ... É... para sair de algum lugar é condição estar onde se encontra...

Já algumas situações simplesmente não permitem mais angústia do que a que já se faz presente. Trata-se quase do movimento contrário, ou seja, manter pelo menos as narinas para fora daquela inundação ou da presença acachapante de terror. Talvez nesses casos, constituir um drama especular é o melhor que se pode esperar. A melhor aposta para haver possibilidade de jogo futuro. Especular a possibilidade de construir na borda do abismo uma historieta edipiana qualquer que se tenha notícias naquela biografia. Afinal, sob o julgo da castração, por mais que esta fira a quem ferir, há também um redimensionamento da presença da Coisa, que comparece não mais por ela mesma. Quando se é pobre de recursos simbólicos, é preciso fazer “sopa de pedras”. De qualquer forma, trata-se de capitalizar o parco recurso que se tem.

Uma jovem senhora, mãe de três filhos, recém-separada encontra-se em análise. Ao longo de sua história amorosa, cuidou vigorosamente para não se comprometer demasiadamente

com seus pares. Enquanto esteve casada por vários anos, sempre tratava de ter namorados paralelos, de modo que sempre tinha um plano B. Esta fórmula de existir articulava-se também em sua queixa: não sentia pertencer às coisas à sua volta. Esta falta de “pertencimento” era vivida de diferentes maneiras. Algumas vezes, vinha muito desintegrada, em grande pânico. Em outras, queixosa e infantilizada. Por vezes, disposta ao trabalho, de tal forma que movimentava significativamente as questões que haviam estado presentes ao longo do trabalho, mas que pareciam não estarem sendo escutadas por ela, até então.

Como consequência desses ritmos, foi possível, entre várias outras coisas, arriscar reconhecer algo de seu desejo empenhado em uma relação com um homem que lhe parecia efetivamente significativo e que admitia que elegera. Não havia plano B e não havia garantias para o plano A...

Chega para a sessão aos prantos. Fico atenta para o que se apresenta ali, pois quando apresenta um funcionamento muito primário algumas vezes se tratava de experiências para as quais parecia veementemente lhe faltarem recursos, mas justamente o contrário se sucede: subitamente começa a encenação de um drama por demais histórico, demandante, prene dos recursos simbólicos que finalmente dispõe e, portanto, promissor...

O candidato eleito não comparecera para cumprir o mandato e

não havia suplente... É, acontece!

Ouvi-a em silêncio... Porque é muito sofrido mesmo... a frustração ... Suportar que o outro é outro... É uma bruta ferida narcísica! Mas não é esta a condição que nos é dada para advir como sujeitos de desejo?A de suportar a diferença... É claro que o que se passava ali implicava uma "outra cena", aquém e além da cena observável ou até mesmo nomeada... Mas, mesmo que a piada não esteja no texto, mas, sim, no que se pode entrever no texto, isto não significa que o texto seja menos imprescindível, pois se não há desenvolvimento do texto do chiste, não se faz possível o jogo velamento-desvelamento, cuja produção é a surpresa que deflagra a falta de sentido a ser admitida como parte da existência e também como condição do sentido possível.

- Mas, Fulana (chamo-a pelo nome), só porque você resolveu apostar na loteria o prêmio deveria ser teu?

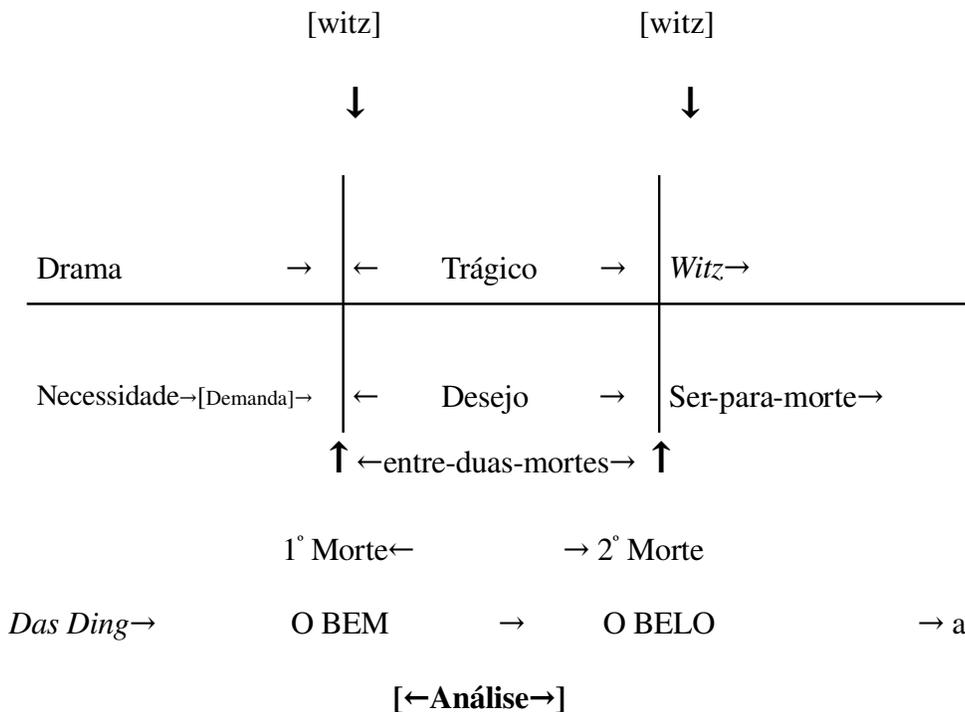
Ela, então, conjuga um sorriso lúdico...com um ar de "que merda"!

O caráter lúdico, de jogo, é, então, a conquista de um campo onde coisas muito sérias da existência podem ser tratadas. De certa forma, poderíamos dizer que este campo se funda com a queda da expectativa ou da convicção de que o sentido justo se faça pela via da circulação dos bens, ou seja, pelo acesso que alguém pudesse ter aos bens que completariam o ser. Esta passagem de queda de convicção corresponderia, por assim dizer, ao que fora apontado anteriormente como a primeira morte envolvida na fundação do campo do desejo, e também do trágico, do espaço "entre-duas-mortes", tal como foi proposto por Lacan (1959), no seminário livro 7, intitulado *A ética da psicanálise*. Esta primeira morte situaria o humano em sua experiência mortal, pela via do limite contido em sua própria condição corporal precária. A angústia mobilizada é, então, de morte e radicalidade, mas, ao mesmo tempo,

permite um movimento adiante, em direção ao que seria, na lógica proposta, a segunda morte.

Talvez como saída à insistência da expectativa de imortalidade, própria do inconsciente, edificar-se-ia um novo status para o objeto que poderia vir, então, em socorro ao desamparo estabelecido na experiência anterior [a primeira morte], a saber, o Belo, ou ainda, o objeto sublime que, pela fascinação que exerce sobre o humano desamparado, oculta-lhe sua face de horror, ou seja, o fato de ser ele mesmo o ressurgimento da Coisa inominável. Mais uma vez, F. Schlegel nos lembra algo muito interessante para a presente discussão, a saber, que “o Belo é aquilo que é ao mesmo tempo atraente e sublime”¹⁹.

Para organizar os elementos estabelecidos até este ponto da argumentação Schlegel e seguir ainda um pouco adiante na perspectiva de situar a operação do *Witz* como condição instaurada na e para uma análise e localizável nos diversos momentos desse percurso, podemos fazer uso do seguinte esquema:



¹⁹ Schlegel (1997)

É importante observar que a segunda morte, a que instituiria, delimitaria, um espaço entre-duas-mortes é justamente a morte do Belo, do sublime, mas também do estado de sideração do sujeito humano, sustentado pelo fascínio exercido pelo Belo. Não seria exatamente a este ponto que o herói trágico propõe levar sua ação? Ao fim da própria possibilidade de ressurgimento do que o fascinou? A tarefa não seria de tão grande monta justamente pelo enfrentamento do terror advindo da presentificação de *Das Ding*, oculta, velada pelo Belo ou pelo sublime? Finalmente, “A Coisa”, da qual se tomou distância, nem por isso esteve tão distante. Talvez, então, seja o caso de considerarmos que a Coisa materna produza, além da angústia radical já mencionada, também fascinação.

Poderíamos reconhecer neste trajeto de enfrentamento “d'A Coisa”, em seu duplo efeito de terror e fascinação, a idéia que vigora no campo da experiência de uma psicanálise como sendo o do enfrentamento envolvido na travessia do fantasma. E, também, que tal experiência talvez só seja possível no dispositivo da análise caso sua condição de jogo, de contexto lúdico e vigoroso, seja assumida.

A condição desejante de cada um, para cada estrutura clínica, é oriunda da posição assumida no próprio fantasma fundamental. Este é o partido que se toma aqui. A travessia do fantasma, tal como se considera num percurso de análise, talvez possa ser equiparado ao percurso trágico, mas a pergunta é: qual a condição de reencontrar a *res* depois disso? O que foi modificado de sua condição humana?

Em relação ao desejo somos errantes, como Édipo em Colona. É interessante que lá ele está cego, o que o preveniria quanto ao fascínio e a sideração da imagem. A imagem é, então, submetida à sua condição de escuta, o que lhe confere o recurso da intermediação da palavra na relação com os objetos.

DO CRÉDITO: DO EMBARGO À VOZ

*Entendimento é espírito mecânico,
Witz é espírito químico, gênio é espírito orgânico.*
Fredrich Schlegel

Para alguns, a psicanálise consiste numa prática que envolve compreensão, acolhimento e ampliação de conhecimento próprio. Tais são os elementos que muitas vezes encontramos também nos ideais humanistas

De certa forma, tomar como referência a operação de *Witz* para a experiência analítica é andar na contra-mão desses ideais, uma vez que, para haver *Witz*, não se escapa da convivência com o estranho e o enigmático contidos no inconsciente. Nesta angulação, trata-se, aqui, portanto, de freqüentar de forma privilegiada o umbigo do sonho, da fala, dos sentidos. Se a situação – por que não dizer trágica – deflagrada numa análise é comparável àquelas onde “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, a idéia é de manter com o bicho uma relação, um diálogo.

Relacionar-se com o “bicho” não é tentar humanizá-lo, mas incluí-lo como elemento da relação, em suas próprias condições de expressão. Talvez o contexto da análise constitua a distância viável para o desenrolar deste relacionamento. Porque já podemos desconfiar que o “bicho” do qual se trata é o próprio *Das Ding*, com o qual é melhor não estar cara-a-cara, sem intermediação.

Mas, numa análise, a aproximação e a intermediação junto à Coisa – ou ao “bicho” – são, respectivamente, experimentadas e mantidas pelas palavras faladas em cada sessão, operações às quais se pretende aqui atribuir um funcionamento de *Witz*. Mas, se o *Witz* pode ser reconhecido nesta posição para uma psicanálise seria porque esta, como um tratamento pela fala – *talking cure* –, revelou-se como uma

prática que leva a palavra falada à sua exaustão.

É nesta perspectiva que se poderia considerar a aproximação entre a operação que realiza o *Witz* com a operação que se busca produzir, numa análise, para a produção de novos sentidos.

Tomando em consideração o que foi exposto até este ponto do trabalho, proponho retomar a aproximação do *Witz* com a análise através das figuras do desatendimento, da incompreensão, e, mais uma vez, da ignorância, e do incômodo. Parece-me sustentável a afirmação de que o *Witz* e a operação analítica passem necessariamente por estas condições para se efetivarem.

Há um significante que circula muito entre os que praticam a clínica que sempre me chama atenção. Trata-se da idéia de atendimento. Convido alguém para o cinema e posso ouvir: “agora eu vou atender, mas depois das nove eu não vou atender mais ninguém, aí eu posso...”, ou num recado da secretária eletrônica do consultório: “Oi! Você deve estar atendendo agora, mas quando você não estiver atendendo me liga, ok?”

Sempre fico pensando a que ou a quem eu estaria atendendo. Sim, porque me parece mais reconhecível, em meu ofício de analista, a sustentação de um certo desatendimento. Para dizê-lo rápido, de um desatendimento da demanda de amor do analisante. Então, se o analisante pede um copo d’água a gente não dá? Vejam, o desatendimento aqui é algo além e aquém do pedido de um copo d’água, e que, ao mesmo tempo, nada impede de estar em jogo inclusive num pedido como esse, mas não necessariamente.

A questão é o pedido de comunhão. Está colocado que o analista não comungue com o analisante, não comungue dos sentidos que habitam o ser falante que está diante dele numa análise. Abster-se da sugestão, conforme nos ensinou Freud, não equivale só a não dizer ao analisante se ele deve “casar ou comprar uma bicicleta”. Implica, a cada momento, não decidir sobre o sentido de uma palavra ou circunstância que venha a ser falada em análise, e que, lá, através do analista, esse sentido possa ser escutado pelo próprio analisante. Neste contexto, não cabe contar com a existência do subentendido à fala, que seria nada mais que um jogo de “*fill in the blanks*”, do texto proposto pelo analisante com o conteúdo do analista. Nem poderia ser diferente, já que nem todos os volumes das obras completas de

todos os autores em Psicanálise permitiriam ao analista ter conhecimento direto do inconsciente do analisante.

Para que o analisante produza um saber sobre sua própria condição e sentido, são necessários tempo e sustentação do espaço de não-saber por parte do analista. Para algo ser da ordem do *Witz*, também se faz necessário o desatendimento, no sentido habitual, de quem o escuta; se faz necessária uma certa suspensão do sentido que seria o habitual, havendo, por consequência, um outro desatendimento, o do sentido complementar esperado.

Isto nos conduz diretamente à questão da incompreensão. A linguagem é condição para análise e para o *Witz* também. A fala é habitualmente tomada como instrumento de comunicação. Uma comunicação bem sucedida é aquela que se torna clara, criando a ilusão de que o que foi dito e o que foi ouvido coincidem, são a mesma coisa.

Certa vez, ao entrar na sala para sua sessão de análise, olha para um vaso com flores artificiais e pergunta à analista: "São verdadeiras?" A analista diz: "Sim, são verdadeiras..."

Vejam que curioso. Numa análise, todo o trabalho se desenvolve a partir da deflagração de que justamente não haja coincidência entre o que se ouviu e o que se fala na sessão, e, ainda, que o que se fala na sessão é escutado diferentemente pelo analista – diferentemente do que se pretendeu dizer, mas que também está dito. A própria maneira do analisante ouvir a si próprio, as palavras que pronuncia, fica modificada pela experiência de análise. Ou seja, ele próprio fala e escuta algo diferente do que queria dizer.

Deste modo, se o analista atende e compreende, ele nem sequer abre o campo da psicanálise, isto é, ele (analista) não dá voz à voz inconsciente – um saber que não se sabe, e considerado, aqui, estruturado como linguagem.

Quando o *Witz* comparece numa situação qualquer, podemos notar que houve também uma ruptura na ordem da própria forma de compreensão, que houve um deslizamento de sentido para o contrabandeado, o inesperado e até o descabido. Paradoxalmente, então, muitas vezes, a dimensão chistosa traz à tona um certo agravo da situação apresentada, que, na cena cotidiana, poderia passar sem ser notado, sem criar qualquer constrangimento ou convocação.

Era início do mês, início da sessão, quando diz à analista: "Olha, as três últimas sessões do mês eu não vou ter como pagar no dia, mas no início do mês eu te acerto..." A analista então pergunta: "Você me acerta?"

Podemos acrescentar, assim, que a condição para desatender e não compreender alguém seja suportar a própria ignorância. Talvez esta seja a maior conquista que o analista pode fazer em sua própria análise. Suportar sua própria ignorância, o que lhe permite se surpreender, estranhar o mundo, a si e aos outros, sem receios.

Quem poderá suportar o *Witz*, viver com *Witz*, se não puder suportar a irônica condição da própria existência? A ironia da vida, e que se encontra presentificada numa análise, e que cabe tomar numa perspectiva de *Witz*, é que o melhor que pode acontecer, parafraseando Heinz Kohut, é que a morte nos pegue vivo!!!

De todo modo, quando a palavra que nos serve tão bem, ela fica colapsada em seu próprio limite, em seu próprio umbigo, algo de novo pode surgir. Mesmo que seja um novo ... de novo.

Aproveitemos uma vez mais as idéias de F. Schlegel (1997) sobre o *Witz*:

Um achado chistoso é uma desagregação de elementos espirituais, que, portanto, tinham de estar intimamente misturados antes da súbita separação. A imaginação tem de estar primeiro provida, até a saturação, de toda espécie de vida, para que possa chegar o tempo de a eletrizar de tal modo pela fricção da livre sociabilidade, que a excitação do mais leve contato amigo ou inimigo possa lhe arrancar faíscas fulgurantes e raios luminosos, ou choques estridentes.

Assim chegamos ao incômodo. Respondendo a Esculápio²⁰, Freud já avisara que a Psicanálise não seria nem “*tuto*”, nem “*cito*” ou “*jucunde*²¹”. Por outro lado, já foi expresso, neste trabalho sobre a experiência de análise, que não se trata de uma clínica da fatalidade. Talvez uma medida possível para tratar a questão seja a do incômodo, pois que tal medida coloca em perspectiva as idéias de que a dor é um capital de gozo e que, portanto, em uma psicanálise, está proposto tornar-se um aposta-dor.

Se há algo que o neurótico ou já descobriu ou descobrirá logo no início de sua relação com a psicanálise, isto é, quando chega a uma psicanálise, é que extirpar algo próprio não faz com que este algo desapareça. Ao contrário, faz com que este algo só se torne mais iminente, mais insistente, e que se intrometa em tudo de sua vida.

De certa forma, há algo que já vem incomodando e é por isso mesmo que o candidato à análise está lá, diante do analista. É claro que seu pedido é de que se mate o “bicho” que está correndo atrás dele(a). O que o candidato(a) não suspeita é que a proposta será de “falar”do “bicho”, muitas vezes se aproximar dele, até mesmo falar com ele. Alguns retomam, saem apressadamente para retomar a corrida “antes que o bicho pegue”. Incomodados, se perguntam: Como é que este cara [analista] pode comer maionese de salmão?

Um indivíduo empobrecido tomou emprestado 25 florins de um próspero conhecido seu, após

²⁰ Freud em *Sobre a psicoterapia* (1905).

²¹ Da expressão, no original, em italiano: “*Tuto, cito, jucunte*” (Freud, 1905 - Sobre a psicoterapia) [Seguro, rápido e agradável].

muitas declarações sobre suas necessitadas circunstâncias. Exatamente neste mesmo dia, seu benfeitor reencontrou-o em um restaurante, com um prato de maionese de salmão à frente. O benfeitor repreendeu-o: “Como? Você me toma dinheiro emprestado e vem comer maionese de salmão em um restaurante? É nisso que você usou o meu dinheiro?”. “Não lhe compreendo”, retrucou o objeto deste ataque; “se não tenho dinheiro, não posso comer maionese de salmão; se o tenho, não devo comer maionese de salmão. Bem, quando vou então comer maionese de salmão?” (Freud,1905)

Contrariamente aos propósitos humanistas, a proposta de freqüentar aquilo que ficou desumanizado pode parecer crueldade, mas concordo com Lacan sobre o sentido da desconfiança que os filantropos merecem.

Para que cada um possa vir a dizer ao que veio, é condição assumir o próprio incômodo e, como prescreve o provérbio (o *Witz?*): os incomodados que (se) mudem. Ainda que isto tenha mais a ver com as maneiras próprias de cada um ficar... De certa forma, esta idéia também contraria os preceitos cristãos que esperam que um possa dar conta do outro, do que é do outro, e que, se não o faz, é porque é egoísta, quando o que está em jogo é justamente o contrário: deixar o próprio narcisismo morrer um pouco, para que o outro exista e para poder existir também. Algumas vezes, como a sétima arte anunciou, a morte nos cai bem.

Há, nessa perspectiva, uma aposta não só nos recursos que se tem para assumir e responder por um campo próprio de experiências, embora não as controle, mas também, uma aposta na competência do próximo de fazer frente à sua própria existência, já que a conjugação de recursos e precariedade é variável, mas está colocada para todos.

Como já cogitado, o analista que tem sua própria aposta, no caso de uma análise sob sua direção assume o lugar do *crupier*. A banca ganha e é importante que jogar tenha valido a pena para o joga-dor/ apostador. De mais a mais, sobre o incômodo que já existia e que pode ser sustentado numa análise para ser interrogado, para saber do que se trata, nada mais coloca em cena do que o que Freud chamou transferência.

Para continuarmos com Freud (1915) e sua discussão sobre a transferência:

Seria exatamente como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta. Ter-se-ia trazido o reprimido à consciência, apenas para reprimi-lo mais uma vez, um susto. Não devemos iludir-nos sobre o êxito de qualquer procedimento desse tipo.

Em seu Seminário 8, também sobre a transferência, ao comentar *O banquete* de Platão, mais precisamente a passagem em que Alcebiades chega atrasado, alcoolizado, fazendo todas as declarações de amor a Sócrates, como se estivesse fora de si, Lacan sublinha algo muito interessante na posição assumida por Sócrates, a quem podemos equiparar à do analista:

A atitude de Sócrates, ou aquilo que se desenvolve diante de nós como sua coragem, é constituída de uma profunda indiferença a tudo o que se passa em torno dele, ainda que fosse o mais dramático. Assim, uma vez franqueado todo o final desse desenvolvimento, que culmina com a demonstração de Sócrates como ser ímpar, eis como Sócrates responde a Alcibiades: “você me dá a impressão de estar perfeitamente lúcido”. De fato, é sob o abrigo de um “ não sei o que digo” que Alcibiades se expressou. Sócrates, que sabe, lhe diz: “você me dá a impressão de estar perfeitamente lúcido (...), quer dizer, ainda que esteja embriagado, leio em você alguma coisa. E o que?”²².

Então, para Sócrates, o que Alcebiades declara vale. O que Alcebiades declara é feito como uma

²² No original: “La actitud de Sócrates, o lo que se desarrolla ante nosotros como su coraje, está formado por una profunda indiferencia a todo lo que ocurre alrededor de él, aunque fuera lo más dramático. Así, una vez franqueado todo el fin de ese desarrollo donde se suma culmina la demostración de Sócrates como ser sin igual, he aquí como Sócrates le contesta a Alcibiades: “Me das la impresión de tener toda tu cabeza”. Y de hecho es el abrigo de un “no sé lo que digo” que Alcibiades se expresó. Sócrates, que sabe, le dice: “me das la impresión de tener toda tu cabeza (cita en griego), es decir que incluso estando borracho leo en tí algo”. ¿Y que?” (Lacan, 1961)

tentativa de livrar-se de seu próprio incômodo e Sócrates não o dispensa do fato de que, independentemente de ser ou não bem sucedido nisso, o que ele fala vale e cabe a ele [Alcebíades] responder. Trata-se da sustentação de um limite que, sim, é tenso, mas que encaminha uma pergunta que convoca o outro para continuar o percurso, mas não sem ter que declarar “ao que veio” num simpósio sobre o amor.

Assim como em *O banquete*, numa psicanálise, o que o analisante fala vale e, por isso ele, é chamado a responder. Cabe, para este contexto, a sustentação de um limite não menos tenso. Como sugerido anteriormente, há “uma tensão lúdica” envolvida na perspectiva de um trabalho analítico. Há de existir, portanto, um cálculo de angústia envolvido na direção de uma análise para que o comparecimento desta tensão/angústia necessária para o trabalho psíquico seja suportável, como num *Witz*.

Seria pela via da palavra, então, que, numa análise, talvez se trate de levar a fala do analisante ao seu limite, para que, deste ponto, o ponto do embargo da própria palavra, surja uma nova perspectiva de voz e de sentido que não poderia sê-lo se não fosse pelo percurso que permitiu ir beber no ponto incômodo do próprio umbigo siderante de *Das Ding*.

DAR O AR DA GRAÇA: O DOM DE DIZER

Se quando é dado a cada um dizer ao que veio ao mundo, apesar disto ter sido decisão tomada pela condição de desejo de um outro, que arbitrou sobre seu nascimento, não é senão na borda de um abismo que isto é feito.

A condição para que se esteja na borda do abismo, e não no próprio abismo, o que possivelmente inviabilizaria o feito, é saber contar. Contar implica a matemática da existência. Implica contar a existência do outro e de si próprio, aquém e além das identificações e das concorrências. Por sua vez, isso depende da própria experiência feita da lei e do tempo, o que constitui as condições necessárias para haver rupturas e diferenças contabilizáveis. Trata-se de experiências marcantes com elementos estranhos ao inconsciente [lei e tempo] e que vão inscrever, nessa potência determinante da vida anímica, algumas condições de manifestações.

O campo dessas experiências é o da existência, que se dá sempre “ao vivo e a cores”, produzindo impactos, reações, e incluindo, algumas vezes um pouco mais, outras um pouco menos, mas sempre algum sentido. Mesmo quando não se contava, a si próprio na própria vida, como parte das experiências vividas, cada um já estava lá, e é sobre a maneira como cada um pode vir a se apropriar de si e a se situar quanto a isso, que se dá a possibilidade de se desgrudar numa experiência de existência, como um diferente do outro.

Cabe marcar que esta passagem implica apropriar-se de algo, mas também perder algo. Este “algo” a ser deixado é sempre alguma coisa do outro que esteve em lugar vital para si, uma vez que ocupava o lugar do que ainda não podia ser próprio àquele que não se contava. Deste “outro” restará uma dívida impagável, a ser reconhecida e assumida como tal por aquele que dele pôde se servir e se separar, de quem será exigido também o encerramento desta linha de crédito.

Se o que está colocado para aquele que poderá vir a se contar é o discernimento de recursos próprios, certamente não poderá seguir gastando por esta via, às expensas do dom materno. Dessa forma, se o que lhe foi dado pôde ser recebido é porque passou a ser objeto de sua apropriação, o que permitiria, então, que este elemento possa ser empenhado numa busca própria, talvez por algo diferente, de maneira diferente de como foi admitido como próprio pela efetivação do recebimento.

Por vezes, a queixa neurótica é expressão da permanência e da insistência do neurótico nesta linha de crédito, na linha de crédito dos dons maternos. Esse enredo foi denominado anteriormente por seu caráter dramático, marcado pela relação especular com o outro, e que, pela entrada em análise, teria seu caráter trágico revelado, uma vez que se trata de uma linha de crédito finita, que não mais se encontra à disposição na relação analítica. Desta vez, quem passa a ser convocado a apresentar os recursos para arcar com os gastos é o próprio sujeito falante, que logo terá deflagrado diante de si seu destino mortal.

É neste ponto que se aventa a possibilidade de um sujeito vir a “dar o ar da graça”, dizer ao que veio ao mundo: a partir do ponto em que se conta, se conta sem garantias, mas não sem seus próprios recursos.

Como disse certa vez uma colega, “de graça sai caro”. À esta expressão, caberia acrescentar: “de graça é impagável”. Então, é preciso fazer intervir, aqui, uma distinção entre a idéia de gratuidade (ser “de graça”) e a idéia de ter graça. Isto porque “ter graça”, embora custe caro – por conjugar um trabalho que exige apropriação e perda em relação ao impagável da dívida simbólica – , permite o cálculo de um preço não só pagável, mas já liquidado, por implicar a formulação do dom, desta vez, da própria presença na vida. E, da vida – não importa o que, do nosso ser, a neurose venha ainda a reivindicar para ser economizado, não gasto ou penhorado – não se sai vivo.

É precisamente sobre qual é “o espírito da Coisa” que se trata. Como traço de espírito, a graça pode ser evocada como experiência que atesta a existência em curso, mesmo na precariedade de nosso ser, ou melhor, justamente viabilizada por esta precariedade.

É muito freqüente ouvir em análise, nos momentos mais improváveis, falas que revelam aspectos francamente trágicos da vida de alguém e que, no entanto, iniciam-se com a expressão “É engraçado...” Por exemplo: “É engraçado como ninguém me entendia quando eu pedia algo importante...” De um certo ponto de vista, isto poderia gerar estranheza a um ouvinte qualquer, que logo poderia pensar: “Nossa! Qual é a graça disso?”

O que talvez não mereça ser perdido de escuta é que a graça encontra-se em poder estar na posição de quem produz esta enunciação, que, por si só, expressa um descolamento do sujeito em relação à encenação relatada. A graça estaria em poder se surpreender com alguma coisa que, antes, contaria como líquida e certa, dada, estática, ou até como objeto de queixa ou pânico. Está admitido, neste dizer, um lugar para o outro: “Podiam não entender”; e ainda, um lugar para si: “Algo lá era importante para mim, embora não tenha havido reconhecimento do outro”. Curiosamente, o que poderia ser escutado nesta formulação é que já não é mais o outro que se encontra em posição de tal reconhecimento, mas o próprio sujeito desta enunciação. A clínica nos ensina o quanto de graça e conseqüências pode haver em detectar “o espírito da Coisa”, que se expressa tão sorrateiramente, mas que, por vezes, permite separar “o registro da falta” da “falta de registro”, em prol do progresso do sujeito que interessa a uma psicanálise.

Como lançado em momento anterior da discussão, o *Witz* comporta o “traço de espírito”. Tratar-se-ia, então, do “espírito da Coisa”? Da graça a ser encontrada frente a um destino descaradamente mortal? Destino trágico no qual somos convocados a “dar o ar da graça” por própria conta e risco?

Discutindo com um amigo, também psicanalista, o texto de Lacan sobre “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, este me confessa com certa presença de espírito, que a afirmação de Lacan de que todas as cartas chegam ao seu destino, sempre o tranqüilizara muito até então e que só naquele momento ele se dava conta do quanto naquela idéia não se tratava exatamente de uma boa notícia ou uma notícia fácil de se

administrar... Então acrescenta que sua tranqüilidade anterior devia-se à idéia de que as cartas não ficariam perdidas, por aí... [pobre cartas!] ...

O que lhe escapava, no momento anterior, e que depois se revelaria era seu próprio lugar como receptor de suas próprias cartas em circulação. Aí está a graça, ou seja, está na possibilidade de incluir-se no acontecimento, mesmo que isso “aparentemente” seja mais trabalhoso. De fato, a implicação que cada um está disposto a reconhecer para si não é o que inventa a graça, apenas o que a engendra como movimento próprio.

Mensagens endereçadas a outros que cabem ser escutada pelo próprio emissor. Eis aí nossa condição de falantes, sobretudo em sua tomada no dispositivo analítico.

Sem dúvida, a idéia de aposta-dor é pertinente à existência daquele que assume a aposta da circulação de dons, inclusive dos próprios. Dar o ar da graça só é possível aos que assumiram a condição de ser-para-a-morte como possibilidade de existência. Trata-se de uma aposta a fundo perdido, mas que permite ao aposta-dor participar do jogo, com cacife próprio. Afinal, para que serviria economizar a vida e perder a graça? “Ficar sem graça” é ficar impedido de estar onde se encontra, constrangido a desperdiçar um gozo possível, embaraçado nas teias de uma promessa neurótica de gozo pleno.

Contudo, tal embaraço neurótico não é um embaraço que se realiza por falta de compreensão ou de conhecimento, mas, sim, por determinação de um funcionamento cifrado em forma de constituição humana. Isto é, por uma constituição sustentada pela convicção de que a graça é algo concedida de alhures. De um lugar sideral que dá conta de sustentar todas as relações entre as coisas do mundo e de onde, portanto, poderão advir garantias. Sideração, eis a medida! Mas, deixar-se siderar é ser fulminado, segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira...

A associação livre revela justamente o quão ficcionais são as relações entre os elementos do mundo que são forjadas pela circulação do dom materno, e como o que está em jogo é a assunção de uma forma singular, dissidente, de sustentar algum sentido, em meio a tanta falta de sentido re-desvelada também pela nova ordem mundial.

Se a solução para a finitude da vida não vem do céu é porque os planetas não falam e o silêncio que vem de lá nos faz ouvir nossa própria voz. A aposta será, então, de cada um. De cada um que se responsabilizar pela inscrição de uma resposta possível à questão da existência, à da própria existência, como suficiente para se fazer juntar à comunidade humana.

Muitas vezes, numa análise, chega-se ao osso da existência, ao encontro com a rocha da castração. Ponto limite, borda de abismo, mas lugar onde se situa aquele que poderá dar o ar da graça: o próprio sujeito falante.

Para Godard, conforme seu filme *Nossa música*, a morte poderia ser dita de duas maneiras: como o impossível do possível e como o possível do impossível. Tal é a questão envolvida no que é chamado castração pela Psicanálise.

Conjugação do possível e do impossível, a castração nos equipa para engendrar, na circulação de dons, o que se legitima como pensamento próprio. A possibilidade de um pensamento próprio é, em si mesma, expressão da infidelidade para com o dom materno, advindo pela mãe, da cultura, do simbólico, enfim, por tudo aquilo que viabilizou o recurso de pensamento próprio para alguém. Tal infidelidade, que gera um campo de sentido possível e pelo qual se pode responder, é a configuração do que já foi situado como a assunção de uma dívida impossível de pagar para com este dom recebido.

Nesta perspectiva, a idéia de aposta, que permite derivação na figura do aposta-dor, deixa de ser elemento intuitivo para a discussão proposta e exige estatuto de conceito. O conceito de aposta concerne à condição e à disposição de investimento de um sujeito, num jogo que envolve delimitações [castração/morte/impossível-possível] e riscos [recursos/cacife].

Por sua vez, a conjugação de delimitação e riscos impõe o estabelecimento de um outro elemento com estatuto de conceito, a saber, o cálculo.

Se o inconsciente não calcula, por ser sempre desproporcional, extemporâneo, excessivo, desmedido, é a linguagem que o faz, pois esta pode ser localizada como o elemento que o cifra, por justamente introduzir para este uma certa condição de manifestação, em seu destino humano. Este cálculo viabilizado pelas demarcações da linguagem é o que faz borda ao abismo, lugar onde já foi situada a possibilidade de se dar o ar da graça, e é, também, o que permite haver aposta e não queda livre [no abismo].

Podemos, mais uma vez, localizar o *Witz*, nos recursos de linguagem, como sendo um paradigma de um cálculo [de linguagem], que contempla a conjugação de delimitação e de riscos, do possível e do impossível, numa aposta, então, calculada para se dar o ar da graça.

Numa perspectiva clínica, tais idéias adquirem a maior importância. A possibilidade de escuta flutuante por parte do analista não se daria, justamente, pela possibilidade do reconhecimento, sob a condição de linguagem, das manifestações que portariam o ar da graça do falante em análise, ou ainda, o espírito da Coisa, que é fruto da presença do analisante naquilo que enuncia sobre sua existência e que pode, neste contexto específico da análise, vir a ser por ele apropriado? Se assim puder ser admitida, a escuta diferenciada de um analista se aproximaria, e muito, daquela que se faz necessária para a realização do *Witz*.

Uma vez admitido que sempre existem traços de morte, de infidelidade e de dívida simbólica assumida no pensamento próprio de qualquer um, proponho incluímos esses elementos também na viabilização do *Witz*, assim como na viabilização da escuta do analista. Em ambos os casos, serve-se da linguagem para dela deixar vazar o ar da graça, a presença de espírito, que certamente exige não “um dom”, mas a circulação de dons dissidentes dos sentidos preexistentes, previstos, ou até esperados.

A circunstância que faz da finitude da vida uma abertura para o surgimento do ar da graça da existência pode ser situada como uma conquista de fim de análise, mas é reconhecível, também, desde o início da

experiência de uma psicanálise. Está presente, por exemplo, desde aquilo que marca a passagem das entrevistas preliminares para a entrada em análise propriamente dita.

No percurso de uma experiência clínica, é quando o analisando em questão acredita ter contado tudo que tinha para contar, todas suas preocupações e solicitações, suas histórias e certezas sobre si, pronto para considerar a “missão cumprida” e passar a “peteca” para o analista que está diante dele, esperando que este faça alguma coisa com isso, é justamente nesse momento que pode se instalar a possibilidade de surgir algo estranhamente próprio deste sujeito.

Muitas vezes, neste momento, surgem declarações como “hoje não sei o que dizer” ou “acho que já disse tudo” ou ainda, “que mais eu poderia te contar?”, etc.. Assim, ainda que diante de um certo colapso, no lugar vazio sustentado pelo “silêncio em si” do analista, o analisando, traído pelo desejo, poderá vir a emitir um dizer, vindo de alhures, que vem a interrogá-lo.

O analisando vê-se, então, surpreendido diante de seu próprio dizer sobre coisas que não havia previsto, ou que não sabia que sabia ou que pensava. É em sua infidelidade ao que tinha intenção de falar ao analista sobre seu sofrimento, ao trair o que adotava como pensamento sobre si, que lhe escapará, de seu dizer, algo estranhamente familiar, que o deixa à beira do abismo, onde poderá dar o ar da graça. É esperado que o dispositivo de uma análise opere como deflagrador de um cálculo de linguagem que exija a circulação dos dons do próprio analisando e, para isso, este é convocado a se contar.

No lapso calculado de linguagem, seara do *Witz*, uma aposta foi feita por aquele que se fez analista para alguém: a aposta de que um sujeito de desejo pôde ter estado lá, no ato de dizer do analisando, dado o ar da graça e, portanto, este sujeito pode ser computado na perspectiva de contar e se contar no laço com o outro. Eis aí o traço distintivo da concepção de transmissão envolvida no campo da Psicanálise, que se distingue, precisamente, de qualquer intento de um mero contágio, típico dos laços identificatórios.

Cabe agregar que se o analista encontra-se em posição de tal aposta é porque ele próprio já esteve [ou está] na posição de analisando.

Como consequência do que foi até aqui argumentado, proponho, então, ainda um outro viés: a articulação de “ter estilo” com “fazer-se psicanalista”. Trata-se de fazer uma articulação através de duas perspectivas intimamente ligadas: 1) a perspectiva do percurso de uma análise; 2) a perspectiva da formação do analista.

Para tanto, é importante reconhecer um novo estatuto também para a idéia de estilo, isto é, transformá-la em conceito. Trata-se de conceber o estilo como um recurso, um “saber-fazer-com”, e não como algo que possa ter estatuto do ser, como uma personalidade ou até mesmo um personagem.

No percurso de uma análise, o que está em jogo é a construção de um modo singular de estar no mundo, entre outros. Isso implica apropriação do que foi recebido/ herdado [dons maternos] e de autoria [dons da castração], ou seja, de um modo de participação na comunidade humana que se inscreva e possa ser reconhecido como próprio. Trata-se de criar, e, sobretudo, de criar as condições para cada um, conforme já situado anteriormente, dizer ao que veio ao mundo.

Na neurose, o sintoma em si mesmo é um estilo. Um estilo de estar no mundo, mas é um estilo que pode custar caro. É um estilo no qual, em grande medida, ainda se é refém do próprio narcisismo, do outro tomado como idêntico a si. É um estilo crônico. Se preferirmos, idiota, se considerarmos como definição de idiota aquilo que é sempre igual a si mesmo.

Ao mesmo tempo, tanto a neurose quanto o narcisismo constituem, por excelência, a matéria-prima de uma psicanálise. Certamente, a neurose não é o estilo mais comum em nossos dias, como o foi no momento da criação da Psicanálise. No atual estágio de nossa cultura, alguns chegam a perguntar se muito em breve ainda haverá inconsciente, uma vez que se considera a aproximação de um ponto onde não haveria mais recalque. Lembremos que o recalque é a condição para a neurose e para o inconsciente.

Nesse sentido, sem recalque, sem limite imposto ao gozo, haveria como pauta do laço social não só transgressão, ou o ultrapassamento de limites, como a possibilidade do próprio apagamento do sujeito do desejo ou do inconsciente. Ao que tudo indica, o que há de limite sustentado por nossa cultura atualmente

é que está num “estado limite”, ou, pelo menos, numa posição questionável, e esta também constitui uma outra questão para a Psicanálise.

De qualquer modo, se considerarmos, para esta discussão, que existe uma análise em curso, consideraremos que há, aí, inconsciente convocado e que as garantias narcísicas foram abaladas. Mas, importa marcar: caem as garantias e ganham espaço os recursos, a circulação de dons viabilizados pela castração. Sim, porque, como já mencionado, não é porque não temos garantias que não temos recursos para lidar com o que surgir. Não é porque não controlamos o outro, o futuro ou a morte, que não estamos presentes nos rumos dados às nossas vidas. O que está colocado é a possibilidade de se contar na e para a própria existência. “Saber-fazer-com” é a medida. E isso é uma encrenca, pois justamente não equivale a fazer sempre de um mesmo jeito. Daquele jeitinho que já se sabia como era. Aquele truque, aquele vestidinho básico preto que resolveria tudo, todos os riscos de eventuais excessos ou deslizes.

Acho importante incluir que, na perspectiva de ter estilo, ter não se refere à ordem da propriedade, mas do “saber-fazer-com”, de saber contar depois do três: um, outro e o que cada um possui do outro na experiência. Nesse contexto, ter condições de lançar mão dos próprios recursos torna-se uma questão de estilo.

É preciso notar, então, que não caberia, aqui, considerar o pacote “assumir um estilo”, o que seria mais próprio de um amor narcísico, mas, caberia, sim, considerar a idéia de assumir um modo de “possuir”, de fazer com o que se apresenta: aqui está o estilo.

Ter estilo é uma maneira singular de fazer sua própria aposta na vida e na Psicanálise. Não é, então, uma questão de “sou assim”, mas de “faço assim”. Mas não nos esqueçamos: não é porque é singular que pode ser um fazer cínico.

Se o percurso de análise leva alguém a ter estilo é porque o levou à condição de responder por sua forma de habitar o mundo com recursos próprios. Estilo seria, neste contexto, uma forma de arcar com a condição desejante, mortal e também, radicalmente inapreensível do ser. Mais uma vez, trata-se de uma

conquista possível através da experiência de análise. Pertencer ao grupo de humanos não pela identificação, mas pela possibilidade de diferença incluída.

Os temas da formação do psicanalista e da inserção deste no grupo dos psicanalistas [e também o dos humanos] estariam diretamente ligados à possibilidade de modificação no laço social. Não existe psicanalista autônomo, fora do laço social com outros analistas, assim como não existe humano fora do laço com outro humano. A autonomia aplicada a estas condições [analista/humano] seria uma posição delirante.

Um analista se faz como tal entre outros [analistas] e segundo a relação que mantém com a Psicanálise, e não por sua competência em mimetizar o “ser” analista, pela via identificatória, motor da formação das massas, dos grupos em geral, como ensinou Freud.

Conforme já foi expresso, o que está implicado na formação de um analista é da ordem da transmissão e não da ordem do contágio. Assim como foi viabilizado pelo percurso de análise pessoal, o que se coloca aqui se dá pela inscrição singular de cada analista no campo da Psicanálise, logo, não existe estilo sem comprometimento.

Ter estilo é assumir uma causa como própria não por alienar-se nela, mas por encontrar nela um sentido próprio, e, portanto, correr os riscos de ter um posicionamento em relação ao instituído, e não fora desse registro. Reencontramos, aqui, a infidelidade como componente da possibilidade de haver pensamento próprio.

Ter estilo e fazer-se analista explicita a estreita ligação existente entre a análise pessoal do analista e sua relação com o estudo da teoria psicanalítica e deste ofício. A relação com o texto psicanalítico também requer um “saber-fazer-com”. Praticamos a Psicanálise como estudamos.

A escuta psicanalítica do praticante é um correlato de seu percurso de análise pessoal, ou seja, de como se escuta e, também, de sua condição de “escuta” do texto psicanalítico, de sua própria relação com a Psicanálise. Assim como no percurso de uma análise, o estudo da Psicanálise exige, ao invés da

reprodução, a assunção de uma dívida simbólica, de infidelidade e reinvenção, sendo que esta reinvenção, por sua vez, foi engendrada pela análise pessoal do analista. Praticar a Psicanálise não equivale à aplicação de uma técnica ou de uma teoria bem colecionada, mas à sustentação de uma ética.

Se ter estilo puder ser admitido como uma idéia de “saber-fazer-[algo singular]-com” a própria condição mortal, haverá uma possibilidade de apostar na vida de forma a encontrar nela alguma graça. Mesmo que seja como aquele que, por se reconhecer participante da comunidade humana, em tudo que isso implica de perdas e responsabilidades, ainda assim, uma vez tendo desembarcado do deserto do Real, se anima a fazer lá um *Witz* com estilo. Isso não seria pouca coisa...

BEM-VINDO À ALEGRIA NO DESERTO DO REAL*

*O paroxismo seria, pois, o penúltimo momento, isto é,
não o final mas aquele exactamente antes do fim,
precisamente antes de não haver mais nada a dizer.*

Jean Baudrillard

Disse o poeta: nossa pátria é nossa língua²³. Mas, nossa língua, o que é? Que lugar é este que nos abriga e que nos expõe à nossa própria precariedade? E se é um lugar, um abrigo, como nos localizarmos nele, uma vez tendo colocado em questão e em perspectiva vir a “dar o ar da graça” e, assim, poder “dizer a que viemos” num mundo que, por si só, não guarda um “sentido garantido ou sua vida de volta”?

Então, algumas circunstâncias demonstram que se o que não pode ser dito também não pode calar é porque Isso fala de alguma maneira. E, sendo assim, ou bem o falante se localiza nesta maneira que Isso encontrou para falar o que não cala, como queria Wittgenstein, e se arrisca desde este lugar, ou será falado por Isso toda sua vida, como se a única forma de existência possível fosse a do próprio narcisismo. Se assim fosse, a vida seria, então, como todo amor, eterna enquanto durasse.

Todo amor é também ridículo, como sugeriu Fernando Pessoa, e, ainda, cômico, como disse Lacan. Aprendemos com Freud que o cômico é efeito de nosso funcionamento dual, assim como o são o amor, o ódio e a ignorância, ou seja, como já mencionado em capítulo anterior, as três grandes paixões humanas.

Assim, todas as armações que são feitas contra o palhaço e mesmo a maneira que este tem de se safar destas, farão os espectadores chorar, e até ter raiva do algoz, quando se identificam com ele, ou rir,

* Qualquer semelhança deste título com o do livro de S. Žizek, *Bem-vindo ao deserto do Real*, não é mera coincidência.

²³ Referência à evocação que Caetano Veloso faz de Fernando Pessoa, mais especificamente do heterônimo Alberto Caiero, cf. *Poemas Inconjuntos*, composto por peças poéticas escritas entre 1913-15,

quando os espectadores se situam como, justamente, não sendo ele. Trata-se de uma lógica eu-tu, portanto dual, antes dramática do que trágica.

Já a comédia não representa o cômico. No teatro grego, a comédia foi sempre precedida por uma trilogia trágica, vindo, assim, a compor com esta uma relação de reversibilidade. Se a tragédia grega nos coloca diante do deserto do Real, a comédia grega abre, nesta aridez do destino funesto, uma fissura, uma abertura, um traço de vacilo e graça.

Tal composição de reversibilidade não poderia ser vislumbrada também para o percurso de uma análise, aventando a existência de um elemento de “comédia humana”, precedida pelo percurso que levou alguém ao que se denominou de travessia do fantasma, que não seria, portanto, o ponto final para Isso que se falou numa análise?

A travessia do fantasma leva o falante a caminhar por uma trilha feita e seguida pela linguagem. Assim, a travessia leva o transeunte por caminhos compostos de abrigos labirínticos, que o conduzem até diante de sua precariedade fantasmática – que pode derreter suas asas, como o sol derreteu as de Ícaro –, mas de onde lhe cabe a palavra que venha a representá-lo de maneira suficiente para o outro e no mundo.

Assim como a comédia está em relação com o trágico, *e.g.* como uma abertura para o espírito, haveria a possibilidade pensar que, num certo momento do percurso de uma análise – um momento tão sombrio e árido como o de se aproximar tanto daquilo que forjou o ser do falante, ou seja, o fantasma fundamental–, existiria também um elemento capaz de produzir uma abertura na perspectiva de reversibilidade, frente à ameaça de irreversibilidade presente. Caso não fosse assim, a Psicanálise seria uma proposta irreversivelmente mortal, ou ainda, uma prática de extermínio.

Em capítulo anterior, foi enfatizado o caráter organizador do fantasma original/fundamental, como anteparo ao *Das Ding*. Paradoxalmente, este elemento organizador permanece como um pólo de fascinação e captura para o próprio sujeito. Atravessar o fantasma implica passar por uma zona de sideração, sem ser absorvido por ela num gozo radical. Como na perspectiva trágica, joga-se vida e morte neste percurso.

Ao não ser “engolido” por *Das Ding* no trajeto, o silêncio desse deserto de Real será o terreno no qual um lugar próprio haverá de ser situado e apropriado. Encontrar um beiral, à borda do abismo, para firmar o primeiro pé – o primeiro passo? Neste sentido, vemos como construção e travessia do fantasma se articulam numa análise. Ver-se num lugar próprio: eis um traço de espírito que, ao comparecer, faz surgir a alegria decorrente do que se tornou possível no deserto do Real, à beira do abismo, abismado...

A comédia não é, então, o cômico, mas sim o *Witz*. Um traço de espírito maculando a irreversibilidade das resoluções para a dor de existir, apresentadas pelas trilogias trágicas e pelos gozos fantasmáticos. Neste contexto, é possível averiguar que se o objeto narcísico falta, o do sujeito de desejo se apresenta como o nada. O objeto do desejo não é o mesmo objeto da demanda amorosa, mas não o é sem ter passado por esta condição, a de ter sido tomado, antes, pela via da demanda.

Há, a partir daí, não mais uma falta de objeto, mas uma falta no objeto, uma vez que para o desejo já se operou a deflagração da inexistência de um objeto natural ou metafísico, pela própria experiência da análise, na qual a intransitividade da demanda amorosa foi desvelada e tornara-se suportável. Tal operação foi apontada, em capítulo anterior, como a da primeira morte, a que demarca o terreno trágico do desejo entre-duas-mortes, mais precisamente, a morte dos bens, leia-se agora, dos supostos objetos naturais da demanda/ desejo.

Já a falta no objeto, ela é correlata à segunda morte, a morte do Belo, do entre-duas-mortes, já que o objeto, por conter uma falta, perde seu atributo siderante, de fascinação, delimitando, assim, o campo do desejo.

Por sua vez, o *Witz* é, por excelência, a deflagração dessa falta no objeto. O efeito do *Witz* produz exatamente a aparição deste objeto que causa o desejo. Objeto este que não está referido a uma falta de fato, mas, sim, a nada, a um objeto vazio, que, curiosamente, de uma forma muito particular, se faz presente nesta experiência do traço de espírito (ou *Witz*). Trata-se do surgimento de um objeto que, ao ser nada, conjuga, em sua condição, negatividade (pois contém a falta) e positividade (pois justamente se positiva como objeto).

Neste sentido, torna-se possível também distinguir felicidade de alegria. Não há promessa de felicidade no *Witz*, ou na comédia, ou no deserto do Real, ou ao final de uma análise. A felicidade seria uma idéia de realização do narcisismo mais radical e fantasmático. Bem, mas, pelo menos podemos lembrar: “também não haverá extermínio”.

O que poderia ser encontrado, através da possibilidade de conjugação do igual e do diferente, e da relação de reversibilidade existente entre o possível e o impossível como num *Witz*, é a possibilidade da surpresa e, decorrente disso, o “ar da graça”, o que, por um júbilo insensato do espírito, faz surgir também a alegria.

Assim, então, como foi dito das condições para haver pensamento próprio, o que está em pauta para a alegria se dar é a conjugação do igual com o diferente, e também a do possível com o impossível²⁴, sem que nenhum dos primeiros termos das conjugações possa anular os segundos.

Desta forma, a condição desejante, tão cobiçada como conquistada numa análise, compreenderia não a descoberta de qual objeto, de um verdadeiro objeto, a ser buscado pelo analisando para sua felicidade, mas, sim, justamente, a desilusão quanto à existência deste objeto, da própria idealização da felicidade. Cabe lembrar, mais uma vez, as idéias que nos ajudaram a desconstruir tal expectativa de felicidade: “não há festa no céu”, “o rei está nu”, e, acrescentemos, ainda, que “'admirou-se -se', não é o sobrenome de Dona Chica”.

Ao mesmo tempo, torna-se premente a legitimação daquilo que pode ser reconhecido como já fazendo parte de sua própria condição desejante, presente naquilo que vinha sendo realizado com a assinatura do fantasma fundamental e, que, a partir daí, cabe ser tomado como próprio, ao assumi-lo como efeito de autoria do próprio sujeito desejante. Esta não é, senão, outra faceta do corte de linha de crédito dos dons maternos...

O desejo é, então, reconhecido em suas realizações feitas e não em suas realizações a serem feitas. Que a

²⁴ Esta perspectiva foi abordada em capítulo anterior, intitulado “Dar o ar da graça: o dom de dizer”.

função do analista opere como suporte para o desejo não implica que caiba, nesta função, algo de *cheerleader* para os feitos daquele que se encontra em análise. Ao contrário, quanto mais a função do analista estiver desembaraçada de julgamento e apoio ao que o analisando virá a fazer, daquilo que o analisando possa reconhecer como seu em sua análise, em sua vida e cotidiano, melhor. O acento recai, portanto, sobre o compromisso do analista de um ato capaz de manter o campo de linguagem no qual tal reconhecimento possa ser feito pelo analisante. Trata-se, aqui, do que estabelece um traço distintivo entre atuação e ato analítico num tratamento psicanalítico.

A escuta diferenciada do analista está comprometida com sustentar, em ato linguageiro, o dispositivo analítico que permite o reconhecimento das realizações do sujeito na linguagem. Freud analisou o *Witz* nesta perspectiva, ou seja, em relação à linguagem, e não em relação ao cômico. Não teria sido este um ato analítico de Freud? Aquele que fez do *Witz* um objeto para a Psicanálise?

O ato analítico é uma sustentação em ato da *talking cure*, das realizações do sujeito na linguagem. Esta é a função da própria sessão analítica, ou seja, manter o valor pulsante dos acontecimentos da e na fala de um analisante como fonte de sua [do analisante] investigação.

Sabemos, no entanto, que, por vezes, algo opera por outra via, ou seja, a da atuação. O entusiasmo não só do analisante, mas também de alguns que se propõem para função de analista, quanto ao surgimento do desejo na situação clínica, é às vezes equivocadamente tomada numa vertente onipotente. Ou, trocando em miúdos, uma vertente “Zagalo”, como se, uma vez desejante, “o mundo tem que engolir” Isso dele: “e saia daí que esta cadeira é minha... este é meu desejo”. O cômico poderia representar perfeitamente esta via.

No entanto, descobrir-se desejante marcaria não a finalidade ou o fim de uma análise, mas, ao contrário, a entrada do sujeito no percurso de uma análise pelo viés da construção do fantasma, da exploração da possibilidade de articulação significativa do fantasma no sintoma. Ou ainda, no melhor estilo freudiano, o que corresponderia ao levantamento do recalque, já que fantasma e sintoma estariam, desde antes, separados por este (recalque). Se não fosse assim, isto é, se esse momento significasse o fim de uma análise, ou sua finalidade, haveria coincidência entre sujeito e ego. O que fundamentaria o *Witz* que nos

diz de uma velha forma de suicídio, aquela em que “o sujeito²⁵ se jogaria do alto de seu ego”.

No trajeto do analisando, então, o que está em questão é justamente o caminho que leva o sujeito do desejo de reconhecimento ao reconhecimento do desejo, reconhecimento de sua condição desejante, e ao que disso decorre.

No contexto da análise, toda conduta psicoterapêutica – aquela que visa conduzir o analisando e não o trabalho de análise, por parte do “dito analista” – conduziria ao pior, ou à saída do campo em que uma psicanálise opera, que, como mencionado, concerne ao ato analítico. Não são incomuns os efeitos de atuação gerados pela expectativa do terapeuta em relação ao seu cliente, atuações que apenas encenam uma transformação de tensão em atividade motora automática e fantasmática, por vezes, por que não dizer, desastrosa para si e para todos em volta. Nestes casos, seria importante ressaltar que, do ponto de vista da direção de uma análise, contaríamos como causa uma outra descarga motora, a da atuação do próprio analista.

Esta perspectiva de descarga motora indica que Isso que tentou ganhar voz permanece e permanecerá sem apropriação, caso não seja reintegrado ao campo da fala e do trabalho pela fala numa análise. Infelizmente, ou felizmente, uma análise não se produz pelos caminhos das atuações, como se tudo pudesse se resolver positivamente por um ato prático, num fazer alienante.

O ato analítico do analista gesta o campo do ato analítico do analisante. Caso contrário, tudo acabaria em pizza, pizza com *sazon*, ou seja, com muito amor, muita idealização e muita identificação. Por que não dizer, neste caso, seria cômico se não fosse exclusivamente trágico.

Mas, a última palavra não será trágica se houver a aposta de que aquilo que se vê no deserto do Real também não é tudo. O nada fará qualquer coisa fracassar na expressão de toda a verdade. A positividade de toda verdade, caso essa possibilidade existisse, não se faria só falsidade? O objeto irônico²⁶ do

²⁵ No *Witz* original, trata-se de um personagem de nacionalidade argentina, mas creio ser pertinente estender o ponto para um sujeito qualquer.

²⁶ Objeto irônico, bem como a idéia de crime perfeito a ser introduzida a seguir, é um conceito lançado por Jean Baudrillard e encontra-se em vários de seus textos, inclusive em *A ilusão vital*, que cito aqui, aplicando-o ao objeto positivado do desejo, a saber, o nada.

desejo, o nada, faz, graças a deus , imperfeito o deserto do Real. Esta imperfeição impede o crime perfeito, aquele que, segundo Baudrillard, compreenderia as mortes da morte, da alteridade, do mal e da ilusão. Portanto, se o crime não é perfeito é porque, mesmo no deserto do Real, é possível resgatar os vestígios da opacidade e dos mistérios do mundo. É precisamente a reversibilidade da conjugação vida e morte, como partes indissociáveis do movimento humano, que, através da alegria de um espírito fugidivo, engendra o que dá o ar da graça.

Neste sentido, o falso faz mais falta do que o verdadeiro. A ficção é necessária para que algo da verdade possa se fazer presente, brevemente, como no *Witz*, furando o que parecia se fechar em si mesmo, deixando o sujeito desejante trancado do lado de fora, tal é o impacto do Real que se apresenta. A ficção talvez seja, então, o mais alto grau de positividade possível para a verdade se dar. A ficção é falsamente falsa.

O *Witz* não deixa de ser um convite à visitação ao campo da ficção e seus efeitos, que são como sugerido acima, efeitos de verdade. Desta forma, aquilo que se apresenta *hic et nunc*, será sempre parte e não o todo da história; o recurso à verdade e não a verdade com “a” maiúsculo.

Certamente esta é uma afirmação que implica várias conseqüências para a clínica psicanalítica e corrobora a perspectiva de situar o *Witz* como elemento que privilegia, de maneira enfática, o caráter discursivo que deixa vir à tona o inconsciente, numa espécie de trabalho que não dispensa o sujeito dividido pela palavra, em sua condição desejante.

DA APLICAÇÃO DOS RECURSOS: DO SONHO AO WITZ, UM SABER FAZER COM ISSO

No que diz respeito à palavra deserto, o que me fascina é ver o quanto a metáfora do vazio, de tanto ser usada, permeia a palavra inteira. a palavra tornou-se, ela mesma, uma metáfora. Logo, para restituir-lhe a força original é preciso voltar ao deserto real, que na verdade é o vazio exemplar – mas um vazio com seu próprio e real pó.
Edmond Jabès

O sonho é uma maneira de realização do desejo. Esta realização se faz possível, ainda que de maneira parcial, sempre e quando se fazem possíveis as construções languageiras que produzimos para contar o sonho em análise. Eis uma trilha privilegiada até Isso. Assim aprendemos com Freud.

Sabemos que, em última instância, as produções oníricas se dão para manter o desejo sob uma realização que não perturbe o *statu quo* de nosso funcionamento de vigília. Num outro sentido, serve também para o sonhador continuar dormindo quando acordado. Algo, então, desta produção não pode ser notado. Quanto mais compreensível um sonho, mais distante o sonhador se encontra do que pulsionalmente se realizou, já que, se houver aproximação por demais dos acontecimentos puramente pulsionais, perder-se-ia a própria condição de fazer tais construções e, portanto, de render ao sonhador qualquer realização desejante. Haveria, então, apenas impacto?

Foi através da tomada feita dos sonhos, por parte de Freud, que todo um paradigma de escuta clínica foi fundado, desenvolvido e estendido para o campo dos fenômenos da fala, de um modo geral, tornando-se, assim, elemento emblemático de todas as outras formações de compromisso, para mencioná-las: atos falhos, lapsos, sintomas, *Witz*, enfim, as psicopatologias da vida cotidiana de um falante. Entre estas, a

modalização de *Witz* é apontada aqui com algum privilégio em relação às demais, como aquela que poderia agregar algo ao dispositivo e às conquistas analíticas. E por que seria assim?

Para a sustentação desse privilégio atribuído ao *Witz*, é necessário voltarmos a atenção para as produções deste fenômeno em relação às do sonho.

Ao que cabe reconhecer do que acaba de ser enunciado, o que o sonho realiza do desejo nos é apresentado em um alto grau de deformação, de modo a permitir e, algumas vezes, também exigir, o trabalho interpretativo para tornar-se uma trilha privilegiada para a atividade desejante inconsciente. Em primeira instância, o trabalho de deformação, que concilia os diferentes estados da alma, segundo o limite representacional de cada um, tem como função manter sob recalque o que elevaria demasiadamente o grau de tensão suportável na vida de vigília.

A atividade elaborativa, tanto a que se realizou para fazer o sonho passível de ser contado, quanto a que operou pela via do interpretável, permite o bordeamento do próprio núcleo traumático do sonho, inominável (umbigo do sonho), e que, por assim dizer, esteve em movimento ao dormir, sob o regime de relaxamento da censura/recalque, sob o preço de ignorar-se Isso. Reencontramos, assim, a ignorância como paixão (*pathos*) e medida.

Na operação de *Witz*, é possível dizer que se faz possível avançarmos um pouco mais quanto a essa ignorância, sem desfazê-la, é claro, já que esta é parte – e parte necessária – de nossa própria condição falante ou humana. Uma vez que o *Witz* se efetive como tal, terá havido algo que já pôde ser entrevisto. Então, se com o sonho fez-se borda ao inominável, com o *Witz* algo transborda sem derramar.

Além da admissão do inominável, em relação a Isso que foi entrevisto em seu limite mínimo, sancionado pelo supereu (censura/recalque), não haverá possibilidade de Isso encontrar nenhuma forma de redução imaginária às representações que lhe serviram para realizar-se.

No caso do sonho, há sempre uma armadilha quanto a Isso. Por vezes, até mesmo a mais prevenida escuta de um analista pode deixar-se ensurdecer pelos encantos dos sentidos que se fazem, uma vez estando

diante de certos modos de funcionamento neurótico, ou mesmo em alguns momentos de análise sob sua direção. Há, ainda, aqueles que chegam a acreditar e assumir essa forma de Isso como toda verdade, como num “*hic et nunc metafísico*”.

Há uma faceta do sonho – assim como de falação (blá-blá-blá) ou dos atos falhos – que permanece como mero erro que implica, por exemplo, atividade gozoza por si só. Se reconhecemos os meros erros como retorno do recalado é porque uma importante função está em pauta, justamente a de reabilitação do recalque. Do ponto de vista das realizações inconscientes, aprendemos com Freud que mal podemos distinguir as fantasias inconscientes inibidas *in statu nascendi* do material recalado. Podemos, então, ficar sonhando...

Numa análise, uma vez que o sonhador tenha sido despertado para o caráter realizador do sonho, ao fazer surgir a dimensão do desejo e de seu reconhecimento, o que se coloca é o propósito de relançar a questão do sujeito deste ponto do trabalho analítico, pela via do ato analítico, em detrimento do caminho das atuações. É neste ponto que o *Witz* poderia vir a agregar algo.

Há um sonho dogmático do qual cabe acordar para sonharmos a possibilidade de nos tornarmos pulsantes e intervenientes no mundo. Não seria este exatamente o acréscimo que a palavra espirituosa (*Witz*) faz ao dispositivo criado para o sonho na clínica? Não seria o *Witz* o dispositivo capaz de despertar o sonhador, situando-o à beira do abismo, no terreno do deserto de Real, sem que ele creia demasiadamente nisso?

Se com Didier-Weill podemos afirmar que o “sonho é um *Witz* fracassado²⁷”, talvez também possamos cogitar forçar algo além do sonho, quando, muitas vezes, este foi surpreendido em seu ponto limite pelo deserto do Real e, uma vez aí, forjar um modo espirituoso e próprio de intervir nIsso.

²⁷ Segundo Didier-Weill (1995), este teria sido um comentário feito pelo próprio Freud. Infelizmente não foi possível localizar tal enunciação no texto freudiano e, portanto, a idéia é atribuída aqui ao próprio Didier-Weill.

DA DÍVIDA: OS EFEITOS DA PSICANÁLISE DA/NA VIDA COTIDIANA

A gente só sabe aquilo que não entende.

Guimarães Rosa

Há cem anos, Freud publicou o que para ele compunham as provas da existência do Inconsciente. Se sua obra de 1900 sobre os sonhos havia lançado uma idéia sobre a extensão de seu conceito de Inconsciente, foram os textos de 1905 que trouxeram os principais argumentos que corroboraram a ampliação da pertinência desse elemento para todo o campo da própria experiência humana. Naqueles textos, o Inconsciente não se reduzia mais aos *condition seconde*²⁸ dos ataques histéricos, nem sequer às situações decorrentes do estado de adormecimento, mas se estendia a toda ação humana. Com sintomas e sem sintomas, dormindo e acordados, de dia e de noite, nos melhores ambientes sociais e, na mesma medida, nos piores, nas mais respeitadas famílias e nas rodrigueanas também, ele está lá. Este elemento, anteriormente insignificante à tão cultivada racionalidade humana, que passou, então, a ser notado e, por isso, a deixar seus traços inscritos no dia-a-dia dos desavisados e dos avisados, e foi nomeado: o Inconsciente freudiano.

Podemos situar, no contexto das publicações de 1905, o texto sobre o *Witz*, tão caro ao presente trabalho, os ensaios freudianos sobre a sexualidade, o caso Dora, e o livro sobre a psicopatologia da vida cotidiana. São produções que primam pela retórica que visa cativar no leitor espaço para a admissão da hipótese freudiana sobre o Inconsciente, sua presença na vida comum e suas leis de funcionamento. São textos fartos em exemplos de ocorrências do Inconsciente. Até mesmo no texto sobre Dora, apresentado como caso clínico paradigmático de uma nova perspectiva de prática clínica, antes de fazer qualquer outra convocação, Freud visou constituir provas da existência e do funcionamento do Inconsciente apresentado no *Traumdeutung* de 1900. Sabemos que lá igualmente se apresentavam outros novos em forma

²⁸ Breuer e Freud (1893)

iminente para o equacionamento, como aquele que posteriormente foi tratado sob a denominação de transferência. Não foi sem sentido que este texto, que por muito pouco não conservou o título dado pelo autor em sua concepção - “Sonhos e histeria”- manteve, apesar de rebatizado, sua vocação desde a sua publicação.

Caso Freud tenha mesmo pretendido criar os meios de fundamentação e interlocução sobre sua proposição, podemos dizer que ele, certamente, ultrapassou o campo de suas intenções. Sinal que ele próprio, Freud, era habitado por seus desejos inconscientes.

Pois bem, como mencionado, cem anos se passaram, mais precisamente, cento e dois anos. Ao longo deste tempo, nunca todos estiveram unanimemente convencidos sobre as idéias de Freud, mas, certamente, muitos foram contaminados por elas e, de um modo geral, evitá-las se tornou mais trabalhoso. Entre a população contaminada, podemos contar todos aqueles que pagaram para ver, pessoalmente, do que se tratava este negócio de Inconsciente. Vários desses se tornaram praticantes da Psicanálise.

Talvez, neste momento, seja pertinente relançarmos a proposição freudiana sobre a existência de uma psicopatologia da vida cotidiana, cuja causa foi chamada Inconsciente.

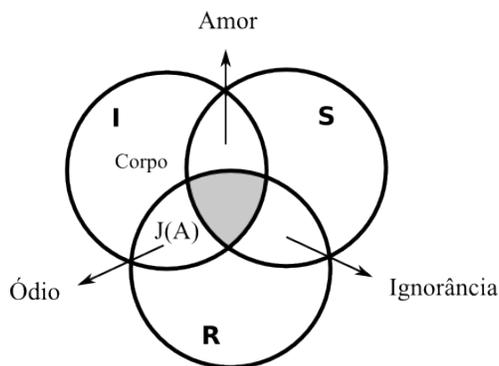
Consideremos que a idéia de psicopatologia refere-se ao *pathos*, ou seja, às paixões do ser. Conforme situado anteriormente neste trabalho, as paixões (*pathos*) do ser humano seriam, por excelência, o amor, o ódio e a ignorância.

Deixarei hoje uma pergunta: no estado atual das relações entre os seres humanos, pode uma palavra falada fora da situação analítica ser uma palavra plena? A interrupção é a lei da conversação. O discurso cotidiano tropeça sempre com o desconhecimento, que é mola da Verneinung (denegação)?

Este buraco no real se chama, segundo o modo de abordá-lo, o ser ou o nada. Este ser e este

nada estão vinculados, essencialmente, ao fenômeno da palavra.

A tripartição do Simbólico, do Imaginário e do Real – categoria elementares sem as quais nada podemos distinguir em nossa experiência – se situa na dimensão do ser.



Este esquema presentifica a seguinte coisa: somente na dimensão ser, e não nessa da coisa real, podem inscrever-se as três paixões fundamentais: na união entre simbólico e a coisa imaginária, essa ruptura, essa aresta que é chamada amor; na união entre imaginário e a coisa real, o ódio; na união entre real e o simbólico, o ignorância. Nós sabemos que a dimensão da transferência existe de entrada, de forma implícita, antes mesmo do começo da análise, antes que o concubinato que é a análise a provoca. Entretanto, estas duas possibilidades, amor e ódio, são acompanhados sempre por um terceiro, que geralmente negligenciam, e que não é contado entre os componentes preliminares da transferência: a ignorância como paixão. Não obstante, o sujeito que vem a se analisar se coloca, como tal, na posição daquele ele ignora. Sem esta referência não há nenhuma entrada possível à análise: nunca é nomeada, nunca se pensa sobre ela, quando, de fato, é fundamental.²⁹

Desta vez, caberia investigar a referida proposição através do seguinte re-equacionamento: se existe Inconsciente, se existem psicanalistas e, portanto, se há a prática da Psicanálise, quais seriam os efeitos disso no mundo? O que poderíamos situar em relação aos efeitos da presença deste Inconsciente, incluído, através de Freud, na vida cotidiana humana?

²⁹ Texto: Lacan(1954); Figura: Mario L. Fischman: *El Despecho*, 1994

O cotidiano humano tem sido figurado ultimamente por imagens tão radicais, como por exemplo, a do deserto do Real, tal com mencionado em capítulo anterior. Naquele capítulo, foi proposto que caberia à experiência analítica sustentar um cultivo muito particular: o de fomentar transformações nas condições de possibilidade da experiência humana que permitiriam reencontrar, de uma nova forma, alguma graça, alguma alegria no deserto do Real, à beira do abismo, e não num alhures paradisíaco.

A Psicanálise vem sendo praticada desde então e, portanto, cabe dirigir àqueles que a levam adiante, uma pergunta para o percurso que conduziria a uma segunda questão, mais ampla, também mencionada anteriormente, qual seja, aquela que versa sobre o que, efetivamente e não em tese, a experiência analítica tem gerado na vida cotidiana daqueles que admitiram seus próprios Inconscientes. O que efetivamente mudou na vida daqueles que se analisam ou se analisaram? E, acrescente-se, conseqüentemente, dos que se tornaram analistas? O que a Psicanálise, através dos analistas, vem produzindo em sua prática? De que transmissão se trata quando se trata da transmissão da Psicanálise?

Na história do movimento psicanalítico, tivemos a oportunidade de acompanhar qual o destino da Psicanálise, quando esta é operada de forma alinhada aos objetivos de uma moral social vigente. Nos Estados Unidos, através da Psicologia do ego, desenvolvida em momento de grande difusão da Psicanálise, assistimos o Inconsciente freudiano se transformar em elemento a ser neutralizado através da prática psicanalítica. Que produções lhe renderiam tal destino?

Seria totalmente insano julgar a análise alheia. Mas, não seria pertinente considerar alguns parâmetros que permitem reconhecer os efeitos de uma experiência de análise, ou seja, de haver ou não haver Inconsciente incluído na vida cotidiana de alguém? Não haveria uma diferença entre um analista não oferecer nenhuma garantia do que será produzido numa análise sob sua direção e um analista não ter responsabilidade nenhuma sobre o que se produz na análise que conduz?

Sabemos da posição de Freud quanto aos caminhos dados à Psicanálise nos Estados Unidos. Freud declarou explicitamente³⁰, o quanto o entusiasmo e a adesão dos norte-americanos à Psicanálise lhe

³⁰ Entrevista concedida por Freud em 1926.

pareciam lisonjeiro, mas superficiais e de poucas contribuições significativas ao campo analítico.

De forma significativa, na experiência europeia, desde seu surgimento, a Psicanálise pareceu sempre se alojar em terreno de tensões e rupturas em relação aos valores sociais vigentes. Nos contextos dos países europeus, sua aceitação fora questionada de forma recorrente e nunca sem percorrer caminhos de resistências. Mesmo nos momentos em que a Psicanálise se situou como pensamento de forte influência no campo intelectual, acadêmico, e de significativa difusão no âmbito social, como por exemplo, na França das décadas de 60 e 70, vivia-se uma circunstância especial, eivada por muitos questionamentos sociais e políticos, muitas tensões, pouca acomodação, enfim, tempo de ruptura.

Curiosamente, logo após a reacomodação das tensões em evidência da vida social e política, a Psicanálise na França foi deslocada daquele lugar de vigência e presença proeminente, sendo que, atualmente, é novamente sem a aceitação das massas, que suas produções encontram-se em grande atividade.

Talvez não seja demasiado afirmar que caiba ao Inconsciente freudiano e a seus desdobramentos serem situados também à beira do abismo para conservarem sua potência subversiva e criativa. Mas vejamos, mais uma vez se faz necessário insistir: à beira do abismo e não no abismo, pois demarcação em terreno pertencente ao registro da experiência humana é fundamental.

Foi discutida anteriormente a perspectiva das atuações daqueles que se encontram em circunstâncias de analisante como estando referidas a um apelo de inclusão de algo que vem escapando à própria análise, como descarga motora e, por que não dizer, em grande medida, realizações fantasmáticas.

Haveríamos de considerar no limiar, e ao mesmo tempo como referência para avaliarmos a dimensão de nossa prática e de nossas produções, as inúmeras vezes que assistimos situações nas quais o conhecimento estabelecido no âmbito teórico psicanalítico é colocado a serviço mais de uma proteção, um escudo, contra o que constitui o próprio objeto de investigação colocado em questão pela Psicanálise. Por esta via, cabe indagar o que ocorreu para que este objeto de investigação tenha se tornado, mais uma vez, ameaçador. Não seria esta uma ocorrência de expressão explícita de resistência à Psicanálise promovida pelos próprios analistas?

A relação com a Psicanálise envolve a tarefa de construir e desconstruir, de várias maneiras, aquilo que se deixa conhecer. É na produção de saber sobre o que não se entende, como atentou Guimarães Rosa, que recebemos, das mais diversas formas e dos mais diversos lugares, a mesma notícia que nunca se declara totalmente.

Não seria nossa posição fantasmática, a de cada um, a localização a partir da qual podemos engendrar o percurso de relação com o Inconsciente freudiano, tal como este se manifesta em nossa vida trazida do cotidiano para a investigação proposta por uma análise, e de onde, precisamente, poderíamos relançar a questão sobre os efeitos desta experiência, de volta, neste mesmo contexto, o da vida cotidiana?

Algumas considerações sobre o fantasma foram tecidas ao longo do presente trabalho, e constituem uma determinada perspectiva na adoção da idéia de fantasma no contexto de um sujeito em questão numa análise. Para este contexto, o certo e o ético se distinguem, e, invertendo o dito popular que propõe que os incomodados que se retirem, a Psicanálise trata de convocar os incomodados para que se incluam. Neste âmbito de discussão, os incomodados, graças a deus, se vêem menos conformados aos apelos das conveniências da vida cotidiana. Talvez um tanto quanto à deriva, mas, possivelmente, salvos pelas dores da existência.

Recentemente, numa situação de supervisão na clínica escola em que discutíamos sobre um trabalho em andamento, sob condução de uma das alunas do estágio, tivemos a oportunidade de visitar esta idéia de incômodo como recurso. Tratava-se da discussão do caso de uma garota de 13 anos, que vinha a falar de que sua vida... Não sabia bem o que nem porque... Dizia ela que, em sua experiência amorosa, havia ficado com 33 meninos até aquele momento... Que gostava de Fulano e, por isso mesmo, ficava com

Beltrano e Cicrano. No momento, estava muito ansiosa quanto ao que observava dos movimentos de Fulano, e também muito tensa, porque Cicrano a havia visto no cinema com Beltrano, justo num momento em que o tal Beltrano lhe passava a mão nos peitos. Não havia ponto de gravidade no relato. Era como se tudo percorresse o mais promissor dos circuitos, sem embaraços da vergonha, sem moralismos, sem falsos pudores, sem incômodos... Mas também poderíamos dizer, à deriva, sem âncora, sem Sujeito? O que não podia ser localizado e que veio a demonstrar-se necessário para a detecção da própria menina à deriva, seria, justamente, a nomeação de um ponto de incômodo que a trouxesse para falar sobre as ocorrências em seu universo, nos laços de sua vida social. Nomeação necessária de um incômodo que permitiria que ela se localizasse quanto à idéia de que sua vida não andava a seu contento. E ainda, de que isso lhe dizia respeito diretamente.

Tal relato foi feito em supervisão sem nenhum estranhamento. Certamente, a pauta moral vigente condenaria com veemência qualquer consideração sobre a conduta sexual da garota. Como se fosse num pacote, tal medida engolfava também qualquer possibilidade de discernimento da experiência trazida à tona.

De uma maneira que merece equacionamento, a moral social vigente vem transformando o pacto social em cumplicidade mútua, não para suportar os crimes primordiais e míticos que teriam dado origem e sustentação ao pacto social, ou seja, os do incesto e parricídio, mas aos atualmente à deriva, justamente pelo abalo do ponto gravitacional do próprio pacto estabelecido. Quanto a esta cumplicidade, concernente

às atuações praticadas no cotidiano social, político e ético, em relação às quais, parafraseando a sétima arte, ficamos com *The eyes wide shut*, ela não exigiria da posição do analista um ato de agravo?

Retomemos a passagem do encontro de Sócrates e Alcebíades no simpósio sobre o amor (ou *O banquete*)³¹: num dado momento, depois do simpósio há muito ter começado, chega, atrasado e bêbado, Alcebíades, jovem atraente que vem, em condições atabalhoadas, declarar seu amor por Sócrates. Depois de ouvi-lo em certa encenação de bêbado, Sócrates intervém dizendo-lhe que não é porque ele o diz assim, bêbado e de forma encenada, que aquilo que diz não vale. Ao contrário, não só o que diz vale, como não incide sobre ele, Sócrates, mas, sim, sobre algo de seu próprio desejo, que merece ser interrogado quanto ao destinatário (Alcebíades).

De certa maneira, este ato simultaneamente de agravo e de linguagem é paradigmático do próprio ato analítico, que implica cada um que vem a falar pelo dispositivo ao analista e se vê convocado pela validade dada por este ao que quer que venha a dizer lá. Este parece ser o agravo suficiente para produzir os efeitos subversivos da Psicanálise, do Inconsciente freudiano, do incomodo que impede o apagamento do efeito sujeito da própria vida de alguém. Este parece ser o agravo suficiente para sair da cumplicidade da cena social que amortece o peso da existência e restabelecer um pacto de discurso que se dá pelo viés insolúvel da dor e da beleza de vir a ser da existência. Trata-se de um reconhecimento de validade que reenvia a mensagem ao seu emissor, produzindo-lhe o estranhamento necessário e as condições para entrever o lugar no qual possa localizar-se, *a posteriori*.

O *Witz*, como o dizer que conjuga o reconhecível, justamente de uma forma que permite tornar presente algo estranho, inesperado, entrevisto *a posteriori* do ato de dizer e que só pode ser admitido uma vez que tenha sido capaz de localizar seu destinatário num determinado lugar, à beira do abismo, seria um agravo cheio de graça?

Num certo sentido, o agravo é a maneira, cabível no dispositivo analítico, de forçar os passos um pouco além da zona de conformismo e adaptação possível à cena do cotidiano. A medida que se faz necessária para que reencontremos nossas crenças no pacto social de outra maneira, assim como foi necessário que

³¹ Seminário de número 8 de Lacan, sobre a transferência, conforme abordagem em capítulo anterior desta tese.

as embarcações portuguesas tivessem buscado a linha do horizonte para saber que poderiam seguir viagem até as Índias e não cairiam num buraco após aquela linha do visível. Afinal, navegar é preciso...

É importante sublinhar: não se trata de agravo fundamentado ou que objetiva sustentação em julgamento moral, mas daquele agravo relativo ao ciframento das próprias margens traçadas para navegação do analista e nas correntezas associativas do analisante. Dito com outras palavras, da validade da linguagem, aquela que envolve a própria condição de responsabilização ética envolvida na prática clínica psicanalítica.

Para esta navegação, é preciso estar de bem com a castração e com a experiência do próprio Inconsciente. Sabemos que a última coisa que o analisante entrega em sua análise é sua angústia, pois é desta que lhe é rendido seu gozo, que tanto o fascina, o sidera, o encanta nos caminhos de seu fantasma fundamental.

Evidentemente, se aperceberam de que, como o neurótico não quer nada, isto tem certa relação com o fato que sua dificuldade seja da ordem de receber. O neurótico quer que se suplique, lhes dizia, e não quer pagar o preço. Enquanto que, se quisesse dar algo, talvez a coisa andasse. Mas, os analistas em questão, os “bons falantes” da maturidade genital – como se fosse esse o lugar do dom – não advertem que o que haveria de ensinar ao neurótico a dar é essa coisa que eles não imaginam, é NADA, é justamente sua angústia... O neurótico não dará sua angústia, é tão certo que disso se trata, que ao longo de todo o processo que localizamos na cadeia estabelecida em análise, consiste no feito de que ao menos dê seus equivalentes, começando por dar um pouco de seu sintoma. É por isso que uma análise, como dizia Freud, começa por uma ordenação de sintomas, fazendo-o cair em sua própria armadilha. Por esta via entramos no jogo que recorre à demanda. O neurótico quer que vocês lhe demandem algo e como vocês não lhes demandam nada – tal é a primeira entrada em análise – ele começa a modular as suas, suas demandas, que vem nesse lugar.³²

³² Lacan, Seminário 10 – A angústia, aula de 05/12/62 .

O neurótico para defender-se da angústia, para recobri-la, se serve do fantasma que o organiza. É o objeto a o que funciona em seu fantasma. Mas, um “a” posticho, na medida em que lhe defende contra a angústia...³³

Espera-se que os analistas que tenham terminado suas próprias análises, ou mesmo os que ainda insistem neste percurso, freqüentem em maior ou menor monta este estado das coisas, no qual a angústia já não constitui ponto imperativo de captura e gozo. Esta seria, em grande medida, a condição não só de escuta, como também de sustentação da função de analista.

Sendo assim, para que no espaço até a linha do horizonte analítico possa ser, a cada vez, da ordem da produção do que permite que tal linha de visibilidade seja relançada para um pouco mais adiante, a fim de que algo de novo possa se colocar, é preciso pagar para ver. Outros preferem arcar com custo aparentemente menor, mas que, de fato, logo se revela bastante superior: o de pagar para não ver.

Tais são os parâmetros a serem situados, indefectivelmente, a cada caso, segundo as particularidades dos passos. Estes parâmetros não servem para julgar moralmente a nada nem a ninguém, apenas incidem sobre a pertinência do Inconsciente na produção do caráter psicopatológico da vida cotidiana. Ainda que não se possa julgar moralmente tais efeitos, é factível considerar que os rastros das produções do Inconsciente já se faziam notar pela pena de Freud, há cem anos, e, de forma mais ou menos produtiva, no cotidiano dos nossos dias.

Se voltarmos aos exemplos do texto freudiano sobre as ocorrências do Inconsciente na vida cotidiana, encontraremos inúmeros exemplos bastante estimulantes. Os dos atos falhos demonstram, por excelência, o quanto nós, falantes, somos traídos pelo desejo.

Havia aquele senhor que deveria abrir um encontro importante e que teria iniciado seu discurso de abertura dizendo: “É com prazer que encerro este encontro” (Freud,1916)

³³ Lacan (1963).

A presença do Inconsciente nos atos falhos demonstra o quanto a troca efetivada de palavras, nesta perspectiva, não implica a troca de seis por meia dúzia, mas de algo que seria apropriado falar por algo bastante impróprio. De fato, é possível afirmar que, da perspectiva da linguagem, todos os atos são falhos, basta querer saber disso. De outra forma, qualquer troca de palavra, lapso, pode ser rapidamente corrigido e reenviado à ordem esperada do mundo.

Pois bem, àqueles que se posicionaram com Freud sobre o caráter deflagrador de desejo envolvido nas operações languageiras, é preciso dizer que estes estão implicados na sustentação daquilo que, então, puderam escutar. Esta implicação não permite mais que se corrija o que em ato foi dito e que se passe adiante. Ponto de tensão a ser agravado, no melhor estilo do personagem do programa infantil mexicano Chaves: “foi sem querer querendo”. E acrescentemos Sócrates: o que foi dito sem querer (querendo), vale. Isso tem conseqüências.

Não há muito tempo, chegou até mim a seguinte passagem da vida de uma jovem que ingressara já há tempos em sua análise pessoal: tendo ido viajar em companhia de seu namorado, dizendo ao pai que o faria em companhia de algumas amigas, deixou o número de celular de uma delas, a fim de poder ser localizada em caso de emergência. Todas as pistas falsas que deixara para trás, como se fosse um diário secreto de adolescente deixado aberto sobre a mesa da sala da casa dos pais, conduziram à deflagração do que, de modo tão ostensivo, procurava mostrar escondendo. Depois de todo o drama desenrolado por ser descoberta, a jovem foi a ter com seu analista, jovem prodígio intelectual da Psicanálise. Como se fosse o resultado da sessão, imediatamente após sua ocorrência, a jovem dirigiu-se à

companhia de telefonia celular e adquiriu sua própria linha telefônica. "End of the story."

Vejamos: não sabemos o que ocorreu na referida sessão analítica e, obviamente, não se trata de avaliá-la, portanto, isso não importa para a questão do momento, mas é mais do que pertinente o convite à reflexão sobre os efeitos de presença do Inconsciente na cena da vida da jovem fora do contexto da análise, tal como esta se desenrola na vida cotidiana. A resolução prática decorrente do trabalho realizado pela jovem em sua sessão de análise permite considerar que a série de atuações, equiparável a uma série de atos falhos em seu plano de viagem, foi corrigida, e ela passou adiante. No melhor estilo Marcel Duchamp, *Il n'y a pas de solution parce qu'il n'y a pas de problème*³⁴; ou ainda, no melhor estilo Ernest Kris³⁵: come-se miolos frescos no restaurante da esquina do consultório do analista, após a sessão.

Aquém dessas condições, que *si non é vero é bene trovato*, está o lastro fantasmático de cada um que pagou para ver o quanto por esta via se viu organizado e que, por arcar com os custos desta empreitada, viabilizou também o voto que elegeria os riscos de um percurso às vezes trágico, às vezes dramático e outras vezes de certa graça, mas em direção ao ponto de onde se pode acreditar que a vida seja não só possível, como também admitida sob um sentido singular, próprio e suficiente.

Em última instância, trata-se de um efeito dominó: se não há trabalho com o Inconsciente, não há Inconsciente, não há análise em curso. Se não há análise em curso, não houve analista. Se não houve analista, talvez não tenha havido, para a ocasião, análise deste lado do divã também, já que o único ato bem sucedido é o suicídio. E sabemos: elemento do trágico por definição, a morte não faz *Witz*.

³⁴ Não há solução, porque não há problema.

³⁵ Aula de 01 de julho de 1959 do Seminário 6, de Jacques Lacan (inédito).

DO SALDO: ABISMAR-SE NÃO É SIDERAR-SE

*Queria entender de medo e de coragem, e da gã
que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder.
O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso,
por direito e não sabe, não sabe, não sabe!*

Guimarães Rosa

Vimos propondo interpelar as análises que procuram nominar os objetos de desejo, visando promover a relação com o desejo como uma reivindicação prática e legítima. Consideramos, até aqui, que o desejo, como reivindicação, é antes da ordem do submetimento ao destino trágico do fantasma fundamental, do que expressão de uma condição singular, conquistada pelo desembaraço da angústia mobilizada pela vigência da vida. O desejo estaria portanto, na instância da assunção da castração e das próprias condições do objeto do desejo como objeto a, ou parafraseando Guimarães Rosa, naquilo que não precisa existir para haver.

Neste contexto, o cálculo de graça não descartou a pertinência de se considerar que mais vale um *Witz* em vão do que vários objetos alienantes identificados.

Diante do exposto até o momento, para desestimular aqueles que ainda buscam um instrumento capaz de oferecer alguma garantia, vale mencionar que o *Witz* evocado como recurso neste percurso de formalização sobre o trajeto de análise é um *Witz* esburacado e não transcendente. O *Witz* é considerado, então, como um recurso que venha a viabilizar que se possa habituar-se ao Real. Ao contrário de

pretender anular o Real, em sendo discurso esburacado, o *Witz* vem a admitir a existência de um bem-dito Real!

O dispositivo da análise e seus artifícios – tendo sido anteriormente destacado, de modo especial, um deles, denominado de agravo – propiciam a deflagração da dimensão trágica da experiência humana, numa Outra cena, a cena mobilizada na linguagem, antes dissimulada pela via da dramaturgia cotidiana.

Nesta perspectiva, o percurso do drama ao trágico, de certa forma, retira a ênfase, não só da atuação, como também do recurso verbal em seu uso intersubjetivo no mundo cotidiano do humano com seu semelhante, e o envia para o contexto da análise. Pela proposta de relação artificial, assimétrica e extravagantemente atípica, a de uma análise, numa circunstância onde o que está colocado poderia ser dito como sendo uma forma ímpar de fazer par com um analista, a força realizadora da ação pode ser reconhecida na dimensão de enunciação e de seus efeitos. Ou seja, como ato de linguagem, o que, ainda que seja vertiginoso, é bastante inovador.

Talvez o divã do analista seja, por vezes, o próprio solo que faz borda ao abismo do Real. Nesse solo é buscado traçar um sulco que permita ao falante visitar os sentidos de suas próprias palavras onde ele possa chegar a ver-se sozinho em sua experiência de corpo. Esta seria uma outra maneira de nos referirmos ao trágico da existência promovido pelo dispositivo de uma análise.

Nesta experiência solitária, o falante pode descobrir-se, então, sozinho, mas não isolado, já que a psicanálise – psicanalista – se estabelece, necessariamente, por um discurso e isto é dizer de uma efetividade de laço social com o outro, ainda que seja de um modo muito ex-cêntrico.

O que é experimentado numa sessão de análise, com o analista, é, muitas vezes, muito pouco reconhecível no escopo das relações humanas – consideradas no modo como as mantemos com o/no mundo –, e, simultânea e paradoxalmente, é muito revelador do viés pelo qual aquele que está a falar na sessão se inscreve como participante deste mesmo mundo humano.

De qualquer modo, na análise, as relações mantidas com a própria fala e com o outro – analista – não se

equiparam àquelas mantidas na vida cotidiana do analisando. Embora o que denominamos mundo humano não seja de matéria-prima diferente daquela que é freqüentada no dispositivo de uma análise, é exatamente a sustentação de diferenças que permitirão a produção de desdobramentos de um contexto sobre o outro.

Numa análise, se é levado a se situar no limiar de onde o significante fez furo no Real, circunscrevendo uma borda. Tais territórios de borda são mais ampliados e decorados no cotidiano do que aquilo que é vislumbrado do divã de uma análise.

Mesmo assim, no que o mundo tem de comungável entre nós, humanos, por todos os lados, além e aquém desta borda que chamamos de terra firme, o que há? Buraco. Embora o pânico e a melancolia sejam respostas possíveis à nossa condição humana, certamente não são as únicas respostas possíveis – embora sejam, de fato, as mais caras, no duplo sentido da expressão: mais onerosas e preferidas.

De certa forma, quem chegou até o divã, de alguma maneira tem notícias sobre a dimensão do Real, do buraco, do abismo. Já foram incomodados por Isso, e por Isso, incluíram esta Outra cena.

Na cena do cotidiano, já havia os desfiladeiros do *pathos*, das paixões do ser. Mas o ser é só borda daquilo que, justamente, não permite que se esteja nem sozinho e nem sem isolar-se. Sorte dos que se incomodaram e não se fizeram reféns da sideração.

Pois bem, do drama ao trágico; do mundo cotidiano ao agravo da linguagem, pouco mais, pouco menos, mas a cada sessão. E depois? Esta é a pergunta. Como se retorna ao mundo humano, depois de cada sessão, ou mesmo, depois do término da análise pessoal?

O equacionamento desta questão é algo que se deve fazer com calma. Tomemos como metáfora o budismo. Não é incomum pensarmos que a prática de meditação budista seja o estado último da experiência buscada por um budista. Curiosamente, não é bem assim. A meditação e o retirar-se do mundo, recorrente nesta prática, é um meio para os que buscam e não um fim. O fim último do praticante budista é a ação no mundo. A meditação e o retirar-se da circulação do mundo são o meio que se encontra

nesta prática para tornar possível, suportável, a ação no mundo humano, uma ação desembaraçada de certas armadilhas e de ilusões.

De modo muito similar, as visitas ao divã analítico também constituem um recurso de sustentação de uma ação modificada no mundo. Praticar o budismo num templo parece mais factível do que ser praticante budista numa fila de supermercado em São Paulo. Por outro lado, espera-se que algo tenha mudado na condição de alguém estar no trânsito de uma metrópole, tendo tornado-se praticante budista.

Um analisante é aquele que está em análise. Quando alguém está em análise, de uma forma ou de outra, está disposto a ter com seu Inconsciente. Quando uma análise se efetiva como experiência em curso, esta entra na vida no analisante. A análise não acontece só na sessão com o analista. Ao contrário, a função da sessão de análise e do analista é relançar a experiência a cada vez, a cada sessão, reenviando o analisante para sua vida cotidiana, no mundo, com seus semelhantes, nas filas de supermercado, no trânsito, e etc..

Um analisante vem para sua sessão de análise envolvido com o drama das paixões que vive no mundo (amor/ódio/ignorância) e ao falar disso na sessão, encontra-se, pelo agravo languageiro, implicado nisso do mundo que o incomodava, o que é trágico. Então, se ele achou que só precisava descobrir um jeito de se livrar de algo ou alguém, depois da sessão, a coisa ficou bem mais grave. Por isso ele paga e, então, ele volta para casa, vai dormir. Sonha, fica mais perturbado. Acorda, toma banho, ou não... Escova os dentes, ou não...Toma café ou chá, ou não, e sai. No final da tarde, volta ao gabinete de seu analista. Um tanto de coisas se repetiu ao longo do dia. Alguns pensamentos também. De novo lhe ocorre se livrar de algo ou alguém. Chora. Pára de chorar, ou não, mas enquanto

seu analista o perturba com perguntas ou marcações, ele se dá conta que seu sonho tinha a ver com algo dele... Ao cabo de meses, vai ao sapateiro, e quando este lhe faz um comentário sobre o tempo, a chuva, o calor, sabe-se lá o que, o analisante subitamente se dá conta de que é mortal e que tem medo. Considera que só seu analista vai entender a relação entre uma coisa e outra. Não vê a hora de chegar o dia da sessão para contar-lhe. A noite, sonha e lá mais alguma coisa se dá. No caminho para a sessão, tropeça numa coisa habitual de sua vida e faz tudo diferente. Fica exultante para contar tudo isso quando chegar ao gabinete do analista. Ao chegar lá, entra, deita e fala de coisas totalmente diferentes do que havia suposto que falaria... Paga a sessão e se vai, de volta para sua vida.

O ponto ao qual se pretende chegar aqui é o seguinte: como voltamos para nosso mundo humano, depois de uma análise? No mínimo, com Inconsciente? Ainda que consideremos que a resposta para esta pergunta seja afirmativa, haveríamos ainda de perguntar que relação passa a ser possível ao sustentarmos o laço social no mundo, com o semelhante, depois da sessão, depois análise, depois do analista, depois de se ter a noção - e ter incluído- que a terra firme é nada mais do que um furo no Real.

No percurso onde se é levado a ter que admitir que a terra firme é borda do Real e que esta borda é letra e, portanto, cifrada pelos desfiladeiros dos significantes, a possibilidade linguageira de fazer dos buracos *Witz*, traço de espírito e, através deste, trazer o ar da graça para a análise e para a vida humanizada, pode ser o cálculo mais precioso. Isso seria o que restou, o saldo. Talvez esta possa ser uma forma de cogitarmos a maneira como voltar da empreitada de uma análise ao trânsito, às filas e às relações com o semelhante.

Certamente esta não seria uma viagem de volta ao estranho país do outro (e nem do Outro), para reivindicar o encontro com um objeto do “eu/ego desejo” nunca encontrado, ou para uma realização fantasmática, que reeditaria as tradições, familiarmente gozosas e catastróficas, para si e para o próximo. Também não seria sem angústia.

Destituída a “Eucracia”³⁶, o que, sim, estaria envolvido seria da ordem de uma transformação em relação ao próprio fantasma que organizou languageiramente o mundo de cada um, de modo a tornar possível, ao voltar-se para este, agir nele sem acreditar demais no que nesse parece tão consistente, mas acreditando o suficiente para engendrar a palavra espirituosa, o *Witz*, que cabe à vida, fazê-la valer a pena, sustentar seu sentido e até passá-la adiante. Isso não é tudo e nem poderia ser, mas é alguma coisa e Isso pode ser.

Se fosse assim, em terrenos abismais, pela possibilidade da palavra espirituosa, terá se tornado possível se abismar sem se siderar.

³⁶ Expressão cunhada por Lacan em seu Seminário, livro 1.

PÓS-ESCRITO

Tendo concluído o trabalho, vale lembrar do velho guerreiro, Chacrinha, que insistia em nos fazer dar conta de que o programa acaba quando termina. O que resultou como tese apresentada é justo resultado daquilo que venho sustentando como prática clínica e de transmissão, como ofício, a cada dia, a cada vez, e de novo.

Realizou-se neste percurso um cálculo, mais precisamente o cálculo de minha própria aposta na Psicanálise, formalizada como uma prática que envolve principalmente coisas que, parafraseando Guimarães Rosa, a gente só sabe porque não entende, ou ainda que, assim como o diabo, não precisa haver para existir.

A Psicanálise provoca e convoca quem com ela se envolve a dizer ao que veio e, desta forma, a dar o ar da graça, seja na comunidade analítica, como praticante, seja na comunidade humana, pela inscrição da sua própria pertinência e ex-istência nesta.

Discutir “o espírito da Coisa”, ou mesmo a idéia de que haja “alguma graça” engendrada pelo percurso de uma análise, é, talvez, discutir a invenção mais particular que este dispositivo clínico pode levar cada um que o experimenta a fazer.

Para Isso, foram trazidas para o primeiro plano desta tese as operações envolvidas no *Witz*, cuja tradução sustentada foi de ‘palavra espirituosa’.

Assim, a Psicanálise, fundada como prática da palavra, encontraria na ‘palavra espirituosa’ a possibilidade de equacionamento não apenas de um sentido possível, mas, também, de relação com o sentido impossível, em sua dimensão de trajeto.

De fato, cada análise parte de um sofrimento que não visa amenizar, mas reconhecer, nele, validade e sentido, o que não deixa de ser um agravo significativo da situação imediata vivida. Quanto a Isso, há uma deliberação necessária, a de pagar para ver, pela via da análise; ou a de pagar para não ver, pela via dos sintomas caros e aparentemente adaptativos. Custos diferentes certamente.

Neste sentido, tanto para o analista como para o analisante, consideradas suas diferentes posições, é condição haver disposição para suportar a angústia própria de cada dia.

Basicamente, o analista é aquele que prima pela inconveniência. O analisando está lá, deitado, tentando de todas as maneiras descobrir como se doura a pílula para o seu sofrimento, e o analista, depois de ouvir e ouvir, aborda justo o que incomoda? “Que cara chato”, poderíamos pensar. Mas, também, poderíamos reconhecer em sua inconveniência algo comparável a uma licença poética. A arte de incomodar! Pagar o preço de perder o amigo e não perder a piada, o espírito da Coisa!

Precisamos lembrar que não se trata de destrato ou violência, de colocar alguém no “pelego de Bagé”, ao contrário. Não se trata sequer de “só” incomodar, ou mesmo de criar um incômodo, uma vez que este, dissimulado nas produções sintomáticas, já estaria lá. Para incomodar, a função analítica deve estar situada no laço transferencial que se estabeleceu, que fez do sintoma um sintoma psicanalítico, contando com uma boa escuta dos recursos do analisante em questão e, certamente, com o difícil e incessante exercício de excluir os gozos do próprio analista. Por mais que faça parte da experiência do analista, por sua análise pessoal, ter sido levado a identificar-se com o indizível de seu próprio sintoma, o que está em causa em sua transmissão não cabe ser da ordem sintomática, mas, sim, da do desejo de analista, sob a marca do estilo cunhado por cada analista.

Depois de mais de 100 anos de Psicanálise, já não é mais aceitável reduzir a intervenção analítica ao ser do analista, a sua intuição ou a qualquer elemento dado, natural. Trata-se de improviso calculado, um cálculo que só podemos ler *a posteriori*. Nesse sentido, nada mais complexo e dependente da precisão que o improviso!

Não é pouco notarmos que o dramático sofrimento trazido da vida cotidiana do analisando, agravado pela perspectiva trágica da existência sublinhado no percurso de uma análise, não promete nenhum tipo de paraíso, já que o caráter não ideológico é também uma condição para a experiência da análise.

Não obstante, podemos considerar que a vivência dramática do sofrimento neurótico encontra sustentação no gozo gerado pelo viés do amor narcísico e que, na perspectiva trágica deste mesmo sofrimento, o suporte é dado pela inclusão da própria condição mortal, finita.

A tomada trágica do drama cotidiano promove, então, um certo corte no gozo anteriormente envolvido neste sofrimento, sempre e quando o sujeito em questão esteja disposto a apostar sua própria dor, colocá-la em condição de certa perda. Aprendemos com Freud que os ganhos conseguidos pela via do sofrimento não apenas existem como também são economicamente muito insistentes.

No entanto, ao contrário do que possa parecer, dado o encaminhamento até aqui, a Psicanálise não é um saber mórbido e tampouco sua prática, uma prática funesta.

Pois bem, este trajeto, o do drama ao trágico, engendra a condição mortal, finita para o aposta-dor, o que, por si só, lhe permite realizar um redimensionamento de seu sofrimento. Como consequência, podemos agregar que, ao não haver oferta de uma proposta de paraíso, fica a convocação para que o aposta-dor venha a assumir seu lugar determinante em relação a seu sofrimento. “Determinante” não é o mesmo que “de controle”. Analista e analisando não formam uma “eu-quipe” em ação. Alguns, felizmente, não vêem graça nenhuma nisso.

Mas, a palavra espirituosa, o *Witz*, que fez parte do recurso analítico, é cada vez mais situável como recurso de exploração do que se apresenta como sendo o espírito da Coisa, do Real, do indizível.

É neste ponto que uma outra passagem da análise sublinha que o que já estava lá, desde o início, calado pelo drama e, depois, ameaçador pelo trágico, possa ser ainda, em seu caráter espirituoso, a maneira não só de suportar, mas de saber fazer com a Verdade em sua estrutura, necessariamente, de ficção.

Não se trata, então, de encontrar um sentido último para si na vida, mas, de admitir a iminência de um sentido novo de apostar na própria vida. Saber fazer com Isso, com o irreduzível do sintoma, eis a questão. Uma questão de estilo. Aqui podemos concordar com Lacan (1966), em sua colocação de que “não há forma de estilo, por mais elaborado que seja, em que o inconsciente não abunde”.

Nos anos 80, Clara Crocodilo³⁷ fugiu, escapuliu diante dos ouvintes incautos. Alguns já se depararam com ela, com este dito monstro, esta Coisa, em aspectos de si mesmos. Entre estes, os dispostos a reconhecer e dar validade a este encontro poderão, ou não, como diria o Caetano, dizer algo do espírito da Coisa, mas, certamente arcarão com os efeitos dessa deliberação.

Deliberar e responsabilizar-se pelo o que se faz com a Verdade em sua estrutura de ficção, mereceria, então, ser reconhecido como um signo do próprio término do percurso de análise. Não seria uma versão de final de análise ideal, ou seja, nem feliz, nem catastrófico; sem “altas”, mas, também, sem “baixas” a serem dadas. Um final de análise possível, a ser admitido.

Ou seja, trata-se, aqui, de convocar uma idéia de final análise, na qual não haverá reconciliação. Não estaremos reconciliados conosco próprios, com os Ideais. Estaremos fora do mundo religioso. Não será mais possível acreditar que possamos cumprir com o imperativo socrático “conheça-te a ti mesmo”. A conquista será podermos estar com Isso e dispostos a crer na vida.

A palavra espirituosa, o traço de espírito, enfim, o *Witz*, marca a persistência de um recurso também frente ao que restou. O que restou é bem pouco e nem poderia ser diferente, já que é como resto que se encontra o objeto causa do desejo. Podemos reconhecer nisso as possibilidades de situar o espírito da Coisa, de cada um poder dizer ao que veio, dar o ar da graça, e de encontrar um sentido novo para si na vida e na comunidade humana.

³⁷ Personagem da ópera *pop* de Arrigo Barnabé, de mesmo nome.

BIBLIOGRAFIA

ALLOUCH, Jean (1994) *Letra a letra – transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud/ Editora Campo Matêmico.

BAAS, Bernard (2001) *Desejo puro*. Rio de Janeiro: Ed. Revinter.

BAUDRILLARD, Jean (2001) *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

BERGSON, Henri (1991) *O riso. Ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

BREUER, Joseph e FREUD, Sigmund (1893) Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In FREUD, Sigmund (1969) *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Ed. Imago. Vol II.

CAILLOIS, Roger (1990) *Os jogos e os homens*. Lisboa: Ed. Cotovia Lda.

DIDIER-WEILL, Alain (1995) *Os três tempos da lei*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

DIDIER-WEILL, Alain (1998) *Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio e JUNIOR, Nelson Coelho (2000) *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Editora Escuta Ltda.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio (1994) *Escutar, recordar, dizer. Encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: Editora Escuta e Educ.

FREUD, Sigmund (1969) *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

____ 1890. Tratamento psíquico. Vol.I.

____ 1895. Projeto para uma psicologia científica. Vol. I.

____ 1895. Estudos sobre a histeria. Vol. II.

____ 1900. A interpretação dos sonhos. Vol. VII.

____ 1905. Sobre a psicoterapia. Vol.VII.

____ 1905. Os chistes e suas relações com o inconsciente. Vol. VIII.

____ 1911. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. Vol. XII.

____ 1913. Sobre o início do tratamento. Vol. XII.

- ___1915. Observações sobre o amor tranferencial. Vol. XII.
- ___1916. Conferências introdutórias à psicanálise. Vol. XV.
- ___1917. Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos. Vol. XIV.
- ___1919. O estranho. Vol. XVII.
- ___1920. Além do princípio do prazer. Vol. XVIII.
- ___1922. A cabeça de Medusa. Vol. XVIII.
- ___1925. A negativa. Vol. XIX.
- ___1925. Inibições, sintomas e angústia. Vol. XX.
- ___1927. O humor. Vol. XX.

GODOY, Luciano Marcondes (1995) Figura F: um chiste visual? In: *Revista brasileira de psicanálise*, Vol. XXIX. São Paulo.

GOLDENBERG, Ricardo (2002) *No círculo cínico. Ou caro Lacan, por que negar a psicanálise aos canalhas?* Rio de Janeiro: Relume Dumará.

GUIMARÃES ROSA, João (1985) *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

GUYOMARD, Patrick (1995) *O gozo trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

HUIZINGA, Johan (1975). *Homo Ludens*. São Paulo: Ed. Perspectiva.

KAUFMANN, Pierre (1993) *Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Ed. Brasileira Trad. Vera Borges e Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

KUPERMANN, Daniel (2003) *Ousar rir. Humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

KUSCH, Martin (2003) *Linguagem como cálculo versus linguagem como meio universal*. São Leopoldo: Ed. Unisinos.

LACAN, Jacques. (1998) *Escritos*. Ed. Brasileira Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- ___1945. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada – um novo sofisma.
- ___1949. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado pela experiência analítica.
- ___1951. Intervenção sobre a transferência.
- ___1955. A coisa freudiana ou o sentido de retorno a Freud em psicanálise.
- ___1955. Variantes da cura tipo.
- ___1956. O seminário da carta roubada.
- ___1958. A direção da cura e os princípios de seu poder.
- ___1964. Da trieb de Freud e do desejo do psicanalista.

LACAN, Jacques (1979-85) *O seminário*. Edição Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- ____ 1953- 1954. Os escritos técnico de Freud. Livro 1.
- ____ 1957-1958. As formações do inconsciente. Livro 5.
- ____ 1958-59. O desejo e sua interpretação. Seminário 6. (inédito)
- ____ 1959-60. A ética da psicanálise. Livro 7.
- ____ 1960-61. A transfêrência. Livro 8.
- ____ 1962-63. A angústia. Livro 10.
- ____ 1964. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Livro 11.
- ____ 1966. A lógica do fantasma. Livro 14.
- ____ 1967-68. O ato analítico. Livro 15.
- ____ 1969-70. O avesso da psicanálise. Livro 17.
- ____ 1973. Mais ainda. Livro 20.

LACAN, Jacques (1993) *Televisão*. Edição Brasileira. Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LEGUIL, François (1993) *A entrada em análise e sua Articulação com a saída*. Salvador: Ed. Escola Brasileira de Psicanálise.

LISPECTOR, Clarisse (1995) *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.

MILLER, Jacques-Alain (1995) *Irma. El cálculo de la interpretación*. Buenos Aires: Ed. Atuel-Anáfora.

NAFFAH, Alfredo (1998) *Outr' em-mim*. São Paulo: Ed. Plexus.

NASIO, Juan-David (1999) *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

POMMIER, Gérard (1989) *Freud apolítico?* Ed. Brasileira Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas.

RAMOS, Patrícia (2001) *La angustia – su razón estructural y sus modalidades clinicas*. Buenos Aires: Ed. Servicio de Psicopatología Del Hospital Gral Agudos.

ROUDINESCO e PLON (1998) *Dicionário de psicanálise*. Ed. Brasileira Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SAFATLE, Vladimir (org.) (2002) *Um limite tenso*. São Paulo: Ed. UNESP.

SAFOUAN, Moustapha (1993) *O fracasso do princípio do prazer*. São Paulo: Ed. Papirus.

SIBONY, Daniel (1992). Divisor de águas In: WAJSBROT, Cécile (org.) *A fidelidade. Um horizonte, uma troca, uma memória*. Porto Alegre: L&PM Editores.

SCHEINES, Graciela (1981) *Juguetes y jugadores*. Buenos Aires: Editorial de Belgramo.

SCHLEGEL, Friedrich (1997) *O dialeto dos fragmentos*. São Paulo: Editora Iluminuras.

SLEMENSON, Karin de Paula (2000) *Sem ou Cem? Sobre a inclusão e o manejo do dinheiro numa psicanálise*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Orientação: Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo.

SLEMENSON, Karin de Paula (2001) *Sem ? Sobre a inclusão e o manejo do dinheiro numa psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo Ed..

SZCZUPAK, Sueli (1991) *O xadrez psicanalítico. Início e final de análise em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

VIERECK, George S (1989 [1926]) O valor da vida – uma entrevista rara de Freud. In SOUZA, P. C. (org.) *Sigmund Freud & o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense.

VILLALBA, Ivete (1999) As operações analíticas (Transcrição de seminário realizado em São Paulo/SP)

WINNICOTT, Donald Woods (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

ZIZEK, Slavoj (1992) *O mais sublime dos histéricos*. Ed. Brasileira Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)